





Uanhenga Xitu
(Agostinho A. Mendes de Carvalho)

**“Mestre” Tamoda
&
Vozes na sanzala (Kahitu)**

CONTOS



DESTA COLECÇÃO

1 – Manana

2 – “Mestre” Tamoda e Vozes na Sanzala (Kahitu)

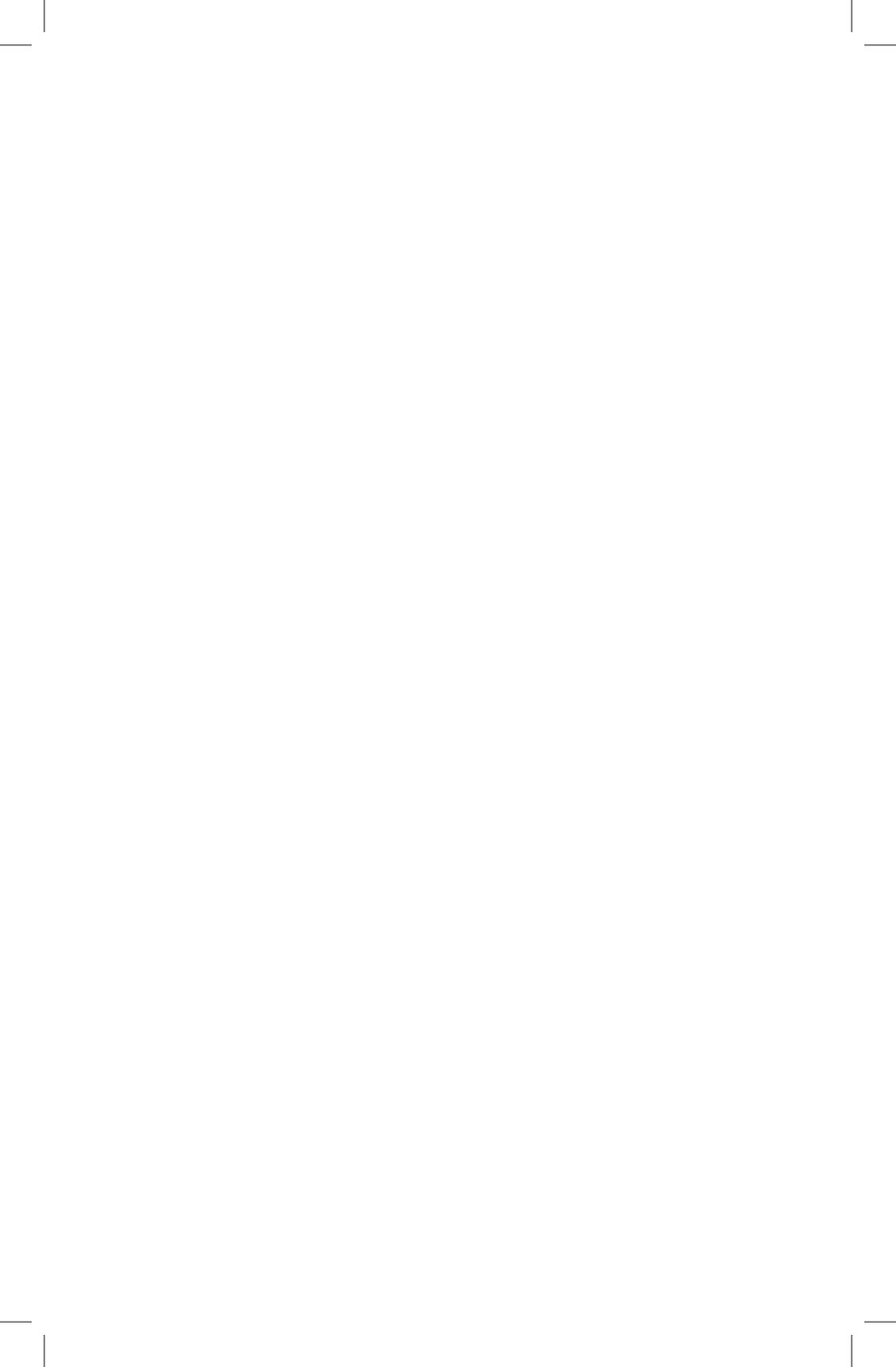
3 – Os Discursos do “Mestre” Tamoda

4 – Mungo (Os Sobreviventes da Máquina Colonial Depõem...)

5 – O Ministro

6 – Cultos Especiais

7 – Bola com Feitiço



UANHENGA XITU
(Agostinho A. Mendes de Carvalho)

**“Mestre” Tamoda
&
Vozes na sanzala (Kahitu)**

CONTOS



Editorial
Nzila

Colecção: BIBLIOTECA UANHENGA XITU – 2
DEZEMBRO – 2009
LUANDA

“Mestre” Tamoda & Vozes na sanzala (Kahitu)

Autor: UANHENGA XITU

© Uanhenga Xitu /Editorial Nzila, Lda, Luanda – 2009

Direitos reservados por Editorial Nzila, Lda

Colecção: BIBLIOTECA UANHENGA XITU – 2

Edição: Editorial Nzila, Lda.

Rua 9 – Talatona Park – A12, Talatona – Luanda Sul, Angola

Caixa Postal: n.º 3462

Telefax: 222 006082

E-mail: nzila@ebonet.net

Paginação e fechamento de arquivo: Luciano de Paula Almeida

Capa:

Impressão e Acabamento:

Tiragem: 2.500 exemplares

1.ª edição: Luanda, Dezembro de 2009

Depósito Legal n.º 4736/2009

ISBN: 978-989-631-173-5

ÍNDICE

| | |
|---|--|
| “Mestre” Tamoda | |
| Vozes na sanzala (Kahitu) | |
| Terminou o julgamento no tribunal militar territorial | |
| Foram condenados pelos tribunal militar territorial | |
| O tribunal militar de Luanda condenou mais 20 Réus | |
| Comunicado do Comando-Chefe das forças armadas | |
| Introdução | |
| Principais personagens | |
| Kahitu | |
| Kituta | |
| Escola | |
| Cartório | |
| Kizolexa | |
| Sai njimu, sai hete | |
| Kisoko..... | |
| Ndum ni mu Mbanza | |
| Kahitu | |
| Bibliografia de Uanhenga Xitu | |



“Mestre” Tamoda



À memória do saudoso e malgrado
meu compadre Kamundongo (Higino
Aires Alves de Sousa Viana e Almeida),
falecido em 11/1/1970, num
domingo. Morreu o Higino Aires!!!...

Tamoda, muito novo, dirigiu-se à cidade de Luanda, onde viveu muitos anos. Nesta, trabalhava e estudava nas horas vagas, com os filhos dos patrões e com os criados do vizinho do patrão. Assim, conseguiu aprender a fazer um bilhete e uma cartinha que se compreendia.

No último emprego, na casa de um Doutor que vivia solteiro, quando o patrão se ausentava para o serviço, passava o tempo a decorar e a copiar os vocábulos do dicionário. Aqueles vocábulos que lhe soavam bem.

Já homem e na idade de casar, abandonou a cidade e o emprego e voltou à sanzala¹ que o viu nascer.

Quando desembarcou na estação dos Caminhos-de-Ferro, sobraçava dois volumosos calhamaços e uma pasta de arquivo na mão. Duas maletas e um saco de pano branco que, além de outros volumes, foram levados pelos parentes que nesse dia iam ao seu encontro.

Em casa, na presença daqueles que o iam saudar, abriu a mala que trazia muitos romances velhos, entre eles um dicionário usado e já carcomido, algumas folhas soltas de dicionários, cadernos garatujados com muito vocabulário, um livro de Como se escrevem cartas de amor,

¹ *sanzala* – aldeia, lugarejo (N.E.).

outro de Manual de correspondência familiar e alguns volumes de leis.

O novo intelectual, no meio de uma sanzala em que quase todos os seus habitantes falavam quimbundo e só em casos especiais usavam o português, achou-se uma sumidade da língua de Camões. Ao dicionário apelidava: o ndunda – aliás, termo também aplicado, em quimbundo, a qualquer livro volumoso e de consulta.

Nas reuniões em que estivesse com os seus contemporâneos bundava², sem regra, palavras caras e difíceis de serem compreendidas, mesmo por aqueles que sabiam mais do que ele e que eram portadores de algumas habilitações literárias.

Quando em conversa com moças analfabetas e que mal pronunciavam uma palavra em português, o “literato”, de quando em vez, lozava³ os seus putos⁴. Porém, alguns deles nem constavam dos dicionários da época.

Era um “etimologista”, um “dicionarista”, que tinha descido na sanzala!

Quem o aturou mais, nessa sua maneira de se expressar em putos caros, em público, foi a namorada Mufula, com quem mais tarde veio a casar-se.

Como da cidade trazia dinheiro e podia pagar a alguém que lhe fizesse o trabalho de obrigação a que certo “morador” estava sujeito a prestar nas lavras dos sobas⁵ e de outras autoridades, o “dicionarista” tinha tempo de exhibir os seus fatos, trazidos da cidade.

A exibição era feita pelo período da tarde, quando regressava da lavra dos seus pais, e na altura em que, geralmente, todos os lavradores estão de volta dos campos.

Granjeava bastante simpatia dos jovens estudantes. E é nesta classe de “moradores” em que os seus putos tiveram terreno propício.

² *bundava* – intercalava, interpunha (N.A.).

³ *lozava* – intercalava, interpunha (N.A.).

⁴ *puto* – português. De “Puto”, que significa “Portugal” em quimbundo (N.E.).

⁵ *soba* – chefe tradicional (N.E.).

Aguardava pela passagem dos moços quando voltavam da escola. Os garotos ouviam o “mestre” Tamoda com grande interesse. Alguns deles tomavam notas nas ardósias e nas capas dos cadernos do vocabulário que o “mestre” ia ditando. Nem sempre havia tempo de tirar o material para tomar nota dos apontamentos, o que os alunos faziam nas suas coxas ou nos antebraços negros como a cor da ardósia. O ditado era rápido.

Nas reuniões juvenis, cada garoto, para mostrar a sua capacidade intelectual, de vez em quando intercalava um vocábulo na conversa, quer tivesse ou não relação com o assunto. Porém, a confusão era tanta que cada um só sabia o que continha a sua folha. A fama do Tamoda, difundida pelos garotos, dominava as povoações, incluindo gente feminina, que, geralmente, não frequentava a escola.

Distribuía folhas soltas de dicionário, para serem decoradas pelos miúdos e eram encaixadas com mais facilidade que o ditongo, sílaba e adjetivo do professor oficial.

O mestre era tão querido pelos seus petizes que quando passava, todo ele janota, vestido de calções e camisas bem brancas, meias altas e capacete também da mesma cor do fato, sapatos à praia com lixa⁶, ouvia-se o coro dos rapazes que tributavam ao Tamoda:

– *Lungula*⁷, Tamoda!... *Lungula*, Tamoda!

Tamoda, na cadência das vozes e do sapato a chiar, ia marcando o ritmo com a cabeça e os ombros, muito esticada e sorridente, e lungulava como um kingungu-a-xitu⁸:

“... Ié-ié, ié-ié, ié-ié (o chiar do sapato)... Ié-ié, ié-ié”, que era correspondido com a vozeria dos garotos: “*Lungula, Tamoda! Lungula, Tamoda! Lungula, Tamoda!*”.

O “mestre” volteava-se cerimoniosamente para os seus fãs com o

⁶ *sapatos à praia com lixa* – sapatos de cor branca e preta que rangem ao andar (N.E.).

⁷ *lungula* – Ginga (N.A.).

⁸ *kingungu-a-xitu* – grande pássaro do mato, também conhecido por peru-do-mato (*Kinginguaxitu* ou *kingungu*) (N.A.).

sorriso a relancear-se-lhe na face, e repetia pausadamente, em sua voz grossa, as palavras gritadas: “ Lungula, Tamoda!” – ao mesmo tempo que, com o capacete entre os dedos e mal pousado na cabeça, fazia com garbo uma vénia de diplomata.

Os garotos, radiantes com a saudação, mais gritavam:

– Lungula, Tamoda! Lungula, Tamoda!...

Às vezes, os garotos acompanhavam o chio dos sapatos com o estribilho de “*uá, uákala-uá! Uá-uá, uákala-uá ngasumbile kiá jakuké...*”⁹

Tamoda, com uma mão no *kimokoto*¹⁰ e outra no capacete, girava sobre si e encarava a rapaziada, todo radiante, ao mesmo tempo que estremecia o pé e cumbuacumbuava¹¹ a cabeça sorrindo.

No lar e na rua os resmungos dos miúdos eram feitos em português do Tamoda, o que criava dissabores aos “estudantes”. Porque os pais e manos que não compreendiam o significado da palavra interpretavam-na como asneira, o que se pagava com uns bons açoites.

– Mano Tamoda, a gente quer saber o feminino de muchacho! – perguntaram dois garotos duvidosos e na altura em que o “mestre” saía da cacimba de banho.

– O feminino de muchacho é “muchachala”! – respondeu prontamente o “mestre”, senhor de si e o único a quem se podia consultar nas dúvidas.

Os garotos, Kidi e Kuzela, saíram a correr, satisfeitos, para divulgarem o novo vocábulo, a acrescentar aos outros como: “mucama, embasbacado, cavalgadura, cavaldagem, mequetrefe, caviloso, sundéifulo, carabaixa, bajoujo, gentiga, jocoso, grageu, vasca, zoomorfo, zornar, lamecha, xucro, xéta, caduco, panhonho, pacóvio, laráprio, manganar, biltre, basbaque, vagabundo...”.

⁹ *uákala-uá...* – o chio do sapato (N.E.)

¹⁰ *kimokoto* – ilharga (N.A.).

¹¹ *cumbuacumbuava* – meneava (N.A.).

Porém, o novo vocábulo de “muchachala” não vigorou muitos dias, porque é parecido com uma palavra em quimbundo: muxa-xala, que significa sulco nadegueiro ou via retal.

As rapariguinhas que eram tratadas por “muchachalas” com o significado de moça, jovem, corriam para se queixarem aos pais, quando elas não podiam sovar os novos “acadêmicos”. Os pais ou manos daquelas não tardavam a aparecer, para fazer contas com os discípulos do Tamoda.

– *Muxaxala uanhi, inn?! Ja Tamoda-zé!?!... Kiene?!...*¹² – inquiriam os pais das garotas. Em seguida, puxãozinho de orelhas, palmadas e umas chicotadinhas bastavam para fazer esquecer o feminino de muchacho.

Os moços estavam tão interessados em decorar o dicionário que, na sanzala, as folhas soltas de *jindunda** eram procuradas a todo o custo.

Muitos pais ficaram com os dicionários incompletos, nesta gana de aprender, porque os filhos arrancavam as folhas para as trocar, por 50 a 100 castanhas de caju cada folha, aos outros que andavam à procura.

Uma noite, Kidi e Kuzela foram ao *sungí*(8) onde o Tamoda, afastado um pouco do grupo dos outros pernoitadores, conversava com a namorada, a Mufula.

Meia hora antes, já tinha corrido com alguns miúdos que não lhe deixavam conversar à vontade.

– Ó Tamoda, boa noite. Como vai a vida? – saudou o Bento, seu contemporâneo.

– Olá, Bento, eu sempre na excelência com a minha cachopa.

– Mano Tamoda, cachopa é quê? – perguntou Kuzela.

– Cachopa é donzela.

– Donzela é quê? – interrogou Kidi.

– Donzela é ninfa.

¹² *Muxaxala uanhi, inn...* – *Muxaxala de quê, hem?! São os putos do Tamoda, não é?! (N.A.).*

¹³ *jindunda* – dicionário (N.E.).

¹⁴ *sungí* – lugar de serão (NA).

¹⁵ *tundam* – saiam (NA).

– Ninfa é quê?

– Ninfa é muchacha ou “muchachala” ...

– Xé, miúdos de merda, seus sacanas! Está a chatear mais velho porquê? Pessoa pergunta-pergunta mais e não engula cuspe; tundam(9) daqui!!! – disse o Bento, muito aborrecido com Kidi e seus companheiros.

– Não, Bento, deixa os muchachos perguntarem... Eles querem desnublar a ebiótica e etogenia.

– Está bem, perguntar também tem hora. Não deixa mais você com o coração sossegado! E não deixa também você falar com vontade com Mufula!

– Não faz mal, Mufula não tem cachonda¹⁶ – disse o “mestre”, sorrindo abertamente como era seu hábito. – Vamos, meus muchacharia, perguntem à vontade. A cabeça do Tamoda é um ndunda (ah!, ah!, ah!, ah!) ... – o mestre dava gargalhadas.

– Perguntem sempre, não é assim, Mufula? Responde, ou estás com entojos de domingo? (ah!, ah!, ah!...).

Kuzela e companheiros desejavam fazer mais perguntas mas tinham medo do Bento, que conversava agora com Mufula. Esta sorria com as pilhérias do namorado e sentia-se feliz por ser noiva do “homem de *ndunda*”, como às vezes era alcunhado o Tamoda.

Alguns rapazes, para se não esquecerem do novo vocabulário acabado de ouvir, monologavam baixinho: cachonda-cachondear... cachonda, cachonda, cachonda, cachopa, cachopa, donzela, ninfa, cachonda, cachondear, ebiótica, etogenia...

– Mano Tamoda, a gente só queria dizer que português de “muchachala” está a dar porrada, então. Estão a dizer que é dis-paratar e mesmo no dicionário não tem...

– Quem é que disse elevíssima patranhosa? – exclamou Tamoda,

¹⁶ *cachonda* – cio das cadelas e fêmeas em geral (N.E.).

muito indignado e ofendido. – Vejam lá que muchacharia não está no dicionário!? Estes dicionários que andam por aí com esses basbaques são infíssima folhagem do ndunda do Doutor onde Tamoda se evidenciara!... Que descoco, que descoco! É chufa! É chufa! Estou metido no vulto de cavalgaduras, cambadas de cameliformes!!!

– Vuua¹⁷, que puto, Tamoda, é chufa, é chufa, grande puto de Tamoda, *já Tamoda da Kiá*¹⁸ ndunda de Tamoda saiu! *Kuene o puto*¹⁹: é chufa, é chufa – imitavam e gritavam os garotos numa algazarra de júbilo, por ouvirem a fluência do “dicionarista”.

–... que discoco – que discoco, é chufa, é chufa – agora era uma cantiga dos alunos.

Kidi e o amigo deixaram Tamoda, que também já ia despedir--se da noiva, e dirigiram-se a uma fogueira onde moças assavam castanhas de caju, numa chapa larga de zinco.

A resina que deitavam as castanhas alteava de tal forma o fogo, como se o lume fosse alimentado de gasolina; vum-vum, vum... – estalavam as castanhas. De vez em quando algumas saltavam da assadeira e vinham ter à rapaziada de volta.

Foi nessa altura que algumas castanhas vieram morrer aos pés de Kuzela. Este pisou-as. Mas não aguentou a quentadura e com jeito de pé chutou algumas para longe – apanhá-las-ia mais tarde. Da assadeira continuavam a pular castanhas. Kidi vergou o tronco, despistando a vigilância das donas, apanhou algumas e meteu-as no bolso, mas a coxa aqueceu e atirou-as longe com subtileza.

– Kuzela, dá castanha que escondeu aí nas pernas! – pediu a Sabalo, uma das três raparigas que as assavam.

– Não tem castanhas.

– Tem, eu vi bem...

– Também esse Kidi pôs castanhas na gibeira, dá castanha! – disse a

¹⁷ *Vuua* – Viva! (N.A.).

¹⁸ *já Tamoda da Kiá* – os putos do Tamoda em acção, ei-los! (N.A.).

¹⁹ *Kuene o puto* – que grande português, que português excelente (N.E.).

Kinoka, uma das donas.

– É mentira, não tenho castanha, veja só, veja só – Kidi revolve o forro dos bolsos. – Você pega só ladrão sem nada, grageu de merda!...

– Grageu, eie muene²⁰.

– Cala mazé²¹, seu panhanha.

– Panhá eie muene, mequetrefe ié, pacovi ié! – respondeu Kinoka, toda ela afinada no português de Tamoda.

– Não te admito que mim me chama mequetrefe, pacóvio.

Não admito, mucama de merda, sundéifula²².

– *Sundéifili eie muene, nguetu kié jiputu já Tamoda ben 'aba*²³, a gente quer só castanha no chão agora mesmo – replicou Kamanhi, uma das companheiras. A Kamanhi era rabanca²⁴ e já empurrava Kuzela. Alguns garotos pulavam, incitando a luta.

– Ó Kuzela, vamos embora, deixa lá estes janotas, cavídias²⁵, berzundas²⁶ – gritou Kidi, muito vaidoso.

De repente surgiu o irmão mais velho da Sabalo, que fora chamado para enfrentar os discípulos do Tamoda que procuravam demonstrar a cultura.

– Que raio é esta?...

– Sim, mano João, é estes, andam viri aqui com putto de Tamoda e roubar castanhas. Quando a gente fala começa a disparatar...

– Ai é? Final venha aqui com putto de roubar!? Este putto de caviia, caviia bersundo, bersundo é português que falou como? – Eu falou cavídia e berzundas – respondeu Kidi, preparando-se para fugir.

– Está bem, caviia, cavidi é mesma coisa. Mas é putto que disse como, é putto de quê, *zuela iambe kié?!...*²⁷. E este putto de bersundo, bersundo final é putto de disparatar de verdade! A gente costuma só

²⁰ *eie muene* – é você; és tu (N.A.).

²¹ *mazé* – mas é (N.E.).

²² *sundéifula* – vulva (N.E.).

²³ *nguetu kié jiputu...* – tenha paciência, por enquanto não queremos português do Tamoda cá (N.A.).

²⁴ *rabanca* – briguenta (N.E.).

²⁵ *cavídia / caviia / cavidi* – roedor (N.E.).

²⁶ *berzunda (ou berzundela)* – bebedeira (N.E.).

ouvir que veio puto de Tamoda, final é puto de disparatar mesmo!...

Os dois moços abriram caminho na aglomeração de gente e deram às de vila-diogo.

– Agarra, agarra! – eram seguidos com gritaria e arremesso de pedras e de achas incandescentes.

No outro dia, na escola, e na hora da leitura, três alunos e duas alunas estavam sentados diante da professora, num banco comprido.

Enquanto Kuzela lia de pé, a sua colega Júlia cabeceava.

– Júlia está a cachondear... – cochichou Kidi no ouvido de Helena. Esta sorriu.

– Que estás a rir, Helena? É hora da lição ou de brincadeira? – perguntou a professora.

– É o Kidi que disse que a Júlia está a cachondear, e eu ri...

– E isso dá alguma graça para rir? E tu, Kidi, quem deu autorização para falar?

– Perdão, sô-psora...

– E o que quer dizer cachondear?

– Cachondear é cabecear.

A professora virou-se, reparou que alguma coisa não estava sobre a secretária encostada à parede. Pensavam os alunos que a professora andava à procura da vara ou da palmatória.

A professora saiu para a sua residência, que ficava a uns passos. Aula interrompida.

Na ausência da mestra, alguns alunos passaram a falar alto, comentando. Outros apontavam para Kidi, Helena e Júlia como sendo as vítimas da sova do dia. Kidi andava sobressaltado com a interpretação de “cachondear”, pois não se achava bem seguro com o significado. Acrescia ainda a agravante de que os colegas Oxai, Mbelengenze, João, Pedro, não tinham vindo nesse dia. E eram esses que tinham as folhas do dicionário respeitantes à letra C, e de C até CAT.

27 é puto de quê, zuela iambe kiê?! – o que significa este português?! (N.E.).

Quando a professora entrou sobraçando um volumoso dicionário ilustrado, o silêncio voltou a reinar na aula. A professora fazia a vez do marido, que se encontrava em Luanda, para poucos dias.

– Então, ó Kidi, o que quer dizer cachondear?

– É cabecear, sô-psora – disse o garoto muito apreensivo.

– Quem te ensinou este português?

– Nós ouvimos ontem no *sungi*, sô-psora.

– De quem?

– Do mano Tamoda, sô-psora...

– Então, para se esquecer dele, vais levar uma lição.

E o rapaz foi cruelmente palmatoado e varado.

– Fiquem já avisados – dizia a professora, dirigindo-se para os alunos.

– Não quero palavras do português do Tamoda cá dentro e nem lá fora. E todo o aluno que for denunciado que continua a usá-lo será castigado. E como exemplo está aí o vosso colega. – Kidi ainda choramingava e torcia-se. – Nada do português do Tamoda. Em vez de estudarem a matéria da escola passam o tempo a decorarem disparates!...

A seguir a esta prelecção, a professora, com a ajuda dos alunos mais crescidos, fez uma busca geral nos livros, pastas, carteiras e bolsos dos alunos. Conseguiu caçar folhas soltas de dicionários, além de cadernos completamente cheios de putos do Tamoda. A última parte da aula limitou-se a isso.

Da escola a casa, pelo caminho, os fás do Tamoda vinham a comentar a estupidez da professora e do ódio que o “povo-cavalgadagem”, nos dizeres do Tamoda, mostrava contra o “homem de *ndunda*”.

Nos cadernos que os pais compravam para exercícios, o professor, depois de regressar, encontrou muitos vocábulos que não constavam em nenhum dicionário português. Eram de invenção de Tamoda, e muitos deles de significação pornográfica.

O Curso do Tamoda encerrado.

Uma ocasião o “mestre do português novo” foi chamado pela autoridade para se identificar. Tinha sido denunciado como um

mandrião e sem documentos. Também o facto de alcunhar os cipaios²⁸ de verdugos ou fintilhos, e aos quimbares²⁹ de panaças, de pacaios, criara-lhe antipatia junto das autoridades.

Independentemente disso, os frisos de cabelos que introduzira na gente nova, para ter o cabelo igual ao seu, provocaram queimaduras na cabeça.

A afamada Kikema – processo de fazer frisos – estava tão propagada que os pais, educadores e autoridades sanitárias viram--se em apuros para impedi-la. O culpado disso era o indesejável “professor de português”.

Eram sete horas da manhã quando o Tamoda chegou ao edifício de Administração do Concelho.

Na varanda do Posto Sede de Catete, o “mestre” passeava de um lado para outro, sobraçando dois volumes de leis: código civil e código penal, já velhos. Estavam forrados de pergaminho e timbrados em letras douradas. Os livros traziam o carimbo do leilão onde tinham sido adquiridos, quando trabalhava na cidade.

– Negro como era e passear assim com sapatos a chiarem e de capacete na cabeça! Não... este não era um gajo qualquer. Ou é engenheiro ou é doutor ou é estrangeiro – murmuravam os outros pretos que aguardavam pela hora da entrada dos funcionários.

– *Mona ngan’ô*³⁰, bom dia – cumprimentou uma velha.

– Bom dia – respondeu Tamoda sem olhar para quem o saudou, e continuou nos seus passeios: “ié-ié, ié-ié” – faziam os seus sapatos.

A velha não gostou do Tamoda e pôs-se a murmurar com as outras.

– Vamos-lhe perguntar ainda, cada veji³¹ é nosso filho que andam lá nas terras de longi e já não nos conhece mais.

– Para que perguntar? Ele mesmo quando passa na gente parece já é branco ...

²⁸ *cipaios* – policiais africanos, encarregados de policiar a população africana no tempo colonial (N.E.).

²⁹ *quimbar* – regedor (autoridade administrativa) (N.E.).

³⁰ *Mona ngan’ô* – senhor, filho de fulano (N.E.).

– Ah! Vou perguntar. São filho da gente e saber um outro não é mal. Se é pessoa de respeito não vai disparatar um velho que pode ficar como pai dele.

Tamoda, sempre que passava pelo grupo, ouvia os comentários que faziam à volta de si, mas não queria nada com eles.

“Pessoa que vai falar com o Senhor Administrador, não vai dar conversa com estes cavalgadas, aqueles verdugos, fintilhos. Mesmo aquele velho que está a falar parece-me um ‘panaça’ e querem confiança comigo. Bom dia e já chega. Veja lá se chegar agora o Administrador ou Secretário e encontra Tamoda em ‘croniquizamento’ com esta ‘gentalha’!... Vai pensar o Adminis-trador que Tamoda é da ‘igualhagem’ dos mucamas; e ainda vai pensar que Tamoda é pessoa de lupanar, carambas!!! Eu não tenho empáfia, mas aqui a confiança é pouca. Porque se um cair tem de levantar o outro, agora se todos nós cairmos na mesma corda, por sermos da ‘igualhagem’, ninguém se salva. Por isso Tamoda tem de ficar longe dos ‘analfabeteiros’. Lá na sanzala está bem: mano aqui, tio aqui, primo lá e todos os cavalgadas podem comer, dormir, dançar com Tamoda...” de si para si Tamoda comentava:

Do regresso de um dos extremos da comprida e vasta varanda, passou pelo banco dos cipaio, onde estavam três deles sentados. Ao chegar em direcção de um grupo de homens que vinham tratar dos seus assuntos, alguém para ele se dirigiu. Tamoda parou.

– Senhor, desculpa. A gente está a ver só pessoa-que-passa, pessoa-vai, pessoa-que-passa, pessoa-que-vai, mas cada veji pode ser nosso filho que não conhece mais a gente. O senhor favor dizer só, se você é de onde é?

– Sou cidadão Tamoda, que veio atender petição de Excelência Administrador e Juiz Instrutor, por causa das “facultagem” imponente da craveira sapiencial do Tamoda...

O velho que perguntara ficara na mesma. Apenas abanava a cabeça,

31 *cada veji* – às vezes (N.E.).

admirado pela fluência com que o homem falava o português. Os cipaio e outra gente que estavam enchendo a varanda aproximaram-se do homem culto. Mas Tamoda, mal respondeu, deu costas e voltou ao seu passeio, cheio de importâncias.

– Estes rapazes, quando saem na cidade, pensa já não é pessoa da terra – cochichou um dos cipaio para os outros.

– Mas o gajo põe puto tudo de dicionário. Deve ser funcionário.

– Quem?! *Aka mukuá tubaa maié!... kingilé, o jiboto ojo nhi capacet'oko tuondo musumbe eko mumakoka...*³²

– Não diga assim, como o rapaz está a falar não é pessoa que vai ficar na enxada ou na estrada!

Quando o Secretário e os Aspirantes atravessavam a varanda para o gabinete, Tamoda descobriu a cabeça e com o capacete na mão disse alto:

– Salve, Vossa Excelência, Secretário do Império!

Este parou um pouco, correspondeu ao cumprimento com uma vénia e, virando-se para os Aspirantes, sorriu discretamente. O mesmo fizeram aqueles.

– Está a ver, este não dá para lhe dar uma bengala³³.

– Não dá porquê? Mas já lhe bateste a bengala?

– O nosso cabo, eu queria lhe dar mesmo o *kitukulu*³⁴, mas tem língua muito depressa, *puto menha*³⁵. Quando o nosso cabo vê um preto falar muito português na Administração, não dá para lhe pedir matabicho, pode-te queixar na Administração, é perigoso. Vale mais pedir um branco. O nosso cabo não lembra mais que passou com nosso Kambengala?

A secretaria estava em movimento. As máquinas de escrever estalavam ritmo de batuque e o pessoal que esperava na varanda começou a ser

³² *Aka mukuá tubaa maié!... – Alguns são pelintras, uns zés-ninguéns!... Espere, não tarda muito que fique sem esses sapatos e o capacete à troca de mandioca (N.A.).*

³³ *dar bengala – pedir gorjeta (N.A.).*

³⁴ *dar o kitukulu – o mesmo que dar bengala (N.E.).*

atendido. Tamoda continuava a dar as suas voltas, aguardando a vez. Não tardou muito.

– O senhor, o siâ-secretário manda perguntar se quer alguma coisa – anunciou o cabo dos cipaios para o Tamoda.

– Trago ofício-trânsito³⁶ remetido a Sua Excelência Administrador de Circunscrição e Concelho de Icolo e Bengo, em Catete...

O cabo voltou, mas segundos depois veio novamente para pedir o ofício-trânsito.

O Secretário leu a guia passada pelo Chefe do Posto. Viu o número das notas nela referenciadas. Consultou a correspondência trocada entre o Delegado de Saúde e o Administrador, e este com o Chefe de Posto, por fim sorriu... Estava diante de um finório – disse o Secretário consigo.

O cabo dos cipaios voltou para a varanda onde o “mestre”, de calças brancas, camisa de boa popelina, casaco de seda-da-china, fazia chiar os sapatos à praia, bem branqueados e engraxados.

O cabo não ligava à conversa dos colegas. Matutava como dar a bengala ao homem dos sapatos de lixa, antes de chegar o Administrador. Criou coragem e interpelou Tamoda:

– Ó senhor, o Dimixi³⁷ demora... Mas se precisar voltar depressa é só falar com a gente. A gente aqui com este farda (picava o dedo na sua farda de caqui) já costuma ajudar até brancos que venham aqui... Bem, aqui em Catete é quente, *mutu uatokala udi-fikidila*³⁸.

– Está bem, não há urgentíssima, desejo falar é com o Juiz Instrutor – respondeu Tamoda e ia meter costas, quando o cabo atirou outra bengala.

– O senhor não fuma? Queria um cigarro, favor só...

– Fumar nicotina que “ensambleia” o juízo e as vias aéreas e bocágicas, não, Tamoda não admite isso!

³⁵ *puto menha* – português como água (fala fluentemente o português) (N.A.).

³⁶ *ofício-trânsito* – guia de apresentação, documento administrativo da época colonial (N.E.).

³⁷ *Dimixi* – administrador (N.A.).

O cabo ficou aborrecido com o malogro dos seus planos.

Afastou-se, resmungou e, dirigindo-se para os colegas, disse:

– Deixa estar, a gente vai-lhe garrar, só se o sacana volta já hoje para Luanda. Mesmo quando o senhor Secretário estava a ler a guia dele, todos estavam a rir. É um bandido, *kabála*³⁹.

– Este nosso cabo também, então pessoa que leva bengala, não lhe vê nas costas dele? Este rapaz desde que chegou aqui *putu mu putu, muene u di-ta-né?*⁴⁰

Eram nove horas e meia quando o Administrador desceu da carrinha⁴¹, em frente da Administração. O cipaio correu para tomar a pasta das mãos do Administrador. Antes levou a mão à pala, fazendo continência. O chefe do Concelho subiu a escada que dava para a ampla e arejada varanda do edifício.

Tamoda tirou os livros da axila e aprumou-se para saudar a autoridade que ele aguardava desde pela manhã. Quando o Mixia⁴² passava, os cipaio alinharam para a continência. Outra gente sentada e distraída foi mandada levantar. E o Tamoda, que se aprumara próximo da porta de entrada, saudou:

– Seja bem-vindo, Vossa Senhoria Excelência do Concelho!
– Com um aceno de mão e sem olhar para o Tamoda, o Dimixi correspondeu.

No fim de duas horas tocou a campainha do gabinete do Dimixi – trirri-immmmm – ... O cabo correu, passado um instante voltou à varanda:

– O senhor é o senhor Domingos João Adão?
– É o sumo Tamoda, criado de você...

³⁸ *mutu uatokala u-di-fikidila* – a pessoa deve arranjar um apoio; cunha; protecção (NA).

³⁹ *kabála* – zé-ninguém; coitado (N.E.).

⁴⁰ *putu mu putu, muene u di-ta-né?* – só fala português e com uma rapidez extraordinária, é com este que te queres meter? (N.A.).

⁴¹ *carrinha* – caminhonete aberta, tipo pick-up (N.E.).

⁴² *Mixia* – o mesmo que Dimixi (N.E.).

– Você não, não admito. Eu está a chamar o senhor como é senhor, porque está me dizer você?! – disse o cabo, muito ofendido.

– Espera, você não é disparatar, quer dizer Vossa Excelência. Ouvei dizer muitas vezes, nas casas dos Doutores que trabalhei, você, vossemecê, vossa senhoria, portanto...

– Aqui em Catete é quente, o português tem de ficar ainda na trás. Vamos, o senhor Administrador chamou; mas esses livros não pode entrar com ele.

– Porquê? Desejo desassombrar, croniquisar, elucidar e esclarecer o senhor Administrador nestes livros (batia neles com os dedos, ao de leve).

– Não pode, lá no Luanda está bem, aqui em Catete a gente costuma ficar os livros aqui no banco. Aqui não tem roubador..

Tamoda (este nome é alcunha e gostava muito dele, foi-lhe dado pela rapaziada quando garoto, sete anos, e poucos o não conheciam por outro nome) não conseguiu levar o cabo. Pousou o capacete e os livros no banco. Na pequena sala de espera o cabo abriu a porta do gabinete e disse para o Tamoda entrar.

– Ilustre Excelência, autoriza o cidadão avançar no seu “gabinéfílo”?

– Entra só, aqui dentro o português pára, e o português fica ainda fora, vamos! – respondeu o cipaio no lugar do Mixia, que assinava um montão de papéis que se levantava da secretária.

Desde que entrara o Administrador, não ligara ao homem, continuava a ler e a assinar notas e ofícios. O cabo com Tank⁴³ ia mataborrando as assinaturas e as observações de despachos. Silêncio.

– Você está na frente do siô Administrador e começa fazer dançar a pena? – acusou o cabo, cortando o mutismo que reinava no gabinete, onde só o farfalhar dos papéis e os sons ténues deixa-dos pela caneta davam sinais de vida.

O Dimixi olhou seriamente o acusado, enquanto estremecia a mão que segurava a caneta para mais umas assinaturas... Reconheceu

que era uma calúnia do cipaio, e continuou o seu labor. Mas Tamoda olhava ameaçadoramente o cabo. Muita coisa lhe passava pela cabeça. Conteve-se.

– Estes “carcinhas”⁴⁴ quando sai no Luanda não fica mais com respeito de autoridade... Hum!... Então você no gabinete e com o siô Administrador fica com as mãos no *kimokoto*? – mais uma insinuação do cipaio.

Dimixi olhou para o homem e depois para o cabo, mas um olhar inquiridor, e voltou a assinar os papéis. Tamoda mudou da posição de mãos cruzadas atrás (e não nas ilhargas, como lhe acusara o cipaio) para cruzá-las à frente. Não estava a gostar da interferência malévola do cipaio e, mais, a querer ensinar-lhe regras de boa educação.

“Eu já trabalhei como criado do Doutor Desembargador, de generais e coronéis, de médicos de grande fama no Hospital Central de Luanda, contínuo de ‘eminência’, advogados, este fintinho, mequetrefe, basbaque, cavalgadura do cipaio, ximba⁴⁵ de merda, *kabujanganga*⁴⁶, sundéfulo a pensar que sou da igualhagem, porquê?... Se o senhor Administrador ainda não me atendeu é

porque está a trabalhar e não porque não me reconheceu o valor. Porque mesmo no gabinete do Doutor Juiz Desembargador e do Advogado onde trabalhei guardava silêncio até que o superior nos perguntasse. Este verdugo do raio está muito enganado” – ruminava o Tamoda.

– Ó home, você deve ficar sossegado, as mãos não fica no peito quando está com siô Administrador, as mãos fica aqui (indicava). Você nunca andou na tropa⁴⁷, não é?

Tamoda pigarreou atrevidamente. O Mixia abandonou o gabinete, dirigiu-se ao WC, abriu a porta, fechou-a sobre si e ali sorriu-se à vontade

⁴³ *Tank* – marca de mata-borrão (N.E.).

⁴⁴ *carcinhas* – corruptela de calcinhas, africano que copiava a maneira de vestir dos europeus (N.E.).

⁴⁵ *ximba* – cipaio (N.E.).

⁴⁶ *kabujanganga* – roedor semelhante ao esquilo que exala odor desagradável (N.E.).

das impertinências do cabo e da reacção denunciada do Tamoda. Na ausência, o cipaio chegou-se ao Tamoda e falou-lhe no ouvido:

– Aqui em Catete é quente, nunca ouviu falar? Vocês quando venham aqui precisa trazer cigarros para a gente que não ganha nada...

O “mestre”, com vontade de esganá-lo, deu costas e olhava pela janela de cortinas coloridas. Despertou quando regressou o Administrador.

– Bem, bem, vamos ver o assunto deste excelência. Mostra-me os teus documentos, identifica-te...

– V. Ex.^a, V. S.^a, Sumo e Ilustre, exige a coaptidão de um recipiendário?

– Identifica-te e deixa-te de coaptidão. Foste acusado de vadio, sem documentos e além disso esteve cá o Sr. Dr. a queixar-se de que estás a provocar queimaduras nos garotos com quiquema – aquela casca de mubanga e o fixador de mutamba, além de outros ingredientes e o ferro de engomar que andas a meter na cabeça das crianças. Também o professor se veio queixar de que andas a ensinar português de disparate na sua escola. Como vês, quero saber de quem se trata. Lá da cidade trazem vícios e querem passá-los à juventude da área...

– Eu, V. Ex.^a, V. S.^a...

– Apenas quero os documentos e o resto fica para mais tarde, já disse...

– Mas V. Ex.^a Ilustre...

– Documentos, rapaz! – bradou o Mixia, que estava a perder a paciência. Deixou de assinar e olhava ameaçadoramente para o “mestre” de português. Abandonou de novo a sala para o gabinete do Secretário.

– Ó senhor, eu não disse que aqui em Catete é quente? Aqui o senhor Administrador só quer os documentos, *jiputu pal’ anbi, uondo temexe ngó o mundele!*⁴⁸ – interveio o cabo na ausência da autoridade.

– Mas eu quero explicar.

⁴⁸ *tropa* – exército (N.E.).

– Mas explicar mais quê? Você está pensar que está na Mbanza⁴⁹ do soba ou quê? O branco disse que é documento, é documento e pronto, para que mais explicar? Vocês rapazes quando fica já na cidade parece já Administrador também! – disse o cabo palmeando numa atitude de admiração.

Voltou o Administrador.

– Vá, explica lá, mas depois quero os documentos.

– Sumo, Excelência, aquele professor preto é difamado e o senhor chefe do Posto não inquiriu bem com a averiguação penicil a consequência do kikema para instalar os autos ao Sr. Dr. Tudo é chufa, é chufa. Eles têm raiva de mim porque ensino português e os miúdos me gostam. E pessoa como interlocutor, nos termos do Código Civil, do Código Penal, do Código Comercial, Tamoda não é mucama, não é mequetrefe, não é grageu, não é basbaque, não é panhonho para andar fazer trabalho de igualha cavalgagem, sem soldo...

A autoridade depois de tanto olhar para ele... fez sinal ao cipaio e o “catedrático” foi enxovalhado. Como documento o “interlocutor” apenas tinha o de há dois anos. A caderneta⁵⁰ do ano em curso emprestara a um amigo, em Luanda, para se livrar das rugas (naquele tempo as fotos nas cadernetas não eram obrigatórias), até que arranjasse dinheiro e pagasse o seu.

– Vais para a tua sanzala e dentro de um mês quero o imposto pago. E deixa-te de te meteres com as crianças e seus pais. Se voltar a ouvir que continuas com “queimaduras” e com as aulas de português pornográfico, desterrar-te-ei para muito longe daqui.

Para a varanda Tamoda ia com as mãos cruzadas e bem aquecidas perante a satisfação do público e sobretudo dos cipaios. – *Ndandu iami*⁵¹, quando venham aqui precisa ficar um bocado obediente...

⁴⁸ *jiputu pal’anbi...* – muito português para quê? Só vais irritar o branco! (N.A.).

⁴⁹ *Mbanza* – tribunal ou palácio do soba (N.A.).

⁵⁰ *caderneta* – documento pessoal da população africana no tempo colonial; os brancos usavam bilhete de identidade (N.E.).

português de ndunda é lá na cidade, está ouvir, mano Domingos? – dizia um cipaio em tom da chacota.

– Está bem, mas eu não falei mal.

– Pronto já, ouviu? Pega já nos livros (mal ele procurava levantar os códigos) e vai fazer como o Dimixi disse. Mesmo o mano tem sorte, disparatar o Dimixi e não ficar no castigo.

– Mas eu não prevariquei, só “verbesiei” eloquentemente...

– Eh!! Pronto já, puto mais para quê, *puto menha, puto menha má'kuene dijimu!*⁵² Quando venham aqui primeiro é ainda falar com a gente que conhece as coisas, não é só viri safuá⁵³. Mesmo o senhor se nos molhasse só as mãos quando chegou a gente trava-lhava tudo – aconselhou e rematou o cabo que se juntara ao grupo dos colegas que motejavam o mestre e procuravam dar-lhe o “*kitukulu*” de misericórdia.

Era noite quando Tamoda chegou à sanzala. Porém a notícia do enxovalhamento chegara mais cedo. Os seus amigos o aguardavam para o saudar. Esteve lá.

– Oh! O gajo bateu-me porque lhe disse quatro portuguesas “furacadas” que lhe deixaram embasbacado... Ah, *uakumbu naju*⁵⁴ durante muito tempo, e, como não entendia do puto que lhe mandava, bateu-me por vingança, bateu-me mesmo só por raiva. Eles são assim mesmo, não querem que a gente sabe mais do que eles...

Tamoda, em volta de velhos e dos seus fãs, continuou a justificar-se:

– Na primeira pergunta, ele não sabia que quer dizer “coaptidão”. Depois falei os livros das leis (*Vuuu*, Tamoda! – ouviu-se esta expressão no meio da multidão). Quando lhe falei nos códigos é que ele ficou “empavidamente sorumbático!”... Então ele viu que eu não falava português qualquer, mas português dos Doutores Desembargadores e

⁵¹ *Ndandu iami* – Meu parente, meu amigo (N.E.).

⁵² (22) *puto menha...* – muito português mas sem documentos (N.A.).

⁵³ *viru safuá* – surgir de repente (sem cunha, sem ser protegido) (N.A.).

⁵⁴ *uakumbu naju* – ficou estupefacto (N.A.).

de Advogados meritíssimos. Então foi quando lhe mandei quatro putos mais fundos que saíam como fogo de *nzaji*⁵⁵: tratà-tàtàtàtà, “ e o madípora ficou estonteado. Ah, a resposta só era mesmo porrada. Mas o culpado é o professor, cavalgadura em sundéifulo.

Faleceu anos depois, mas já sem camisa, sem os sapatos, nem o capacete, nem o ndunda, tal como profetizara o cabo tios cipaio: kingilé, o jibot’ojo, o capacet’oko tuondo musumbe-ko mu makoka.

⁵⁵ *nzaji* – trovada (N.E.).



Vozes
na Sanzala
(Kahitu)



Ao Zeca:
José Mendes de Carvalho – “HOJI
IA HENDA” – filho bem-amado do
Povo Angolano e Combatente Heróico
do MPLA.

1960

PARLATÓRIO DA CADEIA
DA CASA DE RECLUSÃO MILITAR DE ANGOLA
– LUANDA

“Primo, no Liceu está um professor a querer complicar-se comigo. Perguntou-me: se o Mendes de Carvalho, preso da PIDE⁵⁶ que está na cadeia, era seu parente... O tipo deve ter um parente ou amigo a trabalhar na PIDE. Hoje, no intervalo da aula, o mesmo professor disse para as pessoas que o acompanhavam que aquele (indicava para mim) era parente do tal!... Para evitar o pior tenho um plano, estudar fora... Quero uma opinião. Não sei se o Zeca (Ismael Gaspar) já te disse alguma coisa...”

Os dois amigos Zecas eram jovens e o plano da fuga arriscado. Ambos estavam debaixo do olho da PIDE. O Zeca Gaspar era quase o solicitador, o que se ocupava de muitos assuntos dos presos e o elo entre algumas famílias dos detidos. E, se ainda não o tinham incomodado, a PIDE o tinha por conta de um garoto inexperiente mas... mordeu o

⁵⁶ PIDE – *Polícia Internacional de Defesa do Estado: polícia política portuguesa durante o período salazarista (N.E.).*

lábio quando soube da sua fuga. O Zeca de Carvalho, seu nome estava ligado a um “terrorista separatista-racista”, como alcunhavam os presos políticos que pretendiam separar Angola da Mãe-Pátria, tinha os passos contados.

Falou-se que na Kibala deu-se um burburinho no autocarro do Huambo – Luanda. Um passageiro ao ser identificado, a autoridade franziu a testa:

– Olha lá, tu és parente do...

Antes de acabar a pergunta, respondeu o homem aflito:

– Não, não... Não lhe conheço, eu não sou parente dele. Ele é do mato, eu não. Já no Huambo me chatearam por causa de um bandido que na cadeia anda nas políticas; não, não, eu não, sou nada com ele...

As fronteiras muito vigiadas, caminhos controlados, os motoristas das carreiras não inspiravam confiança. Pedem um plano... uma opinião!... “Mas não quero que o velho Sessenta o saiba, apenas o mano Zito!”

Lá fora serão mais úteis. Cheira pólvora no ar, rastilho para breve. E se caírem numa emboscada como aquela dos companheiros que iam pelo Uíje-Damba-Maquela?! Atenção que no processo da PIDE, no tribunal, há acusação de se ter abordado cerca de 600 jovens para Gana, via Cabinda-Brazza e Leopoldville, os quais já seguiram 100 para serem treinados para a luta de guerri-lha!... Na altura do processo fizeram-se todas as tentativas para uma acareação a fim de se esclarecer o que apenas foi um plano e viu-se transformado num acto consumado...

E os sádicos agentes do crime insistiram, insistiram dias após dias para saber quem eram os cem... Convém aguardar pelo julgamento, marcado para todo o mês de Dezembro.

TERMINOU O JULGAMENTO
NO TRIBUNAL MILITAR TERRITORIAL
de 20 indivíduos acusados
do exercício de actividades
contra a segurança externa do Estado

Sob a presidência do Sr. major de artilharia António Luís Margarido Castilho, tendo como juiz-auditor o Sr. Dr. José Roque Gonçalves da Costa e como vogal o Sr. capitão tirocinado João Melo de Oliveira, terminou ontem à tarde, no Tribunal Militar Territorial de Luanda, o julgamento do processo em que são réus, acusados do exercício de actividades contra a segurança externa do Estado, 20 indivíduos, cujas penas foram assim discriminadas:

António Pedro Benje, segundo-oficial dos Serviços de Saúde, a 10 anos de prisão maior; Agostinho A. Mendes de Carvalho, enfermeiro, a 10 anos e 6 meses de prisão maior; Fernando Pascoal da Costa, funcionário aposentado, a 9 anos de prisão maior; Garcia Lourenço Contreiras, enfermeiro, a 7 anos de prisão maior; Nobre Ferreira Pereira Dias, director da Escola Evangélica de Luanda, a 7 anos de prisão maior; Armando Ferreira Conceição Júnior, empregado do Consulado de Portugal em Léó, a 7 anos de prisão maior; Noé da Silva Saúde, estudante liceal, a 6 anos de prisão maior; Belarmino Sabugosa Van-Dúnem, enfermeiro, a 5 anos de prisão maior; André Rodrigues Mingas Júnior, segundo-oficial da Fazenda, a 5 anos de prisão maior; Pasmal Gomes de Carvalho Júnior, funcionário dos Serviços de Saúde, a 5 anos de prisão maior; João Lopes Teixeira, auxiliar de mecânico,

a 4 anos de prisão maior; Manuel Baptista de Sousa, tipógrafo, a 3 anos e 6 meses de prisão maior; Manuel Bernardo de Sousa, enfermeiro particular, a 4 anos de prisão maior; José Manuel Lisboa, mecânico, a 3 anos de prisão maior; José Diogo Ventura, enfermeiro, a 4 anos de prisão maior; Florêncio Gamaliel Gaspar, enfermeiro, a 4 anos de prisão maior; Sebastião Gaspar Domingos, empregado comercial, a 4 anos de prisão maior; João Fialho da Costa, enfermeiro particular, a 3 anos e 6 meses de prisão maior; Adão Domingos Martins, enfermeiro auxiliar, a 4 anos de prisão maior; e Joaquim Figueiredo, funcionário dos C.T.T.U.⁵⁷, a 8 anos de prisão maior.

Todos os réus foram condenados a perda de direitos políticos por 15 anos, sendo levado em conta metade do tempo de prisão já sofrida.

Assim dizia o *ABC* do dia 21-12-1960
(Página 8).

FORAM CONDENADOS
PELO TRIBUNAL MILITAR TERRITORIAL OS 20 RÉUS
ACUSADOS DE ACTIVIDADES CONTRA A SEGURANÇA
EXTERNA DO ESTADO

No Tribunal Militar Territorial de Angola, nesta cidade, iniciou-se no dia 5 deste mês o julgamento de 20 indivíduos acusados do exercício de actividades contra a segurança externa do Estado. Ao tribunal presidiu o Sr. major António Luís Margarido Castilho, tendo como juiz-auditor o Sr. Dr. José Roque Gonçalves da Costa e como vogal o

⁵⁷ C.T.T.U. – *Companhia dos Telégrafos e Telefones do Ultramar (N.E.)*.

Sr. capitão João Melo de Oliveira. O julgamento terminou na terça-feira passada, sendo todos os réus condenados, como segue:

António Pedro Benje, segundo-oficial dos Serviços de Saúde, a 10 anos de prisão maior; Agostinho A. Mendes de Carvalho, enfermeiro, a 10 anos e 6 meses de prisão maior; Fernando Pascoal da Costa, funcionário aposentado, a 9 anos de prisão maior; Garcia Lourenço Contreiras, enfermeiro, a 7 anos de prisão maior; Nobre Ferreira Pereira Dias, director da Escola Evangélica de Luanda, a 7 anos de prisão maior; Armando Ferreira Conceição Júnior, empregado do Consulado de Portugal em Léó, a 7 anos de prisão maior; Noé da Silva Saúde, estudante liceal, a 6 anos de prisão maior; Belarmino Sabugosa Van-Dúnem, enfermeiro, a 5 anos de prisão maior; André Rodrigues Mingas Júnior, segundo-oficial da Fazenda, a 5 anos de prisão maior; Pascoal Gomes de Carvalho Júnior, funcionário dos Serviços de Saúde, a 5 anos de prisão maior; João Lopes Teixeira, auxiliar de mecânico, a 4 anos de prisão maior; Manuel Baptista de Sousa, tipógrafo, a 3 anos e 6 meses de prisão maior; Manuel Bernardo de Sousa, enfermeiro particular, a 4 anos de prisão maior; José Manuel Lisboa, mecânico, a 3 anos de prisão maior; José Diogo Ventura, enfermeiro, a 4 anos de prisão maior; Florêncio Gamaliel Gaspar, enfermeiro, a 4 anos de prisão maior; Sebastião Gaspar Domingos, empregado comercial, a 4 anos de prisão maior; João Fialho da Costa, enfermeiro particular, a 3 anos e 6 meses de prisão maior; Adão Domingos Martins, enfermeiro auxiliar, a 4 anos de prisão maior; e Joaquim Figueiredo, funcionário dos C.T.T.U., a 8 anos de prisão maior.

Todos os réus foram condenados à perda de direitos políticos por 15 anos, sendo levado em conta metade do tempo de prisão já sofrida.

Assim dizia *A Província de Angola* do dia 22-12-1960
(Página 4).

O TRIBUNAL MILITAR DE LUANDA CONDENOU MAIS 20 RÉUS

Sob a presidência do Sr. major de artilharia António Luís Margarida Castilho, tendo como juiz-auditor o Sr. Dr. José Roque Gonçalves da Costa e como vogal o Sr. capitão tirocinado João Melo de Oliveira, terminou na 3.ª feira, no Tribunal Militar Territorial de Luanda, o julgamento do processo em que são réus, acusados do exercício de actividades contra a segurança externa do Estado, 20 indivíduos, cujas penas foram assim discriminadas:

António Pedro Benje, segundo-oficial dos Serviços de Saúde, a 10 anos de prisão maior; Agostinho A. Mendes de Carvalho, enfermeiro, a 10 anos e 6 meses de prisão maior; Fernando Pascoal da Costa, funcionário aposentado, a 9 anos de prisão maior; Garcia Lourenço Contreiras, enfermeiro, a 7 anos de prisão maior; Nobre Ferreira Pereira Dias, director da Escola Evangélica de Luanda, a 7 anos de prisão maior; Armando Ferreira Conceição Júnior, empregado do Consulado de Portugal em Léó, a 7 anos de prisão maior; Noé da Silva Saúde, estudante liceal, a 6 anos de prisão maior; Belarmino Sabugosa Van-Dúnem, enfermeiro, a 5 anos de prisão maior; André Rodrigues Mingas Júnior, segundo--oficial da Fazenda, a 5 anos de prisão maior; Pascoal Gomes de Carvalho Júnior, funcionário dos Serviços de Saúde, a 5 anos de prisão maior; João Lopes Teixeira, auxiliar de mecânico, a 4 anos de prisão maior; Manuel Baptista de Sousa, tipógrafo, a 3 anos e 6 meses de prisão maior; Manuel Bernardo de Sousa, enfermeiro particular a 4 anos de prisão maior; José Manuel Lisboa, mecânico, a 3 anos de prisão maior; José Diogo Ventura, enfermeiro, a 4 anos de prisão maior; Florêncio Gamaliel Gaspar, enfermeiro, a 4 anos de prisão maior; Sebastião Gaspar Domingos, empregado comercial, a 4 anos de prisão maior; João Fialho da Costa, enfermeiro particular, a 3 anos e 6 meses de prisão maior; Adão Domingos Martins, enfermeiro

auxiliar, a 4 anos de prisão maior; e Joaquim Figueiredo, funcionário dos C.T.T.U., a 8 anos de prisão maior..

Todos os réus foram condenados a perda de direitos políticos por 15 anos, sendo levado em conta metade do tempo de prisão já sofrida.

Assim dizia *O Apostolado* de 24-12-1960
(Página 2).

"Primo, assistimos ao julgamento. A sentença, que não é sentença, foi uma demonstração de força... Sim, as penas aplicadas são para intimidar: EXIGIMOSA INDEPENDÊNCIA TOTAL E IMEDIATA. Gostamos das vossas contestações, é assim mesmo. Tenho de partir mesmo...".

1961

19 de Janeiro às 22 horas partia o Zeca para buscar o nome da Glória: Hoji ia Henda. Maria, mais a D.^a Chica, vão ao local X certificarem se os parentes partiram sem complicações.

Amanhã um sinal pelo nosso Cabo Ambrósio (Aspirante de Campo). Operação feliz: Zeca + Zeca + Duque + Cristina = Okei.

Quando escrevia *Kabitu*, sentado numa pilha de lenhas, andava no *mbonge*⁵⁸ em serviço de ronda um guarda cabo-verdiano da nossa rede clandestina "Os Subterrâneos da Liberdade". Fez-me o sinal característico. Encostei-me ao arame farpado, e, de costas viradas, escutei:

*nhô Zebedeu, hôbi no Rádio que n'Angola morri um homi na guerra qui tchôma*⁵⁹ Mendes Carvalho. *E crê sabi si ês homi qui morri tâ fazi parte família di nhô.*

⁵⁸ *mbonge* – dique (N.E.).

⁵⁹ *tchôma* – chama-se, em crioulo de Cabo Verde (N.E.).

Como iria identificar concretamente o combatente tombado com o nome indicado, de uma família com mais de 3000 pessoas? Tombou um angolano no dever da Pátria.

Mais tarde chegava-me um recorte do jornal O Apostolado, do dia 1-5-1968, pág. 3, que dizia assim:

COMUNICADO DO COMANDO-CHEFE DAS FORÇAS ARMADAS

O Comando-Chefe das Forças Armadas em Angola comunica:

“Em adiantamento ao que foi noticiado no último comunicado deste Comando (período de 14 a 20 de Abril) pode, agora, informar-se que um dos mortos causados aos terroristas pela reacção das Nossas Tropas ao ataque realizado contra Caripande é José Mendes de Carvalho, habitualmente conhecido por ‘Henda’. Este indivíduo, que era membro do Comité Director do MPLA, desempenhava as funções de chefe máximo de todos os grupos armados daquela organização subversiva.”

Introdução

Na prisão do Tarrafal, Chão Bom, Ilha de Santiago, Cabo Verde, escrevi mais esta história e foi uma das amigas íntimas e fiéis do meu longo cativo.

Esta história e outras que vivi constituíram, para mim, a base íntima, pessoal, dando-me forças para resistir, resistir até à liberdade.

Quando me debruçava sobre ela, o pensamento voltava sempre à infância, e andava nas nascentes de Kasadi, de Nzele, da Menha-a-Môngua, sombreadas de compacto e verdejante mangal e palmar; pulava valas secas e outras cheias de água; passeava nas margens do Cuanza e Bengo, ali nas sanzalas de Madimu, de Caju, Jinganga, Cassenda, Quilende, Quinzenza, Ngala, Cabiri e Funda; estava nos lugares de serão onde, nas noites de luar-prata, brincava, cantava, batia palmas com a Kisanda, Mixinji, Tonha, Kiamuxinda, Mabunda, Kudijimbe, Keza; entrava na casa desta e daquela amiga; ia aos laços de pássaros e esquilos, aos cajueiros e mangueiras alheias...

E quando a imaginação se desprendia de mim, tinha passado uma grande porção de horas, deambulando em meditação pela infância.

Tão bem me fez este pequeno trabalho, que os mesmos pensamentos concebidos durante a escrita seguiam-me no sono, e, quando acordava, dir-se-ia que os tinha vivido novamente. E, só por isso, terá valido a pena.

Tarrafal, Chão Bom, Cabo Verde – 17-7-69 a 10-10-69
AGOSTINHO MENDES DE CARVALHO
(Uanhenga Xitu)



Principais personagens

KAHITU – o paralítico

KAUALENDE – a mulher que viu a sereia

MBENDE e KUINJA – o pai e a mãe de Kaulende, e bisavós de Kahitu

MUKITA e MBOMBO – o pai e a mãe de Kahitu

LENGELENDE – pai de Mukita e avô de Kahitu

KILAMBA e BANGEBANGE – quimbandas

SAKI – a moça muito desejada

BAKU e MBAMBA – o pai e a mãe de Saki

BUANGA – mulher de Kisoko

SANGE – amiga de Saki



Kahitu

Era paralítico de infância. Desde a nascença nunca ficou de pé. No dia em que experimentou fazer o *tende nhi kubane o mbui*⁶⁰, caiu!

*Inama iabulukuta!!!*⁶¹

Mukita e Mbombo, pai e mãe de Kahitu, andavam atrapalhados de quimbanda para quimbanda para encontrarem a cura do filho. Mas nada conseguiram.

Kahitu aprendeu somente a gatinhar e a rastejar: *Kikata kia Nzambi!*⁶² Mas o que Deus lhe tinha tirado na locomoção das pernas, aumentara-lhe nos ombros, peito e cérebro.

Desde pequeno, o moço revelava curiosidade e inteligência entre as crianças da sua idade, facto que despertava a atenção dos pais e dos demais.

O rapaz crescia, sofrendo a chacota das outras crianças, que mangavam do seu defeito físico. No princípio vacilava perante a troça dos garotos. Limitava-se a chorar e, às vezes, quando criava ânimo, atirava pedras aos que o gozavam.

Quando chegou à idade escolar, Kahitu não podia frequentar a Escola, que ficava a muitos quilómetros da sua sanzala.

Papá, eu quero ir também na Escola, com Teleja e Kipenze.

Velho Mukita sentiu o corpo a tremer. Um cabo de nervos movido por forças estranhas deu sensação à cabeça, passou para os braços e seguiu directo aos pés. E o velho começou a transpirar.

– Papá, eu quero ir também na Escola, com Teleja e Kipenze –

⁶⁰ *tende nhi kubane o mbui* – tem-tem para te dar uma bola de funji (pirão de farinha de mandioca, milho ou batata-doce) (N.A.).

⁶¹ *nama iabulukuta* – As pernas ficaram sem acção (N.A.).

⁶² *Kikata kia Nzambi* – paralítico de Deus (N.A.).

repetiu o miúdo, como se o pai não ouvisse o primeiro pedido.

– Sim, filho, eu já vou tratar disso.

Velho Mukita deixou o filho na varanda da casa. E, com uma lenha de fogo que fiquinhava⁶³ no cachimbo, ia andando sem direcção pela sanzala fora. Pensava na desgraça que Deus lhe dera por ter aquele filho:

– Que azar meu! Veja lá! Depois da mulher dar-me quatro filhos sãos, resolveu a sereia mandar-me este *kikata**!... (Mukita falou para si, mas pensou que tinha dito asneiras, e rectificou). Aceito boamente o que Deus me deu. “*Muvumu, kitumba; mu tunda o njimu nhi kioua, mutunda o mukuá-sauidi nhi kinema*”⁶⁴. É o ditado do mundo. Porém, o que neste, momento peço a Deus é a coragem para poder resolver o pedido de Kahitu. Levá-lo nas costas, todos os dias, à Escola, que fica mais de seis quilómetros; não posso dizer ao filho que não pode frequentar a Escola, porque é aleijado?... Não tenho coragem para isso.

– Boa noite, mano – cumprimentou o João, despertando velho Mukita na cogitação. – *Eh, vuelu ‘ôô!*⁶⁵

– *Kuebi oko, nhi uxinganekenu ‘ôô?*⁶⁶

–Vou à procura das ovelhas. Está a escurecer. Se elas “tomarem vento”, torna-se difícil metê-las no curral. Vinha pensando no pedido que me fez Kahitu. Confesso-te que estou atrapalhado, por não saber a resposta a dar ao garoto. Já lutei com a consciência e não encontro saída. Acredita, meu mais novo João, que eu sofro por causa desse filho. Não há dia que não faça barulho – ora eu, ora a mulher e mais pessoas – para evitar que as outras crianças trocem e batam no aleijado. Ele pretende frequentar a Escola. Mas como, naquele estado?

– Bem, mano Mukita, ouça o que lhe vou dizer. Como a nossa

⁶³ *fiquinhar* – introduzir a brasa no cachimbo (N.E.). *kikata* - paralítico (N.E.).

⁶⁴ *Muvumu, kitumba...* – No ventre é como numa mata, sai o esperto e o néscio, o saudável e o aleijado (N.A.).

⁶⁵ *Eh, vuelu ‘ôô!* – Oh lá, meu manozinho! (*vuelu* é uma palavra de carinho usada pelos velhos para os mais novos) (N.A.).

⁶⁶ *Kuebi oko...* – Para onde vais tão pensativo? (N.A.).

Igreja pediu um professor para cá, diz ao seu filho para aguardar, porque a vinda do mestre está para breve.

– Muito bem, tiraste-me uma espinha da garganta.

Numa noite, quando já se encontrava na cama, a Mbombo segredou ao marido:

– *Mukita, ngemita dingi*⁶⁷. Espero que não vá suceder mais como na gravidez do Kahitu... Sempre te fiz lembrar para dar o banquete ao Kituta de Kasadi⁶⁸, ou oferecer um presente ao nosso Kilamba⁶⁹ assistente, como vinhas fazendo das anteriores vezes... Mukita escutava com toda atenção, fez um tossido, não interrompeu a mulher, que continuou:

– Antes de casarmos, meus pais, ainda vivos, recomendaram bastantes vezes aos teus para cumprir à risca essa *kijila*⁷⁰. Lembro-me como se fosse hoje, quando o Kilamba recomendava aos meus sogros e dizia: “todas as vezes que se manifestarem os primeiros sinais de concepção na Mbombo, vocês têm de pagar o prometido que fizeram ao Kituta, antes de ela dar à luz. O esquecimento desse preceito será uma grande desgraça no lar”.

– E eu não tenho cumprido, Mbombo?

– Deixa-me concluir, homem! Nos primeiros filhos cumpriste, mas quando fiquei no estado de Kahitu perguntei-te se tinham ido ao Kilamba. Respondeste que sim. Mas não o fizeste. Enganaste--me. E enganaste-te a ti próprio. Porque tu sofres tanto como eu ou mais, desde que se manifestou a doença de Kituta no Kahitu.

– Mas, ó mulher, quem é que te disse que eu não paguei a promessa?

– Mentas, Mukita. Soube-o por aquele que fingiste consultar,

⁶⁷ *Mukita, ngemita dingi* – Mukita, estou grávida, novamente (N.A.).

⁶⁸ *Kituta de Kasadi* – sereia (bissexuada) do rio Kasadi (N.E.).

⁶⁹ *Kilamba* – Kimbanda (curandeiro, adivinho) ligado às sereias que, por vezes, consagra os sobas e dirige as cerimónias da “coroação” e das sereias; também trata e cura as doenças relacionadas com a Kituta. Ocupa um lugar de destaque no meio social da tribo (N.A.).

⁷⁰ *Kijila* – preceito; usa-se também no sentido de tabu (N.E.).

quando a paralisia deu no Kahitu. Pensas, porventura, que pelo facto de eu estar calada há três anos, não sei a causa da doença do meu filho? Tiveste vergonha de procurar o Kilamba na doença do Kahitu, porque na minha gravidez não o fizeste. E ainda agravaste o crime, por teres ido, mais tarde, ao Kilamba de Kasadi de Koba, julgando tu que não havia diferença entre os dois. Foi alguém que te aconselhou. Desse conselho só o meu filho ficou prejudicado. Pois digo-te, Mukita, enquanto Kahitu viver, será o teu fardo. Porque com Kituta não se brinca.

– Tu sabes bem o que nessa altura aconteceu entre mim e o Kilamba; por que havia eu de o consultar, humilhando-me, enquanto na terra havia outros? Se o importante era pagar o prometido ao Kituta, isso fiz...

– Acreditei e fiquei tranquila, pensando que foste ao Kilamba que sempre nos assistiu - o único que sabe do acontecimento que se deu com a minha mãe, quando eu estava no ventre.

Kituta

Velha Kaulende, numa madrugada, levou a sua *disanga*⁷¹ às costas e dirigiu-se à fonte de Kasadi. Não era vulgar as pessoas “amadrugarem” para tirar água daquela nascente.

Kaulende fê-lo, porque tinha muito que fazer e, nesse dia, o trabalho para ela começava de madrugada.

A mulher, pelo caminho, ia pensando no programa do dia. O carreiro por onde passava mal se via. O capim alto, pesado de *dimune*⁷², vergava sobre o caminho, impedindo a passagem... De vez em quando, com as mãos, a rapariga afastava o *mbulu*⁷³ e o *disenu*⁷⁴ que dificultavam o andamento. Outras vezes, com a ajuda de pau, ia batendo no *musoke*⁷⁵ para deixar cair o orvalho que lhe molhava os panos.

*O cantar de kabirindjindu*⁷⁶:

*“kabande ku muxi
má’ kakuata mbambi”*⁷⁷,

era o único eco que nessa madrugada despertava a atenção de Kaulende. O pássaro cantava, dando as boas-vindas ao Sol, que ainda não se via, apenas denunciado pelos primeiros sinais da aurora.

Ao entrar na baixa da nascente, cheia de palmeiras, bananeiras,

⁷¹ *disanga* – pote grande de barro (N.A.).

⁷² *dimune* – orvalho, água da chuva no capim (N.A.).

⁷³ *mbulu* – capim alto que se usa para a cobertura de casas, entre outras aplicações (N.A.).

⁷⁴ *disenu* – capim para fabricar cestos: tem também outras aplicações. Há duas ou mais qualidades de *disenu* (N.A.).

⁷⁵ *musoke* – capim (N.E.).

⁷⁶ *kabirindjindu* – tipo de canário (N.E.).

⁷⁷ *kabande ku muxi* – subiu no pau mas está cheio de frio (apesar de estar bem colocado, tem medo) (N.A.).

goiabeiras e mafumeiras, a mulher foi assustada por voo pesado de um *kingunguaxitu*. O par desse grande pássaro, no outro lado da *honga*⁷⁸, cantava:

Kuile 'ko... kuile 'ko
ngum-ngum... ngum-ngum
hum-hum... hum-hum
kuile 'ko... kuile 'ko
ngum-ngum... ngum-ngum
hum-hum... hum-hum⁷⁹

Kaulende, sugestionada com o encontro do *kingunguaxitu*, parou no primeiro degrau dos socacos que desciam até à nascente, e pôs-se à escuta:

Kuile 'ko, kuile 'ko
ngum-ngum, ngum-ngum
hum-hum, hum-hum

Durante muito tempo esteve parada, e a falar sozinha. (Aquele que canta é um outro *kingungu*. Porque o que se encontrou comigo meteu-se por esse lado. Segundo os velhos, o encontro muito próximo com aquele pássaro é sinal de azar. Mas não bastou isso... O outro pássaro canta para mim, e como me avisa para não ir à fonte... Será isso medo, sugestão ou um aviso real. Voltar?... Esperar um pouco, até que apareça alguém para entrarmos juntas na baixa... Não! Vou sempre.)

Kuile 'ko, kuile 'ko
ngum-ngum, ngum-ngum
hum-hum, hum-hum

⁷⁸ *honga* – baixa (N.A.).

⁷⁹ *kuile 'ko...* – não vai para lá, não vai para lá / Vê lá, vê lá... (onomatopaico) (N.A.).

Continuava a cantar o pássaro pressagioso.

A mulher chegou à fonte. Pousou a sanga no chão. Despiu o pano que cobria o tronco, ficando simplesmente com o de *jiponda*⁸⁰. O tronco estava nu. A aurora invadia a escuridão da madrugada. Já se podiam distinguir bem, a passos, alguns vultos. Ela mirou e remirou o seu ventre. Pôs-se a contemplar a linha escura que, do seu corpo bronzeado, lhe descia do peito à púbis. E exclamou vaidosamente:

– *Kikumbi kiatu! Kua kambe ngo mbeji jitatu, ngondotulami kid*⁸¹.

Apalpou o ventre, e disse:

– Aqui, deve estar a cabeça do filho, neste lado do kiambi⁸² os pés.

Reparou nos seios. Espremeu o bico da mama. Saiu um pouco de líquido. Limpou a ponta do seio. Tirou a sanga da *nguuu*⁸³. Arregaçou o único pano com que tinha ficado no corpo, deixando as coxas a descoberto, e entrou na água.

Lembrou-se que trazia um comprido colar de contas, ao pescoço. Retirou-o e atirou-o para o pano que estava enrodilhado próximo da *nguuu*.

O colar foi cair mesmo no pano, e ela, muito satisfeita, exclamou:

– *Enge a-ngi-bangele ngi mukongo, kibonzokale kiama ki ngilueza, ngejiia o kunonga*⁸⁴.

Passou a vau a água, que lhe chegava muito acima dos joelhos. Dirigiu-se à parede de onde saía a água. Nessa parede estava espetada uma calha de casca de árvore, e que fazia a vez de caldeira. Era lá que a Kaualende ia encher a sanga. Porque a água que pisava só servia para lavagens de roupas e tomar banho.

⁸⁰ *jiponda* – pano do cinto; há ainda o pano de tulu, que cobre o tronco, e o pano de tandu, que cobre todo o corpo. (N.E.).

⁸¹ *Kikumbi kiatu!*... – A linha da minha barriga está nítida! Apenas faltam 3 meses. Darei à luz (N.A.).

⁸² *Kiambi* – baço (NA).

⁸³ *nguuu* – artefacto de cordas para levar o pote às costas (NA.).

⁸⁴ *Enge a-ngi-bangele!*... – Se me fizessem, a mim, caçadora, não haveria caça que me escapasse; sei apontar (N.A.).

Logo que acabou de encher o pote, quando ia levantar a *panda*⁸⁵, um vozeirão atrás de si disse:

– *Eme Kasadi ka-ngi-te ami kalaji*⁸⁶. – Em seguida, um som especial de sinos começou a ecoar melodiosamente.

Assustada, Kaulende virou-se e deparou um vulto humano alvo como a neve. De cabelos compridos que lhe caíam até às costas.

A rapariga, inconscientemente, caiu de cócoras na água, com tal sorte que abraçou a sanga cheia de água, e tinha a cabeça encostada sobre o gargalo do pote.

A água que caía da bica, em contacto com a da vala, onde estava meio submerso o corpo da desmaiada, fazia um barulho que parecia batuque mágico. O *mbuangungu*⁸⁷ deslizava docemente indo algum com a correnteza, e o outro circundava a sanga juntamente com o corpo de Kaulende, como se quisesse protegê-la do frio.

Os fetos frondosos e exuberantes que enchiam quase toda a baixa, com mais um quilómetro de comprimento, faziam acenar as folhas. O mesmo imitavam os esguios coqueiros e palmeiras, as goiabeiras, as mafumeiras, as bananeiras e as mais diversas árvores e plantas. Os macacos guinchavam e faziam pulos acrobáticos nunca antes vistos por qualquer homem.

Próximo do corpo da Kaulende, levantavam-se três compridas palmeiras, sobre as quais andava um felpudo esquilo, muito irrequieto. “Cantava.” Mas um “cantar” estridente: “*ndende iami... ndende iami... ndendele-ketekete!*”⁸⁸

O *ndengu*⁸⁹ pulava de uma palmeira para outra. Fazia-o de uma forma precipitada e denunciadora. E quando parava para executar o outro seu “cantar”: “*nga-ku-ambelé, nga-ku-ambelé...*”⁹⁰ – eriçava a

85 *panda* – pote de barro, igual à *disanga* ou menor (N.A.).

86 *Eme Kasadi...* – Eu sou a Sereia de Kasadi; não admito intrusos de madrugada (N.A.).

87 *mbuangungu* – planta cor de alface que cresce sobre as águas doces (N.A.).

88 *ndende iami...* – o meu dendê... o meu dendê, *ndendele-ketekete!* (linguagem onomatopáica) (N.A.).

89 *ndengu* – esquilo (N.A.).

90 *nga-ku-ambelé* – não te avisei, não te avisei... (linguagem onomatopáica) (N.A.).

cauda, e olhava o corpo da rapariga semimorta, fazendo caretas com a cabecita: "nga-ku-ambelami!? nga-ku-ambelami!?"⁹¹

Kingunguaxitu continua a cumprir a sua missão dessa manhã, cantando:

kuile, 'ko, kuile 'ko
ngum-ngum, ngum-ngum
hum-hum, hum-hum

O som deslumbrante de *jinginja*⁹² (19) enchia toda a baixa! E assim... Quando o Kituta surge, tudo se mexe!... Todos estavam mancomunados com Kituta: o borbotão musicado, o *mbuangungu*, o farfalhar das folhas de árvores e plantas, os macacos, o esquilo, o *kingunguaxitu* e o piar de outras aves. Porque se não obedeces sem o Muene-Kasadi⁹³ secava-lhes o manancial.

As primeiras raparigas que chegaram à fonte, já manhã clara, ainda ouviram, ao longe, o eco de campainhas misteriosas. Ficaram sobressaltadas.

Uma das mulheres deu com o pano, a *nguua* e o colar da Kausalende. Porém, pensavam que a dona tivesse ido a um lugar privado e próximo dali. Não tardou que todas gritassem em coro:

– *Mamanhi'ééé! Madiuanu'ééé!!!*...⁹⁴ – O eco de terror inundou a baixa e foi vagueando, vagueando... Viram Kausalende na água, abraçada à sanga.

Algumas das mulheres, a tremer, pegaram na desmaiada, fria e sem sentidos, e puseram-na em terra. Devia ter permanecido na água cerca de uma ou mais horas. Outras mulheres partiram pressurosas e chorando em voz alta para anunciar na sanzala a morte de Kausalende

⁹¹ *nga-ku-ambelami* – eu não te disse, eu não te disse!? (N.A.).

⁹² *jinginja* – guizos (N.A.).

⁹³ *Muene Kasadi* – Senhor das águas do Kasadi (N.E.).

⁹⁴ *Mamanhi'ééé! Madiuanu'ééé!!!*... – Coisas que assombram, abominam (N.A.).

e chamar o marido, os pais e outra gente, a fim de carregarem com o cadáver.

Como a fonte servia gente de muitas sanzalas, o aviso do acontecimento correu mais depressa do que se supunha. As mensageiras, ao encontrarem-se com as mulheres que vinham a Kasadi, lançavam a notícia num tom de criar pena e medo, o que, imediatamente, gerava pânico nos ouvintes, provocando choros e correrias desabridas.

*Kindunda!*⁹⁵

De típica, a doente foi levada até a sanzala. Ainda respirava; o povo chorava em voz alta; das lamentações que deixava escapar ouviram-se frases como “*Kituta mu Kasadi, madiuanu mu Kasa di*”⁹⁶, acompanhadas de agitados de lenços, de panos, de vassouras, de ramos de árvores, e de um balouçar de corpos, gestos característicos que, nas ocasiões de mortes ou desastres, traduzem profunda consternação.

Portadores haviam sido enviados às outras sanzalas, para chamarem quimbandas, e às lavras para anunciarem o acontecimento às pessoas que tinham ido de madrugada. De vez em quando, os quimbandas que prestavam os primeiros socorros saíam fora para repreender o povo a não chorar. A doente ainda respirava.

E Kaulende esteve no *kiambu*⁹⁷ todo o dia. No dia seguinte, à tarde, abriu os olhos. Não falava, mas, pelo olhar assustado e as lágrimas que derramava, mostrava que ainda vivia o drama de Kasadi.

Desde o primeiro dia do acontecimento, a mulher esteve cercada de muitos quimbandas, sobretudo do Kilamba de Kasadi⁹⁸.

O Kilamba de Kasadi é o único que tinha adivinhado a causa do desmaio da doente, enquanto os outros mágicos inventavam motivos fúteis.

⁹⁵ *Kindunda* – fuga precipitada, geralmente de mais de uma pessoa, que provoca grande alarido (N.A.).

⁹⁶ *Kituta mu Kasadi...* – *Kituta em Kasadi, desastre em Kasadi* (N.A.).

⁹⁷ *kiambu* – desmaio; coma (N.A.).

⁹⁸ Este é kilamba de nome e de profissão. Pois kilamba, além de ser o representante das Sereias na Terra, também trata e cura as doenças relacionadas com *Ituta* (plural de *Kituta*) e, por vezes, unge os sobas (N.A.).

– Velho Mbende, esteja descansado. Porque, depois de a tua filha acordar, dir-te-á, de certeza, que se avistou com Muene Kasadi. Eu já lá estive e, pelas informações que me deram, dos sinos de mandungela e da direcção de que vinha a sinfonia, concluo sem dúvidas de que ela se encontrou com Muene Kasadi. – Velho Mbende, com a mão no queixo e abanando a cabeça, num gesto de apoio, escutava o Kilamba, que continuou:

– Há muito venho despertando a essa gente de que era tempo de se oferecer um banquete ao Kasadi. Mas... A água está a diminuir, já não chega até lá ao fundo, na lavra do Kingolo; os dendéns já não têm o mesmo gosto e nem produzem o óleo como antigamente; há dias, uma cobra preta e cheia de cabelos correu atrás das mulheres que iam buscar água, escapando matar o filho de Kinguadi, e não falemos na jibóia que engoliu o cão de Kaiambi, agora surge este caso da tua filha!... Não teríamos evitado tudo isso se o povo ouvisse os meus conselhos?...

– Ah, *mesene*⁹⁹ Kilamba – interrompeu um dos velhos presentes – hoje, é escusado, os nossos filhos não ligam a essas coisas. Vieram os homens da Missão...

– E que desrespeito, cantam e assobiam atrevidamente os hinos da Missão, mesmo quando estão a tomar banho nas águas do Ngana Kasadi!¹⁰⁰ – disse um outro velho, num tom de muito aborrecido.

– Mbende, todos os manjares que tu e teu genro ofereceram foram postos na mesa, lá no sítio. Quando para lá voltei mais os meus, para recolher os objetos do banquete, o Kasadi tinha comido tudo. É sinal de que a tua filha não morrerá desta. Tive muita maçada, mas satisfeito, porque cumpro o meu dever junto daquela que eu represento na Terra. Podes-te gabar, Mbende, desde que fui consagrado como Kilamba nunca dirigi um banquete cheio de pompa como desta vez... Kasadi, no seu palácio, deve reconhecer isso.

⁹⁹ *mesene* – mestre (N.E.).

¹⁰⁰ *Ngana Kasadi* – Senhor das águas do Kasadi (N.E.).

– Oxalá, oxalá, Kilamba. Já disse que darei tudo para oferecer ao seu Deus – prometeu o velho Mbende.

– Mas, Mbende, fizeste mal convidar mais quimbandas. Não viste desde o princípio que o caso era do foro de kituta?

– Está bem, Kilamba, mas nessas situações a pessoa lança mão a tudo, para salvar a vida de uma pessoa. E de quem como a da minha única filha! Tive doze filhos, morreram todos. Ficou esta Kaulende que dei em casamento há seis meses. Contava que ela tivesse vida e me desse muitos netos, no lugar dos filhos que morreram. Agora sucede isso. Não acha que é de perder a cabeça?

A casa do velho Mbende estava repleta de gente como se fosse um óbito. Aliás, as primeiras visitas que o velho recebera vinham convencidas de irem ao óbito de Kaulende, como fora anunciado no primeiro dia do acontecimento.

– Psiu, peço-vos não mexerem a doente. E não a forcem a falar. Se ela ainda não o fez, é porque não chegou a vez – disse Kilamba para as visitas, e, virando-se para o velho Mbende, aconselhou:

– Deves diminuir os doutores. Uma doente assistida por muitos quimbandas, geralmente não se salva. E se livrar dessa situação, não se saberá para quem vai a fama.

– Oh, Kilamba, peço-lhe não falar mais nisso. Deixe estar os quimbandas que convidei. Porque se os irrita são capazes de me matarem a filha que está quase a dar a voz. Conheço a vida dos quimbandas, meu amigo. Tanto estão bem connosco de manhã, como à tarde estão a desejar-nos a morte. Eu tenho o que chega para pagar-vos se for caso para isso. Nada de contendas. Antes devem trabalhar em harmonia, para que tudo corra a meu e a vosso favor. Quanto à fama, já o Kilamba me garantiu que depois de a minha filha dar a voz confessará o que prognosticou. Ontem, o Bangebange atirou uma piada¹⁰¹ que me estremeceu as entranhas.

¹⁰¹ *piada* – remoque, indirecta (N.E.).

No terceiro dia, à tarde, a rapariga pediu água. Houve uma manifestação de regozijo de todos os presentes.

Deram-lhe água e um pouco de *mudimbu*¹⁰² com mel. A equipe de quimbandas, chefiada por Bangebange, o primeiro que foi avisado, entrou imediatamente no quarto da doente e pôs-se a contactar com a mulher.

O Kilamba que se encontrava numa casa vizinha, a conversar, foi avisado de que a doente já dizia algumas palavras. Veio a correr. Mas quando entrou no quarto deu com os outros mágicos, à volta da cama da doente.

– Bem, meus senhores, a primazia pertence-me para interrogar a doente.

– Mesene Kilamba, não sei porquê, sabendo que nós todos fomos chamados, e aqui andamos dia e noite, à procura da salvação da mulher – falava o Bangebange, o mestre da junta de quimbandas. Sobraçava uma saca de *mahamba*¹⁰³. Sobre as vestes garridas trazia *jingonga*¹⁰⁴ que cruzavam nas costas e no peito.

Tinha a face caracterizada – como os seus coadjutores – de pós pretos, brancos e encarnados.

– Falo assim porque a doença deu-se nas terras de Muene Kasadi, do qual sou o único representante na Terra.

– Mas o fato de a doença se ter dado na nascente não significa que a mesma foi motivada pela divindade que representa. Porque nos nossos adivinhos já encontramos muitas coisas que se relacionam com o mal da Kaualende. Além disso, dos *mizambu*¹⁰⁵ feitos está tudo a bater certo. Não acha, mano Mbende?... Antes de ontem, não lhe dissemos, eu e meus colegas (mostrava-os à cabeceira da cama), que, se no terceiro

¹⁰² *mudimbu* – papa de fuba (N.A.).

¹⁰³ *mahamba* – saco onde se guardam amuletos (N.E.).

¹⁰⁴ *jingonga* – alças para fins rituais, das quais pendem ídolos e amuletos, e que os quimbandas e seus doentes costumam trazer cruzadas sobre o peito e costas (tb. designação geral de artigos relacionados com quimbandas e divindades) (N.A.).

¹⁰⁵ *mizambu* – adivinhações (N.A.).

dia a doente não falar, estará perdida?

– Sim, disseram-me isso. Mas há aqui uma coisa que devo esclarecer. Nunca vi quimbandas a discutirem desta forma e na presença da doente. Ou o azar é meu (o velho soluçava) ou o azar é do meu genro. Peço portarem-se com o mesmo prestígio que mereçais do povo de todo o Mundo. Um quimbanda não discute desta maneira e em público...

– Ó Mbende, se a doença da tua filha não foi provocada pela presença do Kituta que ela deve ter visto, juro que devolver-te-ei toda a oferta do banquete que fizeste ao Muene Kasadi. E eu, imediatamente, passarei o encargo de representar Kasadi aos meus sucessores, caso já tenham nascido. Como bem sabes, Mbende... todo aquele que viu Kituta, antes não deve revelar a ninguém o que viu, senão ao kilamba. Além disso, a revelação da visão ao público só se faz com a prévia autorização do kilamba. Uma hipótese: sucede que a tua filha viu mesmo o Kituta (nessa parte, a doente, sentada no meio da cama, começou a menear a cabeça, dando a entender aos circunstantes que de fato vira o Kituta). Ora, com as perguntas que estão sendo feitas por estes meus colegas, se ela responder que na verdade viu o Kituta, a tua filha viverá ou morrerá?... O bem é para ti. E é por isso que estou a pedir a primazia de fazer o interrogatório.

– Mesene Kilamba, nós sabemos que é o maior entre os maiores mestres. Porque representa as divindades das águas das chuvas, das lagoas, dos rios, dos mares, das ribeiras e das nascentes. Sem vós, não há água. E sem água não há vida. Não queremos entrar em litígio consigo. Vamos sair, deixamo-lo trabalhar à vontade. Está aí a autorização – concluiu Bangebange, o decano dos quimbandas, e ia retirar-se mais os seus, quando o Mbende o pegou num braço e disse:

– Bangebange! Não sais ainda. *Kunheme, nga-ku-diondo!*¹⁰⁶ E para que tudo corra em paz. Eu pago a vossa fama como se tivessem chegado ao fim como chegaram. Louvo a tua atitude. Assim é que reconheço os

¹⁰⁶ *Kunheme, nga-ku-diondo!* – Não te melindres, rogo-te (N.A.).

homens. A cedência do lugar ao nosso Kilamba regozija-me, e faz-me saber que de fato tu e a tua comitiva desejam a salvação da minha filha. E faço votos que ela e sua casa estejam ligadas a todos vós, mestres, desde hoje até à velhice dizer basta.

– Todos, peço saírem do quarto! – pediu Kilamba com autoridade às visitas. Só o velho Mbende e a mulher e o genro ficaram.

– Kaulende, conta! O que te deu quando chegaste à fonte? – perguntou então Kilamba.

Kaulende começou a tremer. Ainda cheia de comoção, lastimava e sacudia as orelhas.

– Podés contar tudo, não tenhas medo. Eu sou o representante dos habitantes de Kasadi, e me enviaram até cá para te ouvir...

– Bem, primeiro – começou Kaulende –, pelo caminho, encontrei-me com um *kingunguaxitu* muito grande! Fez-me assustar. O coração pesou-me, mas resolvi ir até à nascente. Posta lá, ouvi cantar outro kingungu, parecia persuadir-me para não avançar. Mas como a interpretação do cantar daquele pássaro é considerada como brincadeira de crianças, embora esteja envolvida a muitas lendas, não liguei... Quando enchi a sanga, comecei a ouvir um som de guizos. Pensei que fosse uma pessoa vestida de *mandungela*¹⁰⁷ e que ia a um *xingidi*¹⁰⁸. Logo que endireitei a disanga já cheia, ouvi alguém a dizer: *Eme kasadi ka ngitelami kalaji*¹⁰⁹ (Kilamba deu um pulo e soprou no seu apito mágico, exultando de alegria).

– Vá, continua, filha! – disse Kilamba, muito sorridente.

– Quando me voltei, vi... (ao dizer vi... Kaulende estava a desfalecer e tombava sobre a cabeceira da cama).

Acudiram o pai e Kilamba. A mãe chorava, e muita gente assomou à porta.

– Psiu, tudo para a rua! Fechem a porta, e tu, velha, cala-te –

¹⁰⁷ *mandungela* – guizos (N.A.).

¹⁰⁸ *xingidi* ou *xinguilador* – médium; pessoa que invoca ou incorpora um espírito (N.A.).

¹⁰⁹ *Eme kasadi...* – Eu sou a Sereia de Kasadi; não admito intrusas de madrugada (N.A.).

ordenou Kilamba.

Desesperada, a velha Kuinja saiu do quarto a correr, foi lançar-se ao monturo de cinza, e, rebolando-se nele, chorava em voz alta, dizendo:

– *Xanenu Bangebange! Mona u-ngi-fuila kaxinji ka imbanda, n'akuetu. Ngana Tata? Kituxi kianhi ki-ngakuta? Kixibu uambata mafu, kitembu ulundumuna mitanhi nhi mabanji, ma jindanji ua-ji-xila hâdia. Kituxi kianhi ki-nga-kutà. Ku-ng'-andela o mona umoxi 'u mesu a nzamba? Mona u-mu-sumbula u maku a imbanda ia muhongo, ngongo talenu?!...*¹¹⁰

Cá fora muitas mulheres faziam coro com a velha Kuinja, perante a indignação do Kilamba, que ora saía para as mandar calar ora estava com a doente, fazendo-a cheirar pós mágicos e medicamentosos, tratamento que aplicava acompanhado de preces.

A velha Kuinja e quase todas as visitas atribuíam o novo desfalecimento de Kaulende ao velho Bangebange, afastado por Kilamba. Momentos depois a doente recompôs-se e voltou a calma.

– Fala, Kaulende! Eu sou o Kilamba, representante daquele que viste. Ele disse-me para contares tudo. Fala, Kaulende, sem receio.

– ... e vi uma pessoa branca, branca como a fuba de *kindele!*¹¹¹ Só a vi da cabeça à cintura, estava ajoelhada na água, e tinha-me dado as costas. O cabelo, comprido e molhado, colava-se-lhe às costas... Daí comecei a perder os sentidos. Só as *mauaia-uaia*¹¹² me acompanhavam no sono. Comecei a ouvir a música como que vindo de longe, e de um mundo diferente do meu. Nada mais sei. Estou admirada como hoje me encontro neste quarto...

– Dizes hoje, filha? Estás cá desde antes de ontem – atalhou o velho Mbende com a cara lavada de lágrimas.

110 Xanenu Bangebange!... – Chamem o Bangebange! Morre-me a filha por capricho dos quimban das, meus senhores, meu Deus?! O cacimbo (a seca) faz cair as folhas, a tempestade parte os troncos e os ramos, mas sempre poupa as raízes para o futuro. Que crime cometi para me comer (matar) a única filha e na presença desta multidão? Roubas-me a filha das mãos (nas barbas) dos quimbandas consagrados, e todo o mundo a ver?... (N.A.).

111 fuba de kindele – fuba de milho (N.A.).

112 mauaia-uaia – sons misteriosos; sons pouco audíveis (N.A.).

– Mas a voz que ouviste, parecia-te de um homem ou de uma mulher? – interrogou Kilamba.

– Era uma voz grossa. Nem com uma nem com outra se parecia. Era uma voz que nunca ouvi.

– E os guizos, tocaram como na invocação de um *kilundu*¹¹³?

– Também não sei explicar... Nunca ouvi uma música igual... – respondeu Kaulende num tom de cansaço e de grande admiração.

Findo este diálogo com a doente, Kilamba passou o olhar, muito concentrado, para uma esteira de *mabela*¹¹⁴ estendida no luando¹¹⁵ que estava entre ele e a doente. Ficou muito tempo nessa posição, movendo os lábios, e incidia a vista nos copos de vidro fino que estavam sobre a esteira. Eram copos que já serviram, no passado, nos banquetes de Ituta, e oferecidos ao Kilamba para usá-los em certas cerimónias.

Num movimento rápido, endireitou-se na *kibaka*¹¹⁶ e disse:

– Mbende, a partir de hoje, esta tua filha e a sua geração servirão as sereias. Em qualquer festa ou invocação que se fizer em memória de Ituta, ela terá de participar. Da gravidez que traz, nascerá uma menina que levará o nome de Mbombo. São ordens de Ngana Kasadi!... Avisa o teu genro que o homem que casar com a Mbombo deverá cumprir à risca os preceitos de Ngana Kasadi. Porque esta Kaulende deve a vida à filha que leva no ventre. Kituta, quando é abusado, raro castiga com a morte as mulheres grávidas. O que ele faz, nesses casos, é deformar os frutos que saem do ventre da mulher que o ofende. Não se esqueça da lição, que é bem importante.

Pegou em dois copitos e encheu-os com uma bebida que trazia no *mukudi*¹¹⁷. Despejou umas gotas no chão, depois bebeu ele e deu o outro copito à doente. Em seguida, do outro *mukudi*, encheu quatro copos com uma bebida diferente do primeiro *mukudi*.

113 *kilundu* – espírito; divindade não especificada (N.A.).

114 *mabela* – rafia (N.A.).

115 *luando* – esteira de folhas utilizadas para fazer cercas (N.E.).

116 *kibaka* – banco feito de um só tronco (N.A.).

117 *mukudi* – garrafa; garrafa de barro; botija (N.A.).

De uma *dibaka*¹¹⁸ tirou uns pós e deitou uma pitada em cada copo. Fez uma oração ritual e deu a beber o conteúdo dos copos aos circunstantes, Mbende, Kuinja, o genro e a ele próprio.

Segurou num conjunto de guizos e começou a agitá-lo freneticamente, enquanto cantava. Na canção foi acompanhado pelo Mbende e pelo genro. O povo entrou na sala e começou a cantar também.

Meses depois Kaulende dava à luz uma menina. A recém-nascida trazia uma mancha escura e lisa nas costas e outra na coxa, esta constituída por umas penugens pretas. A criança era muito forte e bonita.

Nos primeiros dias do parto, muitos curiosos acorreram à casa da parturiente, para admirarem a célebre criança que deu a vida a Kaulende. Comentava-se que a criança era uma *kilombo-kia-hasa*¹¹⁹, era muito clara... quem sabe se era Kituta também?

Dias depois, a criança foi levada à nascente no sítio onde a mãe vira o Kituta. E ali se realizou um rito (parecido com a cerimónia do baptismo dos cristãos), e ao mesmo tempo fez-se a cerimónia de apresentação da criança ao Muene ou Ngana Kasadi. Kaulende não participou dessas cerimónias.

Quando Mukita pediu em casamento a Mbombo, já o velho Mbende e a mulher tinham falecido. Contudo, Kaulende e o marido, na presença do Kilamba, contaram a história aos pais do Mukita, que vinham fazer o pedido.

Por ordem do Kilamba, abriu-se uma excepção à regra de decore que assistia àquela gente. Aos pais de Mukita foi mostrada a coxa da futura nora.

– Não, não faça isso, *Mesene* Kilamba – dizia Lengelenga, pai do Mukita.

– Não, deixa mostrar-vos os sinais da escrita mágica que Ngana Kasadi talhou no corpo desta vossa privilegiada Mbombo. Fá-lo para

118 *dibaka* – tigela ou prato de madeira (N.A.).

119 *kilombo-kia-hasa* – albina (N.A.).

ficarem ligados a um compromisso que o teu filho terá de levar a cabo, se vier a casar com a Mbombo – insistiu Kilamba.

– *Mesene*, este caso foi muito comentado. E nós mesmos estivemos cá quando nasceu esta futura minha nora. Eis a razão por que peço evitar-nos este acto. E como sabe é incesto ver a coxa de uma nora...

– Incesto nenhum, Lengelenge. Estou a dar-te a posse e a responsabilidade da mulher que pretendes levar... Vem cá, Mbombo. Mostra as costas a estes velhos.

A Mbombo cassinou¹²⁰ o pano e mostrou o sinal, que agora estava mais vivo, por causa do *kikumbi*¹²¹ que a rapariga trazia em toda a sua constituição física. E todos viram.

– Agora, minha neta, levanta um pouco o pano para vermos o outro sinal... – tornou a dizer Kilamba.

A moça ficou a olhar para os futuros sogros, muito comprometida. Depois virou-se para a mãe de cara fechada.

– Vamos, filha! É preciso que isso se faça. É o Kilamba que está a mandar.

Com muito custo Mbombo levantou o pano até à parte superior da coxa. A perna bem torneada e ornamentada com *jimbuta*¹²², no artelho, denunciava a sua clareza abafada pelos panos. Lá estava a mancha em forma de losango, com uns cabelos muito escuros e macios.

– Lengelenge, vejam! Aqui está a verdade (Kilamba alisava o losango com o polegar direito). Não querias ver por causa do medo que quase todos tomam dessas coisas de Kituta. Ai do teu e dos teus netos, no dia em que deixarem de servir os Ituta e o Kilamba! Da minha parte, como representante e pai espiritual desta rapariga, aceito o vosso pedido de casamento, desde que se comprometam a obedecer às leis de Ituta.

– Kilamba – proferiu solenemente.

– *Kioso ki uambe, ta ta Kilamba. Tuia nakiu, tua-ki-telekela, tua-*

120 *cassinou* – desamarrou (N.A.).

121 *Kikumbi* – viço; sinal de puberdade ou de gravidez; saúde (N.A.).

122 *jimbuta* – qualidade de missangas finas (N.A.).

*kizalela enge tua-ki-uaia o hula ni maji*¹²³.

Aí fica a verdade de como Mbombo viera para este mundo.

E eis aí a razão das preocupações da mãe de Kahitu, com a nova prenhez, ao insistir com o marido para que não descurasse, desta vez, a promessa feita ao Ngana ou Muene Kasadi.

123 Kioso kiuambe... – Tudo o que disser. Senhor Kilamba. O compromisso vai connosco, damos-lhe de comer e de beber, arranjamos-lhe cama e havemos de untá-lo e perfumá-lo com os melhores cosméticos (Obs.: o compromisso é tão importante que é tomado como um ser sobrenatural.) (N.A.).

Kaxena¹²⁴

Kahitu, quando avistava, ao longe, os amigos que vinham da Escola, rastejava para o encontro. Ali mesmo, no lugar do encontro, começava a receber as lições dos estudantes. Estes faziam por transmiti-las tal como as recebiam do professor.

Kikata kia Nzambi, como, às vezes, alcunhavam Kahitu, mostrava uma grande vontade de aprender a ler e a escrever. Para todos os lados que fosse passear, levava consigo uma saca, suspensa pelas alças, ao pescoço, que continha o livro de “João de Deus”¹²⁵, uma ardósia e um lápis de pedra.

Sempre que visse alguém a passar e que soubesse escrever, chamava-o para uma explicação. Todo o mundo gostava e tinha pena de Kahitu. E os que sabiam sentiam prazer em ensinar o rapaz.

Era no meio juvenil que o paralítico encontrava o maior desgosto em ter nascido kikata.

As crianças tinham-no como um boneco, miúdo que nascera para mbuazaria¹²⁶. De tanto rastejar, tinha arranjado calos nas palmas das mãos e em certas regiões dos membros inferiores, as que sempre estavam em contacto com o chão.

– Kâxii... *kaxen êêh*¹²⁷ – gritou ao ouvido de Kahitu, assustando-o, um miúdo que o seguia traiçoeiramente. O miúdo fugiu, não conseguindo Kahitu deitar-lhe a mão.

– Sacana de merda! Espera, vou dar parte no teu pai. Sacanas! Chamam-me kaxena por causa de kuxena. Mas eu tenho culpa?

124 Kaxena – aquele que rasteja (do verba *kuxena*, rastejar) (N.A.).

125 João de Deus – poeta e educador português, da escola romântica, também conhecido pelo método didáctico que criou para o aprendizado da língua portuguesa (N.E.).

126 mbuazaria – chacota, zombaria (N.A.).

127 Kâxii ... kaxen êêh – estribilho utilizando o verbo *kuxena* (arrastar-se) (N.A.).

Qualquer dia às mães deles vai nascer também um filho como eu. Esperam só...

– *Ki-iii, kika uió!*¹²⁸ – outras crianças gritavam para o paralítico, que ainda não tinha parado de regatear o primeiro gozo.

– Esperam! Se vos apanho *ngi-mi-bosola*¹²⁹. São outros bichos, chamam-me kika porque eu sou kikata (Kahitu soluçava). Aquele filho do mano Gaspar vai apanhar hoje mesmo. O pai dele já me deu ordem.

Kahitu já estava um pouco crescido. Como os seus contemporâneos se ausentavam para a Escola, lavras e a outras ocupações, as únicas pessoas com quem mais contactava durante adia eram as crianças. Era com elas que jogava a *dimbuela, kimbokadi, kindembele*¹³⁰, e com um baralho de cartas pintadas por ele mesmo. Também jogavam para disputar castanhas de caju.

Por mais que exigisse respeito, os garotos só obedeciam no momento. E um ou outro, às vezes, andava à pancada com os gozões, em defesa dele.

Kahitu foi durante muito tempo, ou toda a sua vida, o “mestre” das crianças. Ensinava-lhes diversos jogos, como fazer e armar os laços para caçar pássaros e esquilos; como atirar pedras aos embondeiros, para arrancar a *mákua*¹³¹; como nadar. Ele não sabia nadar, mas em terra, ou na água que lhe chegava até ao pescoço, ia dando as instruções aos seus pupilozinhos. Ensinando-os a fimbar¹³², nadar de costas, a nadar de lado e mais outras modalidades.

Ainda ensinava os seus amiguinhos a fazer arcos e flechas para caçar gafanhotos e passarinhos. Na bola, ele era o “refi”¹³³. Às vezes fazia a

128 *Ki-iii, kika uió!* – (estribilho) *Ai vai o aleijado!* (N.A.).

129 *ngi-mi-bosola* – piso-vos (N.A.).

130 *dimbuela, kimbokadi, kindembele* – jogos regionais (N.A.).

131 *mákua (ou múcuá)* – frutos do embondeiro ou baobá (N.A.).

132 *fimbar* – mergulhar (N.A.).

133 *refi* – centroavante (do inglês *half*) (N.E.).

vez de "kiper"¹³⁴ e de orientador do jogo. Muitos garotos não podiam passar sem Kahitu.

Havia dias em que ele passava em muitas casas, dando parte dos garotos aos pais, para que repreendessem os filhos que faziam pouco dele.

Dos pais dos malandrinhos, recebia carta-branca para surrá-los, quando pudesse com eles. Principalmente as mães dos garotos, que viviam sugestionadas de que um dia podiam gerar um Kahitu, incitavam-no a dar nos filhos com muita força. Algumas mães batiam os filhos na presença do paralítico, que se deleitava todo. Porém, a surra nada resolvia.

– *Kik' ééé!*... - gritou um miúdo, numa guita¹³⁵.

– Ai, sacana! Agora mesmo passei na casa do teu pai, sô cachorro. Brinca, vou te dar uma surra de cagar bichos. Toma conta! Só cachorro espera, está aqui apontado...

– *Kik ekk!*

– Toma conta, só cachorro, estás aqui apontado. – A estas palavras, Kahitu levantava o braço, fazendo o sinal de "espera" com a palma da mão bem aberta e, em seguida, reforçava a ameaça com o gesto de molhar com a ponta da língua a palma e o dorso da mão e, por fim, aprovava a sua sentença abanando a cabeça num gesto de assentimento: estava garantida a sova.

– *Kaxiii!*... – continuava o garoto a gritar e a fazer caretas para Kahitu, que já andava fulo.

– Continua, aproxima que te mato, cão!...

Kahitu tinha criado músculos nos braços e trazia um peito descomunal, em relação à sua idade. Enquanto os seus coevos cresciam em estatura, ele se desenvolvia naquelas partes anatómicas.

Para se poder defender dos gozos dos seus amiguinhos de jogos,

¹³⁴ *kiper* – goleiro (do inglês *goalkeeper*) (N.E.).

¹³⁵ *guita* – corrida (N.E.).

tinha arranjado um chicote, armado de uma corda comprida. Kaloda.

Da necessidade nasce o engenho, diz-se. Havia treinado com o chicote de tal forma que poucos garotos escapavam da sua armadilha. E raro era o miúdo que se aproximava, sorrateiramente, para lhe gritar ao ouvido (*kaxen' é, kaxiii, kika, Kikekk*), como o faziam antes, sem ser pescado.

Um dia, Kipenze, garoto muito traquinas e sombra funesta de Kahitu, a uns metros da sua vítima, gritou:

– *Máxii...*¹³⁶

Kahitu, habilidoso a atirar o seu chicote, arremessou-o aos pés do Kipenze. Enrolou-lhe as duas pernas e prendeu-o. Kahitu, muito satisfeito, refestelava-se como um gato que apanhou um rato:

– *Nga-ku-kuata*¹³⁷, *nga-ku-kuata, Kipenze! Lelu nga-ku-kuata, Kipenzepo*. Sô sacana, vai pagar tudo o que me fizeste e aquilo que me fizeram os teus amigos... *Nga-ku-kuata, Kipenze!* – Kahitu continuava a gritar, muito entusiasmado. – Ai, fala então, quem é *maxikamenu (máxii)*? Anda a fazer pouco dos calos que trago no cu, não é? *Maxikamenu* de macaco, *kiene*¹³⁸? Fala já, então?...

O miúdo gritava e procurava desprender-se das mãos calejadas do kikata. Mas era difícil. Kahitu, às vezes, brigava com adultos e meninos mais fortes do que Kipenze. Deu-lhe tanto! Despiu-lhe os calções e cuspiu-lhe no cu – símbolo de humilhação. É o mesmo que dizer: “lhe deram de merda”.

Muitos velhos assistiram à sova que Kipenze apanhara nesse dia. Não quiseram apaziguar para exemplo de outros garotos. Porém, quando o miúdo foi solto, atirou uma quantidade de pedras ao aleijado, que não feriram graças ao jeito do *kikata* em saber desviar-se delas, e também pela intervenção dos circuns-tantes.

Nessa ocasião, velhos, adultos e rapazes se aproximaram para

136 *Máxii...* – (estribilho) de *maxikamenu* - assentos calejados (N.A.).

137 *Nga-ku-kuata...* – *Apanhei-te, Kipenze! Hoje apanhei-te!* (N.A.).

138 *kiene?* – não é assim? (N.A.).

apreciar o invento de Kahitu.

– Mano Kahitu, experimenta ainda dar uma chicotada naquele rapaz! – alguém pediu.

O gaiato indicado afastava-se para fugir. O kikata fez demonstração, arremessando o chicote. E o rapaz foi pescado pela barriga, onde se enrolara a corda.

– Agora tomem cautela, crianças! Não brinquem mais com mano Kahitu. Mesmo de longe, consegue caçar-vos – aconselhava um velho, muito admirado com a habilidade do infeliz.



Escola

Quando o esperado professor chegou à sanzala, Kahitu já sabia ler todo o livro de “João de Deus” e o de “Deveres dos Filhos”¹³⁹. Ele sabia mais do que alguns dos antigos seus explicadores.

Na aula, o professor prestava-lhe muita atenção. Fez-lhe a revisão dos livros que já acabara e passou-o para a Leitura Pequena, de João Grave, era assim como se chamava o livro da primeira classe.

O kikata continuava a revelar-se o melhor aluno da turma.

Discutia contas com os meninos da 2.ª classe. Vivia mais satisfeito agora, por estar ao lado dos seus contemporâneos que o haviam abandonado, quando a escola ficava longe.

Noutro aspecto, muito contente, porque já não precisava dos miekieke¹⁴⁰, como tratava os garotos que o escoltavam e o insultavam. Encontrava-se no meio daqueles que nasceram na mesma época. Embora em tempos já o tivessem gozado também. Agora, respeitavam-no e procuravam defendê-lo da troça dos miúdos.

No dia da ginástica, o professor punha-o na caixa para marcar a cadência da marcha dos estudantes: “esquerda... esquerda... esquerda-direita... um, dois, esquerda-direita... – tâtá-tam--trarram, tâtá-tam-trarram, pum, pum”, Kahitu, muito vaidoso, ia batendo no tamborinho, comprimido entre o corpo e o braço.

– Aí Kahitu, bom bombeiro! Olha, Kahitu também já sabe tocar! Ó Kahitu, trarramm-tam... – gritavam e imitavam os garotos que na hora da “caixa” iam propositadamente apreciar o kikata...

A Escola demorou pouco tempo. O número de alunos matriculados

¹³⁹ *João de Deus e Deveres dos Filhos* – respectivamente, 1.ª e 2.ª parte da cartilha (N.A.).

¹⁴⁰ *miekieke* – miúdos, garotinhos (N.A.).

era bem grande, mas a maior parte dos papás não pagavam a mensalidade do professor. E, assim, o “tamborileiro” viu-se novamente embaraçado.

Como a Escola da sua sanzala não podia manter o professor, os alunos passaram a frequentar a antiga, longe daí, o que só era possível aos alunos que podiam caminhar quinze ou mais quilómetros, ida e volta, diariamente.

Quando isso sucedeu, o rapaz já estava no meio do livro da 3.^a classe, e resolvia bem as quatro operações e alguns problemas. Muito triste, passava os dias que se seguiram ao encerramento da Escola. Tinha de voltar para o meio dos miúdos. Eram os companheiros mais chegados, embora indesejáveis.

Antes da Escola, durante muitos anos, Kahitu frequentara, como lugar de passatempo, a oficina de um velho ferreiro que fazia facas, machados, catanas¹⁴¹, agulhas para fazer cestos e balaios, arpões, chuços, enxadas e mais outros artigos.

De vez em quando, o ferreiro convidava o rapaz para dar ao fole. E dava conta. Chegava a tocar batuque com o *muanzu*¹⁴², e era tanta a sua habilidade que fazia admirar os homens batidos na profissão. Quando a ditenda¹⁴³ estivesse cheia de fregueses, dizia o mestre:

– Kahitu, sobe no muanzu. Faz dançar essa gente!

O rapaz rastejava-se, dirigindo-se ao muanzu. E, todo sério, perguntava à assistência:

– Que batuque quer, de *itonda*¹⁴⁴, de *kalembe*¹⁴⁵, ou quê?

– Seja qual for – respondia a clientela.

E viam-se os músculos do peito e dos braços, bem desenvolvidos, a mexerem-se com os movimentos que ele executava no fole. As brasas

141 catana – facão (N.E.).

142 muanzu – fole (N.A.).

143 ditenda – oficina; tb. fábrica (N.A.).

144 itonda – dança regional exclusiva para mulheres (N.A.).

145 kalembe – dança de crítica social que se praticou entre 1903 e 1912 na região de Icolo e Bengo, composta a partir de palavras sem nexo e do batuque mágico dos quimbandas (N.A.).

sopradas pelos dois canos de muanzu brilhavam de forma incandescente. O ferro no braseiro tomava a cor do fogo. O rapaz transpirava. As suas costas escuras espelhavam. A face iluminada pela fogueira ndondava *kinono*¹⁴⁶ abundante. Os sopros ritmados nvem-nvem, zuca-zuca... que o fole deixava escapar, transmitiam o som do batuque de itonda e de outros mais. Alguém começava a cantar, acompanhando a cadência do fole no auge. E a assistência transformava a oficina em lugar de divertimento.

– *Kouelenu!*...¹⁴⁷

Assobios e gritos de satisfação ecoavam. O velho, dono da oficina, muito comovido, deixava cair o *nzundu*¹⁴⁸ das mãos. Assoava um pouco de muco nasal; e com o dorso da mão, cheio de suor e pó, limpava os olhos lacrimosos. No passado, a arte de ferreiro era aureolada com muitos ritos.

Durante o tempo em que a Escola esteve na sanzala, o Kikata não ia à oficina do ferreiro.

Agora, para enganar as saudades deixadas pela Escola, resolveu abrir, por sua conta, uma oficina de ferreiro. Os moradores que tinham ferramenta em casa emprestaram ao moço habilidoso e cheio de vontade.

Na sua oficina aparecia gente de toda a ordem. Velhos e velhas, homens e mulheres, rapazes e raparigas. Não contando os miúdos antigos e novos camaradas do actual mestre de oficina.

As gerações de miúdos nunca mais acabavam. Passava uma, nascia outra. Esta, enquanto não fosse adulta, pisava o mesmo trilho da antiga: mangando Kahitu.

– Kik'ek?!

– Espera, sô sacana, quando acabar só esta faca vou no teu pai que é do mesmo tempo comigo.

¹⁴⁶ *ndondava kinono* – deitava suor (N.A.).

¹⁴⁷ *Kouelenu!*... – Aplaudi!... (N.A.).

¹⁴⁸ *nzundu* – malho (N.E.).

– Kàxêêê!...

– Anh! Tu também? Não vai ficar muito tempo, vou-te apanhar. Logo no *sungi*¹⁴⁹ vou-te arrastar até na casa da tua mãe. Quando nasci com a Kialenguluka nem tu contavas de ser fabricado, sô “*cabinji*”¹⁵⁰... Tens os cabelos como lambidos por uma jibóia, sacana de merda. Eu vi a tua mãe namorar e a ser levada para a casa do teu pai, não brinca comigo, sô “*cabinji*”. É a tua mãe que deves chamar Kuxena.

– Kàxêêê!... – gritava o miúdo, sorrindo e fazendo caretas.

– Continua, sô “*cabinji*”? Kaxena é a tua mãe Kialenguluka. O dia que pisares os pés nesta oficina, vou-te meter um ferro quente na boca. Juro, palavra de honra! Só se este embondeiro que serve de oficina não tem ouvidos... Vejam lá, um garoto daquele que vi a mãe nua, nós ainda novos lá na cacimba, e o sacana, hoje, a chatear-me também?!...

Muita garotada em idade não escolar passava o dia na ditenda.

Alguns filhos eram deixados pelas mães ao cuidado de Kahitu. Todos traziam as suas merendas e recreavam – brincando e jogando – em volta do embondeiro, até que os seus familiares voltassem das lavras.

Aos mais adultos, o mestre utilizava-os para pôr carvão no fogo, apagar brasas, e outros eram empregues no muanzu.

Ainda tinha um grupinho que servia para impedir que os garotos mais fracos fossem batidos pelos mais fortes – a sua “polícia”.

Os filhos deixados sob tutela de Kahitu estavam bem entregues. As mães ficavam satisfeitas com a ama. Da merenda que deixavam para os filhos, as mães contavam já com o mestre.

A “polícia” do mestre ferreiro, composta por miúdos de cinco a oito anos de idade, às vezes não podia agir contra os gozões, malandrões que alguns deles já andavam na Escola.

Mas ai do miúdo que não fosse pupilo do mestre e viesse brincar e criasse desordens entre os seus protegidos! Era amarfanhado pelos

149 *sungi* – lugar de serião (N.A.).

150 *cabinji* – parvo (N.E.).

“polícziazinhos” que atacavam como *mabeku*¹⁵¹.

Na sua oficina também fabricava *makamba*¹⁵², *makumba*¹⁵³, *isaku*¹⁵⁴, *isomenu*¹⁵⁵, *jinvu*¹⁵⁶, *ndjabitu*¹⁵⁷, *jipenze*¹⁵⁸, *maxalu*¹⁵⁹, *matemu*¹⁶⁰ outros artigos.

A ditenda era lugar de encontro de muita gente. Até pessoas estranhas da sanzala apareciam. Doentes vinham passar tempo na oficina. Outras pessoas, depois das lavras, lá caíam com baralhos de cartas e com a *kiela* para *kuseta*¹⁶¹, enquanto aguardavam pela hora de jantar.

O mestre era o homem mais informado da sanzala. Estava a par de todas as conversas, até das íntimas. Conhecia a fundo o segredo de algumas famílias. Porque, enquanto os seus contemporâneos faziam da sanzala lugar de transição, ele estava lá desde a nasçença. Viu velhos e novos a morrerem, e crianças a nascerem. Assistiu a casamentos e divórcios. Conhecia todo o verbo e adágios regionais para conquistar mulheres. Também sabia derrubar um argumentador astucioso. E servia como orientador de muitos rapazes para conquistarem moças, e conselheiro de moças para se escaparem de rapazes com más intenções.

Assistia a muitos e diversos julgamentos na Mbanza do Soba. Quem quisesse saber da genealogia de uma determinada família bastava recorrer a Kahitu. Ele era o mais indicado para ler e interpretar cartas de terrenos, escritas no século XVIII, com tinta de folhas de tomateiros, sendo a pena: *muá-muá ua kisak*¹⁶², e o aparo: o espinho da piteira.

151 *mabeku* – chacais (N.A.).

152 *makamba* – instrumentos de caça, lanças.

153 *makumba* – fechaduras, cadeados.

154 *isaku* – agulhas para fazer cestos.

155 *isomenu* – instrumentos de ferro ou de madeira para fazer esteiras, portas de palha.

156 *jinvu* – podões; foices.

157 *ndjabitu* – machadinha.

158 *jipenze* – instrumentos de caça; lanças com ganchos (arpões).

159 *maxalu* – machados.

160 *matemu* – ensadas (N.A.).

161 *kuseta* – jogo tradicional utilizando um tabuleiro com 28 buracos (*kiela*) (N.E.).

162 *muá-muá ua kisaka* – pêlo de porco-espinho (N.A.).

Desde pequeno, ele sobrecarregava conhecimentos de valor, da sua área.

Rapazes que viviam nas cidades escreviam para ele, a pedirem informações de raparigas para casamento. E moços galanteadores, de sanzalas estranhas, dirigiam-se a ele, para se informarem da conduta desta e daquela rapariga.

Anos atrás era um bom cristão. Na Igreja, ao lado dos cristãos da época – João e Pedro –, cantava como um “anjo”.

Dos espectáculos que a Igreja dava, interpretando passagens bíblicas, muitas vezes fazia o papel do “coxo dos Apóstolos João e Pedro”.

Tinha boa memória para recitar capítulos da bíblia.

Tão reservado era, que não se tinha esquecido do filho da Kialenguluka. Viu-o metido num grupo de rapazes que jogavam kindembele. Fazia os possíveis para chegar ao sítio sem ser visto. O jogo estava no auge:

– ...*mu amoxi, mu aiadi, mu atatu, mu auana... mu kual... mu tolo... ku dima dia kahama... kakuata!*¹⁶³ – os miúdos faziam muita algazarra. E tão absorvidos estavam no jogo que não davam pela chegada do “kika”, que se rastejava de mansinho cuobando-os à onça¹⁶⁴.

Os garotos continuavam a discutir as partidas do jogo:

– *Kiatenge!*...¹⁶⁵

– É mentira, *Kiatenge* nada – altercavam porque um deles quer trapacear.

– Vamos acabar e vamos começar de *kapokona makondo*¹⁶⁶ – sugeriu um companheiro.

Kahitu, num voo felino, que só ele, aleijado, o sabia dar, atirou-se ao grupo, e prendeu, com as suas mãos calejadas, a perninha do garoto desejado. Os outros, assustados, espalharam-se fazendo muita gritaria,

¹⁶³ *mu amoxi...* – regras do jogo: 1.º, 2.º, 3.º, 4.º (a interpretação do restante é ambígua) (N.A.).

¹⁶⁴ *cuobando-os à onça* – pé ante pé, sem fazer barulho (N.E.).

¹⁶⁵ *Kiatenge!* – Mexeu-se! (N.A.).

¹⁶⁶ *kapokona makondo* – outra modalidade do jogo de kindembele (N.A.).

enquanto o companheiro chorava e se debatia desesperadamente.

– *Lelu, nga-ku-kuata, eme kaxêêê? Kaxena inanhi? Zuela, kaxena inanhi?!...*¹⁶⁷

– Deixa, deixa... – berrava o garoto que estava sendo sovado sem dó.

Alguém tinha ido chamar Kialenguluka. Esta veio a correr, mas encontrou o filho já solto a chorar.

– Mano Kahitu, que fez o filho, bater assim parece que roubou? Inh, roubou quê?... Ele é servente ou é cão ou é escravo?

– Ó Kialenguluka, não venha já com esta força. É preciso educar o filho, porque kaxena deve chamar você e com teu homem, ouviu? Bati este cachorro – mostrava o garoto que fungava para exemplo, e vou procurar os outros. Costumo dizer que eu não tem culpa de nascer aleijado. Tu, Kialenguluka, também pode nascer, um dia, um filho como eu. Crescemos junto, e era você mesmo que me acudia, quando outros rapazes me faziam pouco. Agora deve fazer mesma coisa que andava fazer antigamente, defendendo-me do teu filho e dos outros rapazes que querem gozar a minha desgraça...

– Eu não digo que não bate. Mas quando bate a mão não deve ficar muito pesado nos miúdos...

– Pedi-te muitas vezes para ralhar teu filho, no meu lugar, mas nunca quer saber nada. Os garotos são juados¹⁶⁸? Está bem. Mas também tem remédio do juado. Toma conta, com esta porrada que apanhou o teu filho, ele não vai chatear mais na minha vida... Eu sei que não vai chatear mesmo. Você é testemunha da “cruz de Jesus Cristo” que ando levar desde pequeno. Padeço mais com chacota dos vossos filhos – principalmente o teu filho – do que com os meus pés mortos. Jesus Cristo não esqueceu o aleijado...

167 Lelu, nga-ku-kuata... – Hoje apanhei-te; eu sou o kaxena? Quem é o kaxena? Fala, quem é o kaxena?!...
(N.A.).

168 juados – traquinas (N.A.).

Acabando de dizer estas palavras, chorou. A Kialenguluka olhou fixamente para o kikata. Respirou fundo, e por fim começou a despejar lágrimas: bulu-bulu-bulu-bulu-bulu...

Cartório

Velho Mukita, uma ocasião, veio da lavra muito cedo. Ao entrar em casa, encontrou na sala muitas mulheres: velhas e novas.

– Kahitu, para que tanta gente em casa?... A sala está a dar o aspecto de que alguém está doente...

– São pessoas que vieram para lhes ler as cartas que vieram dos seus parentes, e outras para lhes escrever cartas de resposta.

O velho, brincando, dirigiu-se às visitas e disse:

– Vocês passam a trazer qualquer coisa para esse aleijado.

Das encomendas que receberam dos vossos filhos, devem tirar um pouco para o vosso escriturário.

– Está bem, temos feito isso. Vamos, mano Kahitu, está sendo hora de trabalho – pediu uma velhota.

– Devo começar nas mais velhas ou nas mais novas? – perguntou Kahitu.

– Primeiro somos nós. Estas novas estão cheias de segredos.

Que fiquem sós...

E o mestre começou a ler uma carta de uma das senhoras:

“... 21 de Janeiro de 193...”

Minha querida tia Mafuma:

Desejo saber a sua saúde eu cá bom sem novidade. Eu mando dizer que...”

– Psiuuu, *kik'êêêê!* – interrompeu um garoto.

– Kika é a tua mãe... *ia tatenu moxi!!!*⁶⁹ – explodiu Kahitu numa cólera desenfreada. Não respeitou sequer as visitas, tal era o seu estado nervoso, causado por um garoto que da janela o insultara. Tremia e

⁶⁹ *ia tatenu moxi!* – vai para o caralho do teu pai! (N.E.).

transpirava.

– Mas quem foi o malandro que gritou aí pela janela? – perguntou a dona de casa.

– Foi o filho da Kanzenze, lá vai a correr...

– Vamos continuar com a nossa carta, mano Kahitu. Não debes ligar a estes garotos, ainda piores. Eu me encarrego de passar pela casa da Kanzenze, não te irrites mais. Estes miúdos são autênticos diabos; com tanta surra que levam, nunca se emendam!...

– Ainda há dias dei uma porrada de cagar bichos ao filho da Kialenguluka. Faltava-me um bicho, agora aparece mais esse a chatear-me. Está na minha lista...

Terminado com o correio das velhas, seguiu com o das novas. Em geral, todo o aluno que nasceu e cresceu na sanzala e lá estudou, já provou a situação embaraçosa em que se vê, quando lhe ditam em quimbundo uma carta para ser feita em português.

Elas, as velhas, não sabem falar português, mas procuram corrigir certas passagens da carta! Talvez guiadas pelo sentido dos seus escreventes permanentes.

As velhotas não gostam dos escreventes que se libertaram há pouco da Escola. Dizem elas que as cartas que escrevem os moços não têm a consistência nem a pausa, tal como o fazem os adultos. “– Você escreveu só, mas vou mandar ler mais no tio Chico (velho).” Alguns chegam de dizer isso e mais alguma coisa.

– Kiaiangô, chegou a tua vez – gritou o mestre.

A moça, muito bonita e de maneiras modestas, entrou no quarto onde funcionava o escritório e viu:

O mestre próximo da janela, debruçado sobre uma mesita com tampo de caixote e pernas de pau de *paku*¹⁷⁰. Como toalha, a mesita estava coberta de velhos jornais de Portugal, *Diário da Manhã*¹⁷¹. Ele

170 *pau de paku* – madeira muito resistente usada, em geral, na construção (N.E.).

171 *Diário da Manhã* – jornal publicado em Lisboa no tempo de Salazar: órgão da União Nacional, o partido criado por Salazar (N.E.).

sentava-se num caixote. Tanto a mesa como o que servia de banco eram de altura relativa à sua estatura e ao jeito de se comportar junto dos móveis. Na mesa estavam dois tinteiros: um de vidro, do tempo de “Luís XV”, e outro, já velho, de madeira envernizada, com três bocas abertas, e tendo ainda um lugar para pousar as canetas, no qual estavam três bem grossas. Tinham sido oferecidas pelos amigos, em serviço nas cidades. Na mesa, ainda se viam duas pedras de *sssoua*¹⁷², bem lisas e redondinhas, que faziam a vez de pesa-papéis e, às vezes, serviam para tirar aos ganapos-mangadores. A cama de *jipapa*¹⁷³, *mizalumuna*¹⁷⁴ e *kitanda*¹⁷⁵, tinha um colchão: dois luandos, um de *kalangala* e outro de *kuzala*¹⁷⁶. Na cabeceira da cama, fazia a vez de almofada e travesseiro: um tronco de *kixingu*¹⁷⁷, entre os dois luandos, com a medida da largura da cama. Na *munhunga*¹⁷⁸ estavam pendurados um pano, camisa, calções e outras roupas. Num dos cantos do quarto, havia, encostado à parede, um baú velho, sobre o qual estavam volumes de livros já carcomidos e um pequeno candeeiro de lata.

Desde que Kiaiangô entrou, observava o quarto do mestre com muita atenção. E, se não fosse o interrompimento das companheiras que esperavam na sala, ela continuaria a mirar.

– Então, Kiaiangô, desde que entraste não falas para abreviares as outras, o que estás a fazer?

– O Kahitu está acabar de escrever uma carta. E vocês já sabem quando se lhe interrompe, corre connosco.

– Quem tem pressa vai'mbora! – observou Kahitu.

– Falamos só. Pronto, fazes primeiro o teu trabalho. Se formos,

172 *sssoua* – pedras brilhantes e redondas (N.E.).

173 *jipapa* – forquilhas de cama; “finca-pé”.

174 *mizalumuna* – travessa de cama.

175 *kitanda* – estrado (N.A.).

176 *uando de kalangala e de kuzala* – esteiras que se estendem sobre o estrado: o de *kalangala* fica por cima do de *kuzala* (N.A.).

177 *kixingu* – tronco seco de madeira fofa e leve; *acha* (N.A.).

178 *munhunga* – corda (N.E.).

a quem iremos ter? Há muitos que sabem escrever, mas interpretar o pensamento de quem dita e àquele que escreve, não há melhor que tu. Bem sabes que os nossos parentes mandaram dizer que cartas sem a letra de Kahitu não se percebem bem. Até a carta que escreveu o branco Sousa, que sabe mais do que o Chefe do Posto, o primo Manuel mandou dizer que não respondia mais cartas sem a tua letra.

– Bem, Kiaiangô, encosta a porta para as outras não ouvirem as conversas. Trazes papel?

A rapariga levantou um pouco o pano-de-cima. E de um sítio oculto tirou o papel e envelope que custaram “duzentos réis”, na loja do comerciante Sousa.

– Fala primeiro antes de eu começar a carta.

– Tudo?

– Pois ‘tá claro. Às vezes vocês começam com uma conversa e, quando já chegam no final, já não querem o que mandaram dizer.

– Diga mesmo no Madima assim como eu vou falar, não ponha nem tira:

“Recebi o dinheiro para o tabaco que ele mandou na mamã. Volta não quero. Eu não gosto dele. Se alguém que intrujou que eu costuma pensar no Madima, é mentira. Ele vai mas é queimar o cabelo, e tudo sai na cabeça. O mbuiji idia o dixinde dia-mu-uabela, muene o ku-ngi-jijimika mukonda?¹⁷⁹ Com uma data de mulher que anda no mundo Madima ranja outra mulher. Na carta, ele disse que só quando eu morrer ele me deixa perseguir. O mamã foi na casa de pai dele fazer ver isso. Eu nunca lhe comi dinheiro dele, nem se recebi kambundu ka musanga¹⁸⁰. Ele pode feitiçar, não pega. Já tenho namorado. Se no mundo não tem mais mulher como eu, também digo que neste mundo não tem home que não presta como ele. Ovi dizer que quer vir para mi roubar. Pode vir também tem home que pode com ele. Mais nada.”

179 O mbuiji... – A paca come o capim de que gosta. Por que ele insiste tanto comigo? (N.A.).

180 kambundu ka musanga – grão de missanga (N.A.).

– *Ambanjiná*¹⁸¹, Madima que está vir com feitiço de intrujar? – acrescentou a moça, muito aborrecida.

– Mas tu quer ir mesmo com aquele rapaz de Mutamba? – perguntou Kahitu.

– E depois?

– Olha que, raparigas de Longo, são pouco que costumam habituar com a vida das margens do Cuanza.

– *Eme kima!*¹⁸² Tem muitas mulher de Longo e andam bem.

Mas a pessoa, quando gosta, até no fogo vai.

– Tu vai trocar um rapaz da tua sanzala com um *mutambi a mbiji*¹⁸³?

– É gosto, mano Kahitu. Vamos, escreve ainda.

O mestre ferreiro, conselheiro, escrevente e dirigente dos miekeieke, escreveu tal qual como a Kiaiangô ditara. No fim leu-lhe a carta, e perguntou:

– Está bem assim?

– Sim.

– Não tem medo ou bocado de amor para Madima que gosta de ti?

– Não, ni o coração está pesado. Gosto é gosto. Já tenho meu rapaz, *mutu uzuela o kidi kiê...*¹⁸⁴ – respondeu a moça, sorrindo.

– Outra – chamou Kahitu.

Entrou a menina Kanvula, que disse:

– É aquilo que falamos ontem no *sungi*.

– Nada mais tem para pôr?

– Nada.

¹⁸¹ *Ambanjiná* – Ora bolas! (N.A.).

¹⁸² *Eme kima!* – Não interessa! (N.A.).

¹⁸³ *mutambi a mbiji* – pescador (N.A.).

¹⁸⁴ *mutu uzuela o kidi kiê* – a pessoa diz a sua verdade (N.A.).

“... , Janeiro de 193...

Meu querido do coração

Mbenza

Quero saber a, sua saúde. Eu não durmo, todos os dias andar só pensar no você. Recebi a carta, as missangas de jingondo¹⁸⁵, de milakidi¹⁸⁶ as pulseiras. Não sei quando vai vir me ver. Em casa tem muitas conversas. O papá e mamã e mais gente, não gosta de você. E o meu coração anda como não sei. Só o primo Miguel e o tio Makoza gostam de você. Papá e mamã querem me obrigar ir num homem. Eu disse não quero, porque se me obriga eu vou pôr uma corda no pescoço. Portanto, fala mesmo se você me gosta de verdade... Tio Makoza falou com papá mas o papá não quer ouvir. Até o vinho, que o teu pai foi com ele na nossa casa, para sungular¹⁸⁷, só o tio Makoza que bebeu. A mamã também não recebeu o tabaco que lhe levaram.

Mamã disse se migar com você, vai-se matar. Papá disse mais vale eu morrer do que migar com você. Já apanhei duas porradas por causa das cartas que mandaste-me. As coisas que recebi, escondi na casa do primo Miguel. Muitos costumam me aconselhar que os velhos no princípio é assim, depois aceitam. Mas comigo parece que tudo vai ficar mal. Eu gosto de você mesmo, Mbenza. Também já disse no tio Makoza que se me batem mais vou-me pendurar no pau de mutete¹⁸⁸. Sabe? Única forma de a gente se amigar mesmo, é mesmo nos roubar. Eu aceito. Papá e mamã ficam zangados mas depois passa. Mas também o coração está dizer se amigar você, a mamã vai meter corda no pescoço. Pior ainda se você me roubar. Mas tio Makoza disse que é mentira, mamã só está intrujar. Mamã está falar assim para ver se meu coração fica mole. Mas vejam só o homem que querem me obrigar! É o velho Kizuba que já tem três mulheres. Eu, pôr “ukàjina”¹⁸⁹ com muitos que andam aí, é azar. Costumam, dizer que

185 jingondo – qualidade de missanga dourada (N.A.).

186 milakidi – qualidade de missanga, de grãos mais compridos que roliços, mas finos (N.A.).

187 sungular – conversar ou divertir no sungi (N.A.).

188 mutete – árvore (N.A.).

189 pôr “ukàjina” – aceitar as normas da poligamia (N.E.).

Kizuba é feiticeiro e dança com a mulher mais velha, e é quem é que vão-me dar para ficar com ele. Esta mulher anda comer os filhos das outras comborças¹⁹⁰. É nesta casa de conversa que eu vai ir?..."

– Dá mais papel, este não chega – interrompeu Kahitu e continuou a escrever:

"... Vai aí com o tio Banda um bocado de castanhas de caju, mbombó de mandioca¹⁹¹, doze mangas e algumas batatas-doces, assadas. São os meus pensamentos. Minha irmã Anhica manda muitos cumprimentos, e as pulseiras também lhe dei duas.

A filha de Jingondo lhe deram uma barriga na casa do pai dele. A Nzamba lhe querem num rapaz de Malambo. A Sangue já foi no homem, mas passou uma conversa grande. Você pergunta na Catidi? A Catidi vai já lhe trazerem no rapaz dele, depois de cortar a mbala¹⁹². Cumprimento para o primo António e mano Cundinda. Mais nada. Manda resposta na terça-feira sem falta. Tua namorada que lhe gosta muito no coração,

Kanvula".

– Pronto, acabei a carta. Mas você sabe porque o teu pai não gosta do Mbenza?

– Costumam dizer que é por causa dumas conversas que passou muito tempo com meu avô e avô do Mbenza. Eles já morreu. Eu tenho coisa com isso?

– Eu vou contar-te:

O teu avô e o velho Dixinde andaram namorar a mesma mulher. Depois a mulher ficou com Dixinde. Mas o teu avô jurou que a mulher não ficava com ninguém. A rapariga, no primeiro parto, morreu com o filho na barriga. Passou barulho grande.

Disseram que o teu avô é que feitiçou. Então lhe insultaram e lhe bateram no óbito, nos parentes da falecida e mais nos parentes do velho

¹⁹⁰ *comborça* – concubina (N.E.).

¹⁹¹ *mbombó de mandioca* – mandioca fermentada (N.E.).

¹⁹² *mbala* – sorgo (N.E.).

Dixinde. Desde esse dia o teu avô que ficou sujo, deixaram de falar com a família do Dixinde. Esta maka¹⁹³ passou no ano que você nasceu. Mas antes de passar a conversa, o teu pai com o pai de Mbenza eram amigos. Mas os pais deles obrigou os filhos não falarem também. Então, quando os dois velhos já morreram, os vossos pais começaram a se cumprimentar outra vez. Na hora de morrer o teu avô, ele chamou todos os filhos e disse que nenhuma pessoa da família dele vai amigar na família do Dixinde. Porque aquele que não cumprir a minha ordem vai ficar com azar até morrer. Agora aparece esse vosso namoro. Teu pai tem medo que você vai morrer de parto ou te vai acontecer uma coisa muito triste. O pai de Mbenza é da Igreja e não liga estas coisas. É assim como se passaram as conversas, o que falta você um dia vai saber...

– Mas eu nada sei dessa conversa, e não tem nada com ele.

– Eu estou a pensar que os teus pais vão-te dizer, só estão esperar o dia. Eles estão-te ainda a pôr medo para ver se você larga a namoração. Mas se eles adivinharem o teu pensamento que aceitas ser raptada, vão te dizer logo. Porque se você eras uma bisneta, talvez as coisas iam de outra maneira. Agora, você neta daquela que deixou a ordem, as coisas estão muito fresco, Kanvula. Vais perguntar o teu tio Makoza...

As outras moças que esperavam na sala entraram depois da saída da Kanvula. O mestre leu as cartas que uma trazia, para esse efeito.

Na véspera e dia de comboio¹⁹⁴, o trabalho de Kahitu começava com o escrever e o ler cartas de parentes, pessoas amigas e conhecidas. Como recompensa, recebia, de vez em quando, algumas ofertas, por exemplo: batata-doce, mandioca, castanhas de caju, milho e outros mimos; também açúcar e pão, que os filhos da cidade enviavam para os seus. Recebia as ofertas quando as “clientes” se lembrassem dele, porque Kahitu trabalhava por “amor à arte”. Às vezes, quando os amigos regressavam das suas ocupações, lá longe da terra, ofereciam-lhe

193 maka – briga; discussão (N.E.).

194 dia de comboio – a passagem do trem, que se dava três vezes por semana, era um pequeno acontecimento (N.E.).

algumas roupas usadas, papel e envelope, canetas, tintas e lápis.

As crianças nunca deixavam de incomodar o paralítico, não obstante a idade que já aparentava. Sucedia que mesmo os pupilos que ele protegia na sua oficina também o gozavam.

Uma ocasião, o miúdo Nzeue, depois de passar todo o dia na oficina, ao despedir-se gritou:

– *Máxiii...*

E desatou a fugir. Atrás dele seguiram alguns “polícias” (baixotes e gordinhos, de 5 a 6 anos de idade) para o apanhar. Mas eram pequenos demais para um patifezinho que aparentava ter 8 anos de idade. Nessa tarde Kahitu ficou transtornado, e lamentava:

– Sacana do ingrato! *Maxikamenu, eme!!!*¹⁹⁵ É preciso ter muito azar!... Todos estão aqui apontados. Vou surrá-los, um por um. E o cachorro parecia ser um obediente!...

Numa tarde, depois de o sol amainar, e o chão estar propício para um paralítico poder rastejar-se e gatinhar sem se queimar, Kahitu resolveu dar um passeio pela sanzala.

Qualquer transeunte podia saber onde o mestre estava, denunciado pelo rasto que os seus pés e mãos deixavam marcado no chão.

– Boa tarde, mano Kahitu, para onde vais?

– Boa tarde, vou dar uma volta até lá em baixo. Muito tempo que não vejo a rapaziada.

O escrevente, já disse que era reservado. Quando engolisse o nome de um miúdo que o desrespeitasse, não ficava satisfeito enquanto não o sovasse. Dessa vez ia à caça daquele garoto que uma vez o chamou “*kikata*” na mesma altura que o filho da Kialenguluka. Ao passar próximo de uma *mulelema*¹⁹⁶, viu um grupo de garotos que jogavam *kimbokadi*¹⁹⁷. No grupo estava um dos seus “polícias”. Chamou-o:

¹⁹⁵ *Maxikamenu, eme!!!* – Calos nas nádegas, eu!!! (N.E.).

¹⁹⁶ *mulelema* (ou *muxixi*) – pequena árvore bursarícea (N.E.).

¹⁹⁷ *kimbokadi* (ou *kaluula*) – jogo infantil em que quatro cacos de louça, com uma das faces pintadas, são arremessados para cima; segundo a posição em que caem, faz-se a contagem dos pontos avançando-se com uma pedrinha em buracos praticados no chão (N.E.).

– Kinda, venha! – O “policiazinho” veio a correr, todo satisfeito. Trazia a face, a barriga e as mãos cheias de terra.

Estou aqui, mano Kahitu.

– Não viste o Pazito, filho da Sota?

– Não.

– Então dá uma corrida até o fundo da sanzala e vê se está lá. Corre, eu vou devagarinho, e encontramos no caminho. É ver só. Não lhe diga nada. – O garoto partiu velozmente. Passado um momento estava de volta.

– Está lá jogar kaluila, na trás da casa do Kamanhi. Naquele “capinho”, alií... Está com Kimba, Buatu, Zinha, Bati e Mbaxi – informou o miúdo, respirando com aceleração.

Os jogadores estavam muito entretidos com o *kimbokadi*. O mestre, usando da sua artimanha para caçar miúdos, ia-se aproximando.

Eram seis garotos sentados em círculo. No centro havia um buraco em que cabia um ovo de jacaré, do qual partia uma fila, de dez buracos mais pequenos, para cada jogador. A kaluila estava em acção. De quando em vez os jogadores alteravam a voz, ao corrigirem uma jogada ou para animarem a partida.

E ouvia-se o cair ao chão dos quatro cacos de louça pintada de um só lado. Ao mesmo tempo que iam marcando as vazas, diziam os preceitos do jogo. Isto é, conforme os cacos atirados primeiramente ao ar mostrassem, no chão, as pintas em par ou ímpar ou uma só face.

– *Miti*¹⁹⁸ – o jogador marcou um buraco.

– *Dinake*¹⁹⁹ – o contemplado marcou oito buracos, por conseguir, de uma só atirada, virar os quatro cacos do lado da face pintada.

– *Uabele...*²⁰⁰

– *Uabele a-mu-luila*²⁰¹ – responderam todos em coro, e cada jogador

¹⁹⁸ *Miti* – par (no jogo de kaluila, dois cacos com a mesma face) (N.A.).

¹⁹⁹ *Dinake* – oito (N.E.).

²⁰⁰ *Uabele...* – Perdeu... (N.A.).

²⁰¹ *Uabele a-mu-luila* – Quem perdeu dá um ponto aos outros (N.A.).

marcou um buraco, menos o perdido.

Kahitu continuava a espiar e a fazer os planos de apanhar o malandrote. O jogo em movimento:

– *Dikuinhi*²⁰² – outro jogador marcava dez buracos, porque todos os cacos, no chão, mostravam a face não pintada.

– *Uabele!* – perdeu agora, o mesmo jogador, porque, atirados os quatro cacos ao ar, caíram no chão mostrando número ímpar (três da mesma face e um de outra).

O jogo mudou para o parceiro a seguir, do lado direito. Este atirou os quatro cacos, dois dos quais caíram sobrepostos. E todos gritaram:

– *Dikuba!*

– *Dikuba a-di-luila*²⁰³ – disseram os companheiros que marcavam um buraco com muita satisfação, menos o que retinha os cacos, que atirou de novo ao ar os cacos sobrepostos. Por infelicidade, ao caírem, um dos cacos fincou no chão, em posição de esquina, em vez de cair por uma das faces, como é habitual. Por isso, houve novos gritos de regozijo:

– *Ngima! Ngima ia ngonga fula dia' alunga!!!*²⁰⁴ – em coro disseram os jogadores beneficiados. O jogador atirou de novo o caco que deu o ngima para ver se conseguia um par com os que já estavam no chão. Infelizmente arranjou um ímpar.

– *Uabele!* – gritaram os beneficiados, e ao mesmo respondem:

– *Uabele a-mu-luila!* – marcaram, menos o que tinha o jogo.

Por sinal era o Pazito quem perdia. Tinha de ser castigado pelos outros cinco que ganharam. Mas ficou resolvido que só no fim da segunda partida o faziam.

Terminada a primeira, principiou a segunda, com a pragmática:

– *Ngitunda'nzo, ngiza'nzo, ngibokola...*²⁰⁵ – cada jogador marcou

²⁰² *Dikuinhi* – dez (N.E.).

²⁰³ *Dikuba a-di-luila* – exclamação que indica a superposição de dois cacos no jogo de kaluila (N.E.).

²⁰⁴ *Ngima!*... – linguagem enigmática e obscura (N.A.).

²⁰⁵ *Ngitunda'nzo...* – Saio de um buraco, passo noutra e entro neste... (N.A.).

três buracos antes de principiar a atirar os cacos ao ar. É a regra.

Kahitu achou melhor contornar a casa, para chegar à parede onde os garotos se entretinham. A caçada era difícil.

Sem contar, Pazito saiu do grupo para mijar. Quando ia contornar a *kipapa*²⁰⁶, onde Kahitu já media o seu voo característico, o garoto deu um encontrão no seu inimigo que não lhe deu tempo para fugir. E, como uma dádiva caída do Céu, o mestre abraçou o *miekieike* com toda a satisfação.

Pazito deu um grito pungente que despertou os companheiros e os assistentes da partida.

– Kahitu-é! Kahitu-é!... – gritavam os outros miúdos como se vissem um fantasma.

O dono da casa sabia que o aleijado batia mal, correu a acudir ao garoto que berrava sob a pressão dos dedos de alicate do escrevente, ferreiro e mestre dos *miekieike*.

– Larga, Kahitu, para exemplo chega – pedia o dono da casa.

– Stá bem, mas ele tem de dizer o que tinha dito. Diga, Pazito, o que disse naquele dia!

– Não digo mais.

– Diga para eu te deixar.

– *Amba kooo!*²⁰⁷ – aconselharam os companheiros que, de volta e muito nervosos, andavam a fazer barulho somente. – Se eu falar, ele vai-me bater mais...

– Não bate, não, *amba ngo'kik'êêê, kaxiii, máxiii!*... – insistiam os amigos da kaluila. O rapaz gemia. E, numa voz baixa e trémula, disse:

– *Kiká, máxi, káxe...*

– Vais chamar mais um dia kika? – perguntou Kahitu.

– *Kaná*²⁰⁸.

206 *kipapa* – parede (N.A.).

207 *Amba kooo!* – Fala então! (N.A.).

208 *Kaná* – não (N.E.).

Kizolexa²⁰⁹

Não obstante o seu estado de mutilado, o mestre aspirava ter um lar. Desposar! Quando não, ao menos conhecer uma mulher, para ver se era ou não viril.

Concebeu essa ideia desde que os contemporâneos começaram a casar. Porém, nunca quis exteriorizá-la, temendo a *topia*²¹⁰ que viria a sofrer da parte do público.

O quarto de Kahitu, além de ser um “escritório”, também funcionava como lugar de escola de civismo. Pois nele convergiam adultos e adultas em idade de casar para ouvir e aprender os ensinamentos que o tempo e a experiência ofereceram ao “*kikata* de Deus”.

No princípio, o pai – a mãe, velha Mbombo, há muito tinha falecido – opunha-se à *kanvuanza*²¹¹ que se registava em sua casa. Muitas visitas de rapazes e raparigas. Muita gente velha ia à procura do filho de Mukita, para pedir a intervenção do aleijado, a fim de aconselhar um determinado filho a seguir esse ou aquele caminho. Ele conhecia a fundo a psicologia dos garotos que viu nascer. Alguns moços e moças acatavam mais um conselho dele do que o dos pais.

O mestre, já maduro no pensamento, uma vez respondeu ao pai, que se aborrecia com as visitas, que deixasse vir o mundo que o visitava. Porque, se Deus lhe tinha negado o viver como os outros rapazes sãos, em parte compensara-o com a *kizolexa* de ser amado por muita gente. E se ainda não se tinha suicidado, ao pensar nas pernas que não tem, deve agradecer a todas as pessoas que o visitavam. E queria lembrar o pai que a mãe, na hora da morte, contara-lhe o motivo da sua paralisia.

²⁰⁹ *kizolexa* – qualidade de ser amado por muita gente; estima (N.A.).

²¹⁰ *topia* – troca (N.A.).

²¹¹ *kanvuanza* – confusão (N.A.).

Nesse dia, o velho Mukita ficou muito comovido. A partir dessa data nunca mais se importou com o número de visitas que o filho recebesse. Não poucas vezes o velho recebia louvores, por ter um filho tão inteligente. O velho agradecia com muita satisfação. Mas, no fundo, ficava com medo de que o filho fosse enfeitado pela esperteza manifestada e tão realçada.

Um dia Kahitu foi intimado a comparecer na Mbanza do Soba, para dizer se a letra de uma carta anónima, dirigida ao Soba, era dele. A carta censurava uma pena que o Tribunal do Soba aplicara a um pai de uma das suas pupilas da “escola cívica”.

A carta tinha sido escrita por ele, com uma caligrafia disfarçada. O escrevente não se limitava a insurgir-se só contra a pena, mas estendera-se em apontar certos erros do sobado.

Instado e ameaçado, na presença de professores que tinham sido convidados para examinarem a caligrafia, o escrevente negou a acusação. Mas não convenceu os *makota*²¹² do Tribunal, que o tinham sempre debaixo de olho.

Velho Mukita, quando viu o filho na *disanza*²¹³ de *maka*²¹⁴, e ouviu os comentários jocosos e ameaças da parte do Soba e seus Ministros, temeu que o filho tivesse caído na lista negra dos feiticeiros.

Nessa audiência, o escrevente respondeu em parábolas às parábolas dos Juízes, e fê-lo com subtileza que deixou espantada a assistência. No seu depoimento foi muito presunçoso, e mostrou atitudes insolentes que lhe iam custar vexame, sova, se não fosse a intervenção pronta dos professores e de algumas pessoas que se comoveram.

À noite, em frente da casa de Kahitu era o lugar de *disungi*²¹⁵.

Os jovens, depois do jantar, apareciam para algumas brincadeiras de dança e de jogos.

212 *makota* – conselheiro do soba (N.E.).

213 *disanza* – largo; lugar de reunião, de justiça (N.A.).

214 *de maka* – em apuros; com problemas (N.E.).

215 *disungi* – local de passeio, de recreio (N.E.).

Enquanto cá fora a gritaria das crianças e de adultos cortava a noite, o mestre, no seu quarto, estava em volta de donzelas bonitas, feias e as de beleza média – iluminadas por um tosco candeeiro de lata,

As gargalhadas das moças estalavam, consoante o assunto, se era ou não palpitante. Mas, fora, grosso maior de gente, o barulho dos brincadores abafava as risadas indiscretas das “alunas”.

Nessa espécie de “escola de civismo”, cada frequentadora fazia a sua pergunta às colegas ou ao mestre. Geralmente era o mestre que dava a explicação de como uma rapariga se deve portar junto de um namorado; as respostas que se devem dar ou não ao galanteador; a forma como se deve portar a moça no primeiro dia do casamento; como evitar o *kubatekela*²¹⁶; o que se deve dizer ao namorado quando a moça pretendida já não é honrada, e se deve dizer ou não isso ao rapaz antes do matrimónio; a significação dos três ou mais dias, a seguir ao casamento, em que a noiva é obrigada a dormir com a sogra ou mulher que a substitua; os deveres a atender no dia das núpcias, junto dos futuros sogros, dos cunhados, do povo e, principalmente, das damas que a acompanham; como se elimina a vergonha de que se apossam as noivas, nas primeiras refeições, logo a seguir ao enlace.

São estas e mais coisas que Kahitu ministrava às moças, sem conhecimento de muitos pais. Estes alçunhavam o dormitório do mestre como quarto de *kinzangala*²¹⁷ ou de *makudi*²¹⁸.

Eram noites mais felizes na vida do aleijado. Aquelas em que se encontrava com as raparigas no seu quarto. O petróleo era comprado pelas discípulas. Estas levavam para lá conversas muito íntimas, que ouviam das cunhadas, das tias, das mulheres de *kisoko*²¹⁹ e daquelas

²¹⁶ *kubatekela* – ato de parir filhos uns atrás de outros (N.A.).

²¹⁷ *kinzangala* – casa onde dormem ou se reúnem rapazes ou moças solteiras (N.A.).

²¹⁸ *makudi* – solteiros (N.A.).

²¹⁹ *kisoko* – acordo entre famílias pelo qual seus membros tratam-se sem cerimónias, não reconhecendo idade ou condição social; de início tal acordo tornava lícitos inclusive alguns actos atentatórios à moral (adultérios, roubos e até sevícias). O *kisoko* é firmado entre famílias ligadas seja por parentesco (transmitindo-se, nesse caso, aos descendentes), seja por amizade (não se transmitindo aos descendentes) (N.A.).

senhoras, há pouco casadas, “ex-alunas” da “escola de Kahitu”.

O mestre ouvia com toda a atenção as histórias das pupilas.

E registrava-as na sua fértil memória, a fim de transmiti-las às futuras alunas. Por vezes, ele contava também as suas histórias palpitantes e insinuosas, por vezes. Histórias que ouviu da geração passada. E as risadas estridentes ecoavam no quarto, com maior satisfação e num à-vontade prazenteiro.

Valeram a muitas mocinhas essas “aulas”. Porque muitas raparigas teriam caído nas mãos de vigaristas, se não fosse o conselho de mestre boamente executado, como passatempo, por Kahitu.

No quarto, e na hora da “aula”, só entravam as adultas.

Não havia horário estabelecido. Elas vinham quando quisessem. Algumas raparigas que, por qualquer razão, não pudessem comparecer à reunião, sentiam-se aborrecidas.

O mestre foi muitas vezes insultado e ameaçado de levar uma trepa, pelos rapazes que queriam sunguilar²²⁰ com as raparigas, e não o podiam fazer, porque estavam a atender o aleijado. Houve queixas atrás de queixas aos pais das “alunas”. Porém, não surtiam efeitos, porque as filhas justificavam perante os pais a intenção malévola dos rapazes queixosos.

As mães preferiam mais que as filhas estivessem toda a noite a conversar com o aleijado, do que uns minutos com os moços. Estes, alguns deles, vinham das cidades com defeitos que não se ajustavam à maneira de ser do povo da sanzala.

Porém, as mesmas “lições” que recebiam as raparigas, ao invés, eram também ministradas aos rapazes que frequentavam a sala de makudi, mas em dias diferentes.

A cabeça de Kahitu estava cheia de confidências.

As reuniões do quarto de kinzangala, frequentava uma rapariga de nome Saki, muito alegre e jovial como o indica o seu próprio nome.

²²⁰ *sunguilar* – conversar, bater papo; neste sentido preciso, namorar (N.E.).

Desde criança fora sempre uma brincalhona. Seja em que reunião estivesse, tinha uma ou mais histórias para fazer rir. No quarto de makudi as suas gargalhadas sobressaíam às das outras.

A mãe, quando a repreendia, usava sempre o estribilho: "*Saki, eie u mukuá-umeta...*"²²¹. Não era muito bonita de cara mas era bem formada de corpo. Os dentes branquinhos eram embelezados por *kienze*²²². Dava graça o seu andar de ginga. As pernas grossas, mas proporcionadas ao corpo, e altura, e botoladas²²³ por missangas, contrastavam com a pouca beleza da sua face.

Vinha sendo pretendida por muitos cavalheiros da sua e de sanzalas estranhas, mas ela desdenhava a todos. Dizia com a sua face de *kimuemuxa*²²⁴: o homem para mim ainda não nasceu... E era a mesma resposta que andava a pôr nas cartas em que respondia aos apaixonados.

Muitas das suas companheiras do sungi e do quarto da makudi já se encontravam em casa dos maridos. Casamentos, alguns, facilitados por ela. Porque às vezes, para se ver livre dos incómodos de um pertinaz galanteador, indicava-lhe uma amiga.

Nos lares das contemporâneas casadas era bem recebida. E delas colhia muita conversa de *umbôxa*²²⁵, que levava à casa da reunião, para servir de tema ou para provocar risadas desalmadas, como aquelas que deram no dia do casamento da Sange, antiga pupila de kinzangala.

Talvez fosse conveniente interromper a narração sobre a menina Saki de *saki e malumbi*²²⁶ para resumir o muito falado caso da Sange. Mas peço aos leitores para não perderem a meada.

A Sange tinha sido raptada pelo noivo – era a forma mais rápida de se casar e estava na moda. Aliás, tolerada pelo regime da terra, não

221 "*Saki, eie u mukuá-umeta*" – "*Saki, és muito saliente*". (N.A.).

222 *kienze* – intervalo natural entre os dentes incisivos frontais (N.A.).

223 *botoladas* – cingidas, apertadas (N.E.).

224 *kimuemuxa* – fisionomia alegre, sorridente (N.A.).

225 *umbôxa* – íntima (*maka a umbôxa* – conversa íntima do lar; *mukua-umbôxa* – linguareiro) (N.A.).

226 *saki e malumbi* – presença e vaidade (N.E.).

obstante os perigos em que, às vezes, incorrem os raptos.

Raptada e posta em casa, mas no leito, não consentiu que o marido a possuísse. Nesse dia levou uma tarefa que de nada serviu. No terceiro dia, o marido convidou velhas para aconselharem a mulher caprichosa. A Sange respondeu-lhes que sim, mas, na hora devida, recusou. O caso já estava a ser muito comentado e de uma maneira escandalosa.

No quarto dia, o marido introduziu amigos no quarto. A Sange foi amarrada de pés e mãos, com ajuda de panos e lenços de cabeça, aos quatro cantos da cama. Nada lhe valeram os gritos, que eram abafados pelos cantos e pelo tanger de bumbo de um ensaio de carnaval, propositadamente arranjado.

Cá fora, entre os dançarinos, havia gente que, despertada pelos gritos da moça, apoiava a ideia do marido, isto é, castigar a rapariga que não queria cumprir o dever sagrado da mulher. Com a exceção dos amigos, na multidão ninguém mais sabia que a Sange estava amarrada.

– É assim mesmo! *Ambanjiná*²²⁷, anda estas safadas ficarem como santas. Os namorado anda gastar muito dinheiro, muito tempo e paciência para migar mulher, e as tipa para fugir vergonha – *undumbu uá moxi*²²⁸ – que anda fazer aí-por-aí, foge de dormir com home dele, sacana! Mas Sange costuma pensar que andou a namorar com irmão dele ou pai dele? Ou pensa que migar só capinar, varrer e buscar água e comer?... É assim mesmo! – incitava uma mulher de língua solta, e *mukuá-kisoko* do noivo, que resmungava no meio do povo com os panos levantados.

A mulher parecia doida, andando na multidão de um lado para o outro com as mãos levantadas, ameaçando as moças-amigas da Sange. Sacudia-se e batia com a palma da mão no *mataku*²²⁹. No fim, chegou à janela do quarto e gritou para o *kisoko*:

227 *Ambanjiná* – Ora bolas! (N.E.).

228 *undumbu uá moxi* – suas vadias de merda (N.A.).

229 *mataku* – nádegas (N.A.).

– *Eh diiala dia ngunza!*²³⁰ Se a gaja tem *munvu*²³¹, manda já entrar depressa para eu vir já cortar!...

A gente ria-se das piadas da *mukuá-kisoko*, e também do acontecimento invulgar.

Ê mentira! Sange era bem menina. O que o mundo não esperava era que, mesmo com esse espectáculo, o marido não conseguisse realizar o acto. Estava nervoso...

O mundo falou, criticou e xingou. Até no feitiço, que os namorados destronados teriam feito para vexar o marido da Sange, falaram.

Foi a intervenção de Kabitu, por intermédio da Saki, que conseguiu que a Sange cedesse. E era menina, apenas tinha tomado aquela decisão por ter sido raptada contra a sua vontade.

A história é grande. Voltemos, pois, para Saki, mas não para contar o diálogo que ela teve com Sange. Porque essa história dá para rir, lagrimar e estatelar-se no chão, morto de tanta risada! Puf... porque história contada pela boca da Saki e ajudada com os seus gestos característicos (por mais murcha que se torna na boca de outra pessoa) dá muita graça.

As declarações de amor para Saki continuavam a chover, quer por cartas e directamente, quer através de *jipoxi*²³². A moça era prendada. Além da esperteza, sabia capinar bem, tinha muitos conhecimentos culinários, fazedora de *ibandu*²³³, *jingalu*²³⁴, *ikumba*²³⁵, *matamina*²³⁶ e *inda*²³⁷.

230 *Eh diiala dia ngunza!* – O homem corajoso! (N.A.).

231 *munvu ou muvu* – membrana vaginal que por vezes é tomada como hímen, e que impede o coito e a concepção. É uma doença que se trata com intervenção de uma cirurgia (geralmente uma velha kimbanda) que opera sob um ritual (N.A.).

232 *jipoxi* – intermediários que se encarregam de tratar de assuntos de namoro (tb. Advogados, conse-lheiros, alcoviteiros) (N.A.).

233 *ibandu* – artefactos de palha e fibra, para joeinar, estender cereais, fuba, etc.

234 *Jingalu* – balaios.

235 *ikumba* – cestos grandes.

236 *matamina* – cestos médios entre *ngalu* e *kinda*.

237 *inda* – cestos maiores que as *matamina* e menores que *astikumba* (N.A.).

Em casa, era uma burra de trabalho. Sabedora dos seus dotes, através dos elogios que o povo lhe fazia directamente e, às vezes, por intermédio dos pais, mantinha-se modesta.

Pais e mães queriam a Saki como nora. Algumas mães incitavam indirectamente os filhos para cortejarem a rapariga:

– Ah, que felicidade ter a Saki como nora! – diziam mães para outras mães e na presença dos filhos.

Mas ela continuava a fazer sofrer os corações dos rapazes conquistadores. Houve um que no sungi, por descuido, deixou escapar uma confidência:

– Namorei a Saki e não quis. Desta vez vou raptá-la, com ou sem vontade. Porque, uma vez em casa, já feita mulher, não terá coragem de voltar à casa dos pais. Quanto às consequências: “*maka’a anandenge, milonga ia’diakimi*”²³⁸.

A notícia correu depressa. O moço foi ameaçado por outros cavalheiros, antes de os pais da Saki terem conhecimento. Ameaçaram queimar a casa dos pais do atrevido e aquela onde Saki fosse recolhida se realizasse tal rapto.

238 *maka’a anandenge...* – problemas dos filhos, aborrecimentos para os pais (N.A.).

Sai njimu, sai hete

Sai njimu, sai hete
Sai njimu ia maka
Sai hete ia maka
Njimu mulombolodi, muzangi
Hete mutungixi, mulongi,
Kialu kia njimu u-ki-ibula mu Mbanza,
Kibaka kia hete u-ki-sota bu Bata.
Hete uvuala njimu
Njimu kavuala hete²³⁹.

No fim de uma das suas habituais reuniões, que acabou perto da meia-noite, e quando todas as moças já estavam na rua, Kahitu chamou:

- Saki-é, venha ainda.
- Mano Kahitu, me chamaste?
- Sim...

A rapariga entrou, mas antes avisou as outras que esperassem por ela.

- Sabe?... Você é mesmo a rapariga mais esperta que conheço. Neste quarto já passaram muitas, mas raparigas como você ainda não vi...
- Mas porque o mano Kahitu está falar assim? Viu uma coisa?
- Vi, como você respondeu na Tõnha. Agora, faz favor: olha para

²³⁹ Há o Sábio, há o Prudente. / Há Sábio para resolver makas (discussões) / Há Prudente para resolver makas. / O Sábio é intérprete, (às vezes) destruidor (velhaco) / O Prudente é edificador, conselheiro / A cadeira do Sábio, seu lugar é na Mbanza / O banco do Prudente procura-se na sanzala. / De um Prudente pode nascer um Sábio / Do Sábio não nasce um Prudente (N.A.).

mim!

Os olhos de Kahitu olhavam os de Saki. E os de Saki aos de Kahitu. Ficaram quase um minuto nessa posição estranha, como se estivessem a hipnotizar-se. A moça resistiu à brincadeira: muemou²⁴⁰ e desviou a vista. O mestre mantinha-se calado e sério.

– Fala então, que quer, as outras está na minha espera. – disse a rapariga, cortando o mutismo.

– Não quero nada, pode sair, e obrigado – a moça saiu e juntou-se às amigas.

Por todo o caminho falou pouco. Estava intrigada com a atitude do mestre. Procurava descobrir porque Kahitu lhe fizera elogios e, em seguida, aquele jogo de olhos...

Dias depois daquele incidente, Saki voltou, de dia claro, ao quarto do mestre, a fim de lhe ler e responder uma carta, vinda de mais um cavalheiro.

– Mano Kahitu, me lê ainda esta carta e dá resposta também.

A resposta já sabe: “o homem para mim ainda não nasceu”. Não ponha nem tira palavra. Ê só isso que escreve...

– Mas porque não quer os rapazes?

– Eu não quero, mano Kahitu, ainda não senti vontade para ter home. Dizer sim um rapaz é ficar com dívida no coração...

– Quer dizer continua fazer sofrer os corações dos rapazes, não é? E se um dia aparecer um rapaz zangado que te rapta como fizeram a Sange?

Saki riu-se abertamente como era seu hábito, e respondeu:

– O home que me rouba como está na moda não ficava com mulher em casa. Ficava com uma cobra. Burra é Sange, que demorou tanto dia e não fugiu. Mas esse home que vai roubar, comi-lhe o quê dele? *“Jitaiji” jatumisa jibixa, jipulsera, kitadi, mixinga, ma’ eme: lêmbuga-lêmbuga*²⁴¹.

²⁴⁰ *muemou* – sorriu (N.A.).

²⁴¹ *“Jitaiji” jatumisa jibixa...* – Os namorados têm oferecido, sempre, brincos, pulseiras, dinheiro, mascotes para os pulsos, mas, cá comigo, é escusado (taiji – namorado, é calão) (N.A.).

Um home para roubar uma mulher precisa pegar ponto.

- Você é muito esperta! Olha para mim.
- Ah, para quê mais, mano Kahitu?
- Olha só, faz favor, e chega mais aqui.

A rapariga obedeceu, e os olhos de ambos se fitavam. O mestre colocou-lhe as duas mãos sobre os ombros, e olharam-se fixamente. Foi Kahitu quem interrompeu a “sessão” e, em seguida, mandou sair a “discípula”.

Novamente, Saki, para casa, ia pensando no mexerico que existia na monomania do “mestre”. “O que haverá atrás desse proceder do Kahitu?... Devo comunicar às outras o que se está passando?... Não. Quererá ele impressionar-me? Estará ele a adivinhar alguma coisa no meu íntimo? Longe de mim pensar que, um dia, mano Kahitu queira abusar do meu corpo, da minha franqueza e bondade para com ele... Ele é um bonzinho, é coitado! Sem a nossa companhia (ele o confessa), já teria morrido há muito. E, sem o mano Kahitu, eu e demais pouco ou nada saberíamos do mundo em que vivemos...”

Certo dia, Saki não acompanhou os pais à lavra. Ficou para pisar milho e fazer fuba, como recomendara a mãe, velha Mbamba.

O “mestre”, que se encontrava doente, uma diarreia, mandou portador a Saki para que lhe enviasse um pouco de matete²⁴². Veio ela própria com uma panela de *mudimbu*.

- Entra, Saki... Como és tão boa para comigo!...
- A panelinha pode ficar, busco-a amanhã. Já vou, apenas vinha saber como estás. – E ia sair, quando Kahitu a interrompeu:
- Olha, Saki, vou pedir-te um favor, ao mesmo tempo um segredo... – pigarreou e esteve indeciso, ganhou coragem e disse: – Ainda sou novo. As dores dos intestinos me têm atacado quase constantemente. É mau sinal, neste meu estado. Pode a morte chegar daqui a alguns anos, como dentro de dias ou horas. No mundo, não tenho pessoa tão amiga

²⁴² *matete* – papa de farinha de milho ou mandioca; (N.E.).

como tu, depois do meu pai e irmãos. É minha vontade, Saki, que antes de deixar este mundo... (ficou muito tempo parado e suspirou)... Antes de deixar este mundo, gostaria de ver, simplesmente, os peitos de uma rapariga nova. (Ao ouvir isso, Saki sungou *nzuna*²⁴³ e mudou de posição.)

Kahitu continuou:

– Desculpa-me, Saki. Eu nasci e cresci sempre aleijado. Confesso-te que, em toda essa minha vida de sofrimentos constantes, nunca vi os peitos de uma rapariga nova. Nunca tive coragem de fazer um pedido desse. Porque fico receado de que a rapariga se zangue, me xingue e vá contar-me ao povo. Como sei que és amiga, mas amiga de confiança, confesso-te o que sinto. É só ver...

A moça, tão vivida, espertalhona e sempre de resposta na ponta da língua, mantinha a cara para baixo, o olhar no dedo grande que cavava um buraco no soalho nu.

– Saki, dizes alguma coisa! Aceitar ou não, um segredo de morte te peço. Porque, se um dia revelares a alguém este meu pedido, suicido-me. Porque se os insultos dos miúdos quase que me tiram a vida, o que fará uma denúncia dessa forma? Tu não me quererás matar, não achas?...

– Não – respondeu, abanando a cabeça, num gesto negativo.

– Fala, se aceitas ou não... – A moça continuou calada, com aspecto de muito envergonhada.

– Sei que aceitaste, mas custa-te. Nas mulheres é assim mesmo, o silêncio é consentimento.

O “mestre”, sentado à cabeceira da cama, *xenou*²⁴⁴ até ao outro extremo, onde estava encostada a moça e pegou no pano com que Saki cobria o tronco.

– Dá licença (ia *jitunando*²⁴⁵ o pano).

²⁴³ *sungou nzuna* – franziu a testa (N.A.).

²⁴⁴ *xenou* – rastejou, andou de rastos (N.A.).

²⁴⁵ *jitunando* – desamarrando (N.A.).

A rapariga virou a cara para a *jimbala*²⁴⁶. E Kahitu mantinha abertas as pontas do pano. Estava diante de duas “maçãs” pudicas. Nenhum cavalheiro as vira antes. Entre as “maçãs”, caía um fio de missanga de *jingondo* que, na sua cor dourada, iluminava as pontas escuras dos seios púberes. Rapariga pouco bonita de cara, mas do pescoço começava-lhe a beleza muito cortejada por homens sãos. O “mestre da escola-matemo-social” estava deslumbrado! Olhou durante alguns segundos, e cobriu o peito, nervosamente. E balbuciou:

– Pega o pano, Saki, minha grande amiga. Graças a ti, sinto-me homem pela primeira vez.

A moça saiu sem se despedir. Cheia de vergonha, ia pensando consigo mesma:

“Não percebo como cometi tamanho erro! Nenhum homem viu os meus peitos. Nem mesmo na cacimba do Kienda, quando uma vez eu e as amigas nadávamos e fomos surpreendidas por um homem! Nesse incidente a primeira coisa que fiz foi tapar o peito com as mãos e sentar-lhe na água... Deixar de atender um pedido de *kikata* como Kahitu, é difícil... Mas feio é ir até aonde cheguei. Eu creio na sua sinceridade. O que custa mostrar só?! Ele nada tira. Mas a vergonha que senti, meu Deus!... Muita gente fala mal do aleijado. Atribui-lhe calúnias de andar a desviar as jovens. Os rapazes quase o agridem, acusando-o de ser o mandão das raparigas. Os miúdos nunca o deixaram em paz. E ele diz: só em mim, como pessoa estranha, confia. Pronto, se a minha sina é essa, vou fazendo os possíveis... Mas, como me sinto perturbada! Cometi uma grande falta, deixar-se despir por um homem! Mas ele não é home, é um *kikata*. E quem sabe se lhe negar o que me pede, sou capaz de nascer um monstro como ele?”

Desde esse dia Saki nunca mais apareceu às reuniões, facto que despertava a atenção às companheiras e ao próprio “mestre”, que vivia atemorizado.

²⁴⁶ *jimbala* – parede de casa (por extensão) (N.A.).

Uma reunião sem a Saki não tem expressão de vida. Foi preciso mandar-lhe recados para voltar à “escola de civismo”. Mas não se mostrou tão animada como antes.

Kahitu tinha descoberto um brinquedo. Fazendo pedidos constantes à moça, para o deixar observar os peitos. Bastou a primeira vez para Saki se deixar embalar. E o astuto mestre observou, observou, observou e ela, já sem o *ndjungu*²⁴⁷ na face, foi deixando, deixando, deixando...

Saki, mesmo soberba, como era alcunhada pelos rapazes, tinha os seus amigos, e mantinha-os à distância quando quisessem ultrapassar os limites da amizade.

Meses depois a moça começou a aparecer mais bonita e atraente aos olhos do povo. E mais conquistadores apareciam, atraídos agora pelo *kikumbi*.

Aparecia espaçadamente às reuniões. Sentia muita moleza e náuseas matinais. Uma vez ou outra aparecia no *sungi* para comandar os brinquedos da juventude. Gozava de muita simpatia da parte dos garotos. Sabia entoar muitos cantos regionais.

“– Dia njila, dia njila ué

– Dia njila

– Ta’ etu ku muiji ué

– Dia njila

– Mam’etu ku muiji ué

– Dia njila”²⁴⁸

Uma noite, no *sungi*, ela cuimbilava²⁴⁹ esta canção aos seus meninos. Estes respondiam em coro à voz da mestra. Trazia os panos bacados. Um outro pano enrolado sobre as ancas que se moviam com os movimentos que a brincadeira exigia.

O luar muito claro iluminava as formas da menina soberba.

247 *ndjungu* – medo, receio, pudor (N.A.).

248 *Dia njila...* – canção popular (N.A.).

249 *cuimbilava* – fazia cantar; cantava o solo (N.A.).

Estava bonita! Até a cara estava embelezada pelo *kikumbi*. Na assistência encontravam-se alguns rapazes vencidos e não convencidos pelo “não” seco da comandante da brincadeira.

– Saki, deixa agora estes garotos, nós mais velhos também queremos brincar – pediu um dos moços.

– Vamos brincar o *Ndolonga* – sugeriu Kaxiki, do conjunto.

Formada a roda de rapazes e raparigas, todos começaram a bater palmas, ao mesmo tempo que entoavam a canção de *Ndolonga*.

Os da roda, além de *kutonda*²⁵⁰, *cupudicavam*²⁵¹.

A Saki e o Bonga entraram no centro da roda para fazerem o dueto. A coincidência do par despertou a atenção dos outros dançarinos e da assistência em geral. Porque o Bonga tinha sido um dos insistentes pretendentes da Saki, e que vira as suas pretensões seguirem o rumo dos outros. Era o que em tempos pensou raptar a companheira do duo.

E assim começou a *kizomba*²⁵², entre palmas, passadas e umbigadas:

– Jina dié, nanhi ué?

– Ndolonga

– Jina diami Saki-ué

– Ndolonga

– Uasokana'té bebi-ué?

– Ndolonga

– Ngasokana kua'alun'géé

– Ndolonga

– Koué nanhi ué?

– Ndolonga”

– Kou'ami Mbeji uee

– Ndolonga

250 *kutonda* – bater palmas (N.A.).

251 *cupudicavam* – batiam palmas rápida e cadenciadamente (N.A.).

252 *kizomba* – dança; brincadeira; divertimento (N.A.).

- Eme nguam’ami ue
- Ndolonga
-
- Kaiala ualeembeel o môngua.
- Ku ulo ué
- Usau ua-mu-kuata
- Ndolonga.

Esta estrofe acabou debaixo de sembadas desenfreadas e de palmas fortes – *Ndolonga!*...

– Esta não chega, queremos mais brincar o Kaxéé, mana Saki, um favor só, vamos – pediam os garotos.

– Vamos, mas depois não aceito mais.

Roda feita, panos bacados e a canção entre palmas e assobios começou:

Kaxéé...
Uééé... lelé Kaxé
Kaxe ka mbala Tumba
Kaxe ka mbala Samba
Kixima kia muenge
Nimbala dia Alunga
Eie boba nudum... eie boba ndum...
Nhungunuka:
Nzele nzetu
Mbandu ia kamukua Nzelele nzetu
Ba akutekula
Teku teku teku
Ba akuzakula
Zaku zaku zaku

Kisoko

É quase certo que a mãe é a última pessoa a observar o estado de gravidez da filha, quando solteira. Geralmente são pessoas estranhas que denunciam esse estado.

Quando Saki pisava milho para fazer fuba, apareceu-lhe uma mulher de kisoko, já idosa. Esta sentou-se no *kinu*²⁵³ onde a moça fez o trabalho. A rapariga peneirava a parte do milho pisado. Com o *kibandu*²⁵⁴ pequeno nas mãos, estava inclinada sobre o *kibandu-kia-kuzala*²⁵⁵, no chão, aonde caía a parte limpa do cereal. O “*quimoni*” curto com que cobria o tronco estava largo, e deixava ver bem o peito e o ventre.

A *mukudá-kisoki*, bem instalada no *kinu*, observava com muita curiosidade os movimentos e as formas da rapariga. Tanto mirou e remirou, disse:

– Tu estás muito elegante estes dias! Estes olhos tão vivos e este corpo meio loxocado²⁵⁶ parecem de uma mulher que se meteu com um homem.

– Ó Buanga, se vens cá com conversas porcas é melhor andar – disse a rapariga, assustada, não gostando do motejo.

– Bolas, já não se pode brincar com uma comborça? O que tu chamas conversas porcas? Estou a dar-te uma lição de maternidade. Vale mais ouvires os segredos das mulheres da minha boca do que na boca de outras... Estas tuas mamas (a velha kisoko inclinou-se e bulatou-as²⁵⁷, Saki deu um grito) andam à espera do homem que ainda não nasceu,

²⁵³ *kinu* – pilão (N.A.).

²⁵⁴ *kibandu* – peneira (N.E.).

²⁵⁵ *kibandu-kia-kuzala* – peneira de kuzala (tipo de esteira) (N.E.).

²⁵⁶ *loxocado* – enfraquecido (N.A.).

²⁵⁷ *bulatou-as* – apertou-as (N.A.).

não é?

– Ai, sua porca, ordinária, vens tentar-me? Daqui a pouco abandono o trabalho e vou andando!

– Vais para onde, tu não tens casa nem marido? Inh, fala, para onde?...

A velha Buanga levava o caso a brincar, como é hábito nesse preceito de *kisoko*, onde os gracejos não respeitam idade nem condição social. Porém a Saki estava tremida; sempre que a velha quisesse dizer qualquer coisa, ela manifestava inquietação.

– Fala, tens ou não homem?

– Chatiça!²⁵⁸ Estás a oferecer-me homem, és tu que me arranjaste?

– Ó pá, não digas isso. Foste a rapariga mais cortejada nestes últimos tempos, e nenhum homem te serve. A tua resposta foi sempre que “o homem para mim ainda não nasceu”...

– Pronto, Buanga, gira²⁵⁹!

– Não meurras como uma cadela. Irei quando me apetercer. O *kisoko* foi adquirido desde os nossos avoengos, para falar o que a gente quer. Só vou se me deres um pouco de *mukunza*²⁶⁰, resolve! Porque quero soltar a língua...

– Está bem, dou-te a mukunza e está a andar.

A moça tirou umas mãos no monte de *pône*²⁶¹, e deitou-as na ponta do pano da Buanga. Esta, antes de sair, inclinou para o ouvido da rapariga e ciciou:

– Mas, *mukuá-kisoko*, confessa-me! Com estas mamas rijas, cara de três meses, e esta *mbunda*²⁶² a volumar, não estás mesmo grávida?

– *Aia-iaiaiaia, tunda-tunda, kumita kumita n’heie enge nhi mulenge?*...²⁶³

258 *Chatiça!* – Porra! (N.E.).

259 *gira!* – desaparece! (N.E.).

260 *mukunza* – canjica (N.E.).

261 *pône* – milho pisado e preparado para fazer fuba ou matete (N.A.).

262 *mbunda* – nádegas (NA).

263 *Aia-iaiaiaia...* – Ai, ai, sai-sai, engravidar, engravidar, é contigo ou com o vento? (N.A.).

– Comigo não. Tu pensas que a gravidez só se apanha depois de casada? Ali no vosso sungi já se deram muitas “barrigas”.

Buanga saiu a correr e sorrindo.

A rapariga acabou o trabalho com muita dificuldade. Uma sensação de tremor tomou-lhe todo o corpo. E sentia calafrios. Temia que a lingüeira Buanga não motejasse apenas.

Uma velha experiente tinha descoberto o estado em que se encontrava, e era capaz de dizer a todo o mundo. A “gaja” é de *kisoko*, mas a conversa não é de *kisoko*... “Será verdade que eu esteja mesmo grávida? Como?!... Um aleijado não faz filho, dizia o mano Kahitu. Será que a bondade que tive por kikata me custe vexame e a morte? Eu, ser humilhada pelo mundo inteiro!?!...”

A rapariga despertou dos seus pensamentos e entrou no quarto.

Apalpou a barriga, e disse consigo: “não há nada. A Buanga é uma brincalhona antiga. Mas estes enjoos e sintomas idênticos aos de uma mulher grávida como os descrevia o mano Kahitu! Hui, que desgraça!!”

Pelo caminho, Buanga, ao encontrar-se com Mbamba, mãe de Saki, despertou-lhe:

– Mbamba, peço reparares bem na tua filha. Aquele brilho de cara, aquele olhar comprometedor, e o andar que não é de uma menina saudável, e quem como a Saki que sempre foi rija, são indícios de gravidez.

– Hahaàà (Mbamba deu uma gargalhada estridente)... Tu és *kisoko* muito desbocada, pensei que fosse uma conversa séria, afinal são sempre as tuas brincadeiras. Quando é que se confia numa pessoa de *kisoko* que anuncia mortes onde há saúde e dá novidades que não existem?! Vai a tua vida, Buanga, e deixa a minha filha em paz.

– Juro, *ngedi ngãã!*²⁶⁴ caçoada fora. Estou a falar a sério, põe-se de parte o *kisoko*. Venho da tua casa, olha (mostrava a ponta do pano que

²⁶⁴ *ngedi-ngãã!* – palavra de honra! (N.E.).

continha a mukunza), roubei-te um pouco disso. Reparei a rapariga e está mesmo com “dois corpos”.

A mãe Mbamba pôs de sobreaviso algumas parentes para confirmarem ou não as suspeitas de Buanga. Já tinha observado a filha; de facto estava com *kikumbi* exagerado. Mas, gravidez, gra-vidéz, como e com quem, meu Deus?! Que azar, que vergonha!

Dias depois soube das parentes que, de facto, a rapariga estava concebida e julga-se a caminho de três meses.

Baku, já na cama, foi posto ao corrente do facto pela mulher.

Nessa noite quis levantar-se para interrogar e surrar a filha.

– Calma, Baku, amanhã é dia. Vai tudo devagar. Pode ser que a gente esteja enganada.

– Enganada, com uma filha com três meses?! Tu andas aqui em casa e não sabes do que se passa, e ainda estás à espera dos milagres dos enganos?

– Mas que culpa me cabe neste negócio, Baku? Não fizemos tudo para que ela aceitasse o casamento, de tantos pedidos que nos fizeram?

– Já em tempos pedi-te que suspendesses as suas idas àquela casa de *kinzangala* do senhor Kahitu. Respondeste que a deixasse divertir-se.

– E estás convencido que a gravidez que ela deve ter proveio da casa do *makudi*?

O casal falou, barafustou e discutiu toda a noite. Nessa noite, velho Baku fumou mais de cinco cachimbos para disfarçar a dor que lhe triturava os miolos. E não dormiu.

Logo de manhã cedo, Saki foi chamada para o interrogatório. Faziam parte da reunião familiar duas tias.

– Saki, tu estás grávida! Dizes com quem? – perguntou uma das tias.

Ao ouvir a pergunta, Mbamba meteu a cabeça entre as mãos, e com os dedos procurava tapar os ouvidos. Soluçava e abanava a cabeça, num gesto de profunda mágoa.

– Responde, menina! Queremos saber o menino desta proeza.

Saki mantinha-se calada. Com a cara virada para a *kipapa*, parecia uma pessoa a vaguear em imaginação.

Sentados fora, mas próximos da porta do quarto onde passava o interrogatório, estavam a conversar: Baku e o irmão mais novo, dois velhos, amigos da casa, e dois irmãos de Mbamba, também chamados para deslindarem a pouca-vergonha da sobrinha.

– Menina, fala! Não viemos cá para perder tempo. Se tivesses um noivo evitar-te-íamos a maçada. Agora, uma menina como tu, que nunca nos apresentaste um cavalheiro, e apareceres em estado em que te encontras é uma vergonha para toda a família – insistiu a outra tia. Mas a rapariga andava alheia a todas as perguntas e comentários. Tinha optado pela tática do silêncio.

– Fala! – berrou a tia, muito exaltada.

No quarto surgiu o irmão de Baku:

– Saki, fala! Porque senão vais apanhar uma sova que nunca experimentaste na vida. Não estamos aqui para contemplosões.

A moça mantinha-se muda, perante os rogos da mãe e a impaciência das tias. O tio começou a surrá-la com um chicote de *ngifi*²⁶⁵.

– Se for preciso um cacete, dê-lhe – recomendou o velho Baku, na porta do quarto.

Nem por isso falou. Procurava defender-se apenas. E chorava numa voz sumida. Não era a bela voz que se ouvia no *sungi*. Nem a das gargalhadas na casa de *makudi*.

– Fala, minha filha! Veja só, então, as *midimba*²⁶⁶ nas costas e nos braços! Porque estás a sofrer, filha? Só queremos que confesses...

– Ó cunhado, pára de bater, assim mata-me a filha. Logo, eu...

Mbamba não tinha acabado a frase, quando Baku, que da porta observava tudo, avançou para o quarto e deu um estalo na mulher. Acudiram imediatamente os cunhados.

²⁶⁵ *ngifi* (*jifi*, *jingifi*, *jifika*) – planta fibrosa (NA).

²⁶⁶ *midimba* – sulcos provocados por vergastadas (N.E.).

– Mandas parar porquê? Não vês que esta *diuta*²⁶⁷ sujou o nome da família, e ainda estás a acudi-la? Pelos vistos estou a ver que sabes da conversa!

– Não me acuses, Baku, nada sei. Estava a dizer que, logo, era capaz de arrancar-lhe a confissão com a ajuda de outras pessoas. Não a castiguem mais, peço-vos! – pedia a mãe, de joelhos e entre lágrimas.

– O que achas estranho, Baku, neste caso tão vulgar e que se dá com muito boa gente, e...

– Cala-te! Estes casos deram-se desde sempre, e não deixaram de ter o castigo merecido, e dependia da maneira como se davam, porque, nos tempos passados, casos como estes, alguns deles pagavam-se com a morte do atrevido rapaz, e da rapariga que vexasse uma família de respeito; assim se fazia para o mal não passar aos outros filhos, não acham? – perguntou, olhando para os circunstantes.

– É assim mesmo, e ainda hoje não está totalmente acabado esse castigo. Porque, a filha que faz baixar a “crista” dos pais, seu corpo servia para fórmula mágica dos feiticeiros e dos quimbandas – respondeu um dos velhos.

– Pouca-vergonha, pouca sorte é a minha! Na sanzala andarei de cabeça baixa. Para as lavras sairei de madrugada e de lá voltarei à noite. Feito fugitivo, por mau passo de uma filha que não soube honrar a casa dos pais – lamentava Baku.

– Mas porque é que esta Saki não confessa o nome do rapaz?! Pois que aqui é onde reside a complicação toda, ai que azar nosso! – interveio uma tia, cortando a palavra ao Baku, que, em seguida, prosseguiu:

– Ainda mais isso!... Cometeu, conta a verdade aos parentes, não conta! Quando ela se viu nessa pouca-vergonha, valia mais que se entregasse à casa do criminoso. Nada feito, nem uma nem outra. E com que cara posso eu olhar para o povo, ela que não tem namorado, pelo menos conhecido em casa? Porventura serei eu o acusado dessa

²⁶⁷ *diuta* – víbora (NA).

monstruosidade? Bolas... bui-bui-bui brrr nnnn... – Baku, xinguilando, avançou com as mãos abertas e os dedos em garras, para o pescoço da filha, pronto a sufocá-la. Mas a tempo intervieram as mulheres e os velhos:

– Ai Baku, *ku kibange; eha, ambula, eha Baku! Mona u-mu-dingila ba boto? Kivuadi kilomba polo, kilombe muxima*²⁶⁸ – ao mesmo tempo que assim rogavam ao Baku, outros iam-lhe batendo, levemente, com a palma da mão na cabeça, dizendo preces, para acalmá-lo e expulsarem o espírito que se apossara dele: – *Tulama, kulama kilundu kia Nginza, vutukal... Tulama, kulama...*²⁶⁹

A gente da sanzala e de outras vizinhas estavam a par do incidente de Saki. Enquanto alguns cavalheiros que a pretenderam esconjuravam a moça, e faziam comentários disparatados, outros aguardavam ser acusados como autores da proeza.

O nome de Bonga, com quem dançara o *Ndolonga* no *sungi*, pela última vez, estava sendo apontado como um dos capazes de cometer o crime.

Houve quem apontasse o nome de Kahitu, mas foi logo vaiado. Um aleijado e sem jeito para o resto, vá lá agora meter-se com a simpática Saki! Só a pensar nisso é uma injustiça que se faz ao paralítico... coitado! Ele que foi, durante muito tempo, *kiledi*²⁷⁰, “mestre”, professor e conselheiro de algumas gerações e nunca sequer falou a uma “pupila” para um namoro, atribuir-lhe essa calúnia é um crime grave!... A mulher é um bicho grande... Porque ela não quer falar?... – Eram estes e outros comentários que se teciam à volta do caso da gentil Saki.

A rapariga passou mais um dia em jejum. À noite, a chamado da velha Mbamba, veio a Sange para ver se convencia a amiga a confessar. Porque o Baku era capaz de matar a filha.

²⁶⁸ *Ai Baku...* – Ó Baku, não faças isso! Larga, deixa, Baku! Estrangulas a filha na presença de pessoas? Um pai pinta a cara mas nunca o coração (N.A.).

²⁶⁹ *Tulama, kulama...* – Calma, sossega Espírito sanguínário, arreda!... Calma, sossega (N.A.).

²⁷⁰ *kiledi* – ama (N.A.).

As duas amigas, sentadas no luando, trocaram algumas impressões. A voz da Saki mal se ouvia.

– Saki, quando fui raptada contra minha vontade, porque esperava por um casamento respeitoso, foste tu quem me convenceu a mudar de capricho. Agora, vim pedir-te um favor: dizer-me quem é o mano desta obra que trazes no ventre? Que mal há nisso, o de ficares grávida? Há tantas que ficaram nas tuas condições e vivem felizes. Ainda temos muitos dias de gozos, não te sacrifiques com a surra diária que estás apanhando. Deixa-te de caturrice. O mal está feito, nada vale o capricho... Vês como estás amarela, durante os dias que estás fechada no quarto, nem fora queres sair, que estupidez!... Passa cá essa cabeça para te fazer algumas tranças! – disse, por fim, Sange, numa voz meiga.

Saki escutava a amiga, que não tinha acabado de aconselhar. Tinha agora a cabeça encostada no regaço da Sange, que também estava concebida. Com as cócegas que sentia na cabeça, ora uns *ituiki* ora uns *ifune*²⁷¹, a rapariga adormecia. Há três dias que não pegava no sono, lutando com a consciência, com a surra e com o vexame.

– Estás a dormir, Saki?

– Estou a cochilar. Sinto-me fraca, não como desde antes de ontem e...

– O que é, rapariga!?

– É o que te digo, Sange. Não tenho apetite nem sono. Sofro... Já pensei enforcar-me. Mas a morte é pesada (lagrimou). Pus as duas coisas na balança: o suicídio e o vexame. O suicídio é pesado. Não posso com ele. A tua presença tirou-me da agonia em que me debato. Eu... – interrompida pela mãe Mbamba, que, ouvindo a voz da filha, entrou rapidamente no quarto e disse:

– Estás a falar, filha? É isso que eu disse, Sange, vocês se conhecem e entendem. Terias evitado todos estes aborrecimentos se falasses, Saki. Andas aí a definhar-te sem necessidade. Se tu morreres, também vou

²⁷¹ *ituiki e ifune* – estalidos (produzidos na cabeça com os dedos) (N.A.).

contigo. Não fico, porque...

– Ai, eu não quero barulho aqui! – disse a Saki, cortando a palavra à mãe. – Portanto, mãe Mbamba, sai e deixa-nos sós – acrescentou a Sange. – Vá, continua, Saki.

– Eu cometi o crime mais monstruoso! (a rapariga soluçava)...

– Tu és burra; pelo facto de ficares grávida, chamas a isso um crime monstruoso? Lembras-te, quantas raparigas que o Kahitu nos apontou e passaram pelo mesmo caminho? E quem as vê, hoje, na rua, alguém se lembra do passado delas?

– Está bem, mas o meu caso não tem precedente. Espantar-te--ás quando te confessar que o autor da gravidez deve ser o Kahitu, o único com quem me “admiti”...

Sange abriu a boca, deitando a língua fora. Quis dizer alguma coisa. Preferiu calar-se para não abominar mais a outra. E conteve-se durante alguns minutos...

– Mas não dizem que é o Bonga? Ainda o meu marido disse-me à noite que, conversando com o Bonga, este lhe dissera que não era ele, mas se lhe impingirem a Saki, aceitava-a, bem como o seu fruto. Ora, um homem que fala dessa maneira, deve ser ele mesmo. Porque, quem havia de aceitar uma gravidez de outrem?

– Sei que o Bonga anda perdido por mim, assim como outros rapazes. Já cá recebi recados do Chico e do Miguel, propondo para acusar um deles. Mas eu não quero. Nunca conheci outro homem senão Kahitu. Cedi, porque confiada estava que ajudava um *kikata kia Nzambi*. Deves lembrar-te que Kahitu dizia que um homem como ele não faz filho: ordens de Kituta... Ele manifestou o desgosto de morrer sem conhecer o peito de uma moça. Pediu, exigiu que lhe fizesse esse favor. E fez. Que mal há nisso? – dizia comigo. Eu ou a Sange faria o mesmo para um coitado e amigo como Kahitu. Pediu-me mais vezes e fui deixando. Até que um dia tomou-me. Nesse dia não sei como estava. Parecia uma pessoa hipnotizada, porque não reagi sequer. Pela roupa, senti-me ferida. Foi quando me revoltei e quis arremessar-me a ele. Mas,

mais uma vez a voz da complacência venceu-me. E nada fiz. Desde esse dia criei ódio de morte ao *kikata*. Nunca mais fui às reuniões. E nunca pensei que ficasse neste estado. Porque em primeiro lugar ele é um *kikata*. E, por último, como ouvimos dizer das cunhadas, mulheres de *kisoko*, de amigas já casadas e dele próprio, Kahitu, uma *muzelekete*²⁷² não concebe no primeiro contacto com o homem. Mesmo no dia em que a Buanga despertou-me a atenção, não temi tanto, porque a gaja era de *kisoko*. Ainda hoje, amiga Sange, tenho as minhas dúvidas de que seja filho o que está nesta barriga (apalpava-a com os dedos). Deve ser um *kikata*.

Logo que acabou o relato, mudou de posição sentada, e estirou-se no luando, fazendo almofada as coxas da Sange, que continuava xaxatando²⁷³ os cabelos da amiga.

– Olha, minha grande amiga, para evitarmos maior escândalo, atribui-se o seu estado ao Bonga ou ao Miguel ou ao Chico. Porque, se confessar o nome de Kahitu, a indignação do público crescerá, e o coitado que sempre quiseste agradar ver-se-á em apuros incalculáveis. Se tiveste pena dele, agora deves ir até ao fim, poupando-o do linchamento, por parte dos cavalheiros que te namoraram, e dos olhos dos feiticeiros que nessas ocasiões aproveitam razões para os seus fins maléficos. E estou certa que Kahitu cometeu sem contar que havias de ficar grávida...

– Não. Criei agora vida. Direi a verdade. Dizem os velhos que atribuir uma barriga a outro homem, quando se tem conhecimento que não é o autor dela, no dia de dar à luz a parturiente não aguenta e morre. Nestas condições, citar o nome de um daqueles moços era o mesmo que aceitar o suicídio que procurei evitar. Se uma mulher grávida tiver relações com outro homem, é o suficiente para causar a morte, no dia do parto; o que acontecerá se impingir uma barriga?

– Mas isso não se chama impingir, Saki, porque o rapaz é que quer.

272 *muzelekete* – donzela (N.A.).

273 *xaxatando* – acariciando (N.A.).

Ele tem conhecimento da causa. Vamos evitar-te o maior vexame e pouparmos a vida do Kahitu.

– Não, Sange. Direi a verdade. Um daqueles rapazes aceitará o crime, para diminuir-me a vergonha e poupar a vida do *kikata*. Mas com o rolar dos tempos atirar-me-á, constantemente, ofensas à cara. E o sofrimento será para sempre. Não quero. O primeiro homem que conheci é o Kahitu, mas o fruto do meu ventre é de kituta, assim penso.

– Então poderei dizer à mãe Mbamba toda esta história?

– Sim. Basta dizer-lhe que foi o Kahitu.

– Jura-me de que, venha o que vier, aguentarás tudo sem mais a ânsia de suicídio?

– Sim.

– Não sejas tola. Todo o mundo gosta de ti. Não sei o feitiço que tu tens. Vê lá tu, até o meu marido, que era para ser teu, quando está de bom humor, fala de ti e de uma maneira que deixa ciúme. – Todas sorriram, mas a inconfundível gargalhada da Saki não se ouviu.

– Mostra ainda a tua barriga! Para ver se está igual à minha. E depois mostro-te também.

A muito custo Saki desenrolou os panos. A Sange também pôs a barriga à mostra. Olharam-se e sorriram novamente. A *dixatxa*²⁷⁴ característica da rapariga mais adorada estava apagada. Só a kimuemua que transparecia nas suas bochechas manifestava alegria sumida...

– Sesa²⁷⁵ – ouviu-se gente fora que batia à porta e pedia para entrar.

– Quem é? – perguntou Sange.

– Somos nós...

– Entrem... Bem, Saki, já vou-me embora e até amanhã de manhã cedinho. Fiques agora com as moças que te vêm visitar. – despediu-se

²⁷⁴ *dixatxa* – gargalhada (N.A.).

²⁷⁵ *Sesa* – Licença; dá licença (N.A.).

Sange.

Algumas frequentadoras da casa de *kinzangala* de Kahitu, em número de dez, vinham à antiga companheira, agora envolvida numa maka de vida ou de morte. Atrás delas, um grupo de rapazes perseguias, como um cardume de peixe a uma isca. Mas foi fechado fora – proibido a entrada! Bonga, Miguel, Chico e mais outros estavam fora, resmungando, à espera das visitantes.

Bonga não se conteve. Dirigiu-se à velha Mbamba, na cozinha, pedir consentimento para ver a doente.

– Vai-te embora, seu atrevido! Ensarilhaste-me e ainda vens cá fazer pouco de mim? Tens sorte por o Baku ter saído agora. Mas espera aí, “*uondo-moné iabila m'onzo*!”²⁷⁶ Amanhã no Soba, seu bandido, vigarista. Teus pais hão-de me ouvir. Lá porque te julgas homem já te sentes com coragem de vir enfrentar-me. Retira-te já da minha porta, antes que não se espete esta lenha de fogo na cara, grande cachorro... Paz e sossego acabaram no meu lar.

Por tua causa. A sanzala inteira ri-se de mim e tu o vens fazer mesmo na minha cara...

Bonga ficou intrigado perante a atitude da velha. Mas, embora se sentisse enxovalhado, e na presença dos companheiros e de outras pessoas que passavam, em parte satisfeito, por pensar que era ele o acusado pela Saki.

Miguel e Chico, com o insulto da velha, dirigido a Bonga, ficaram como ofendidos e desbancados das pretensões que alimentavam. Saki tinha ficado com o Bonga! – pensavam.

Saki, ao ouvir o raspanço da mãe, quase que tremia de raiva, por julgar que o Bonga vinha apresentar-se como o autor. (Aquele palerma de Bonga compreendeu mal a resposta que lhe mandei dizer ou o portador o enganou? – dizia consigo.)

Absorvida nos seus pensamentos, tinha-se esquecido das amigas,

²⁷⁶ “*uondo moné iabila m'onzo*!” – “vais ver o que se queimou em casa” (*Espera pelo que te vai acontecer*) (N.A.).

que também escutavam silenciosamente a Mbamba.

Nesta noite, o povo da sanzala tomou conhecimento de que o autor da gravidez da Saki era o Bonga. O mesmo boato chegara a Kahitu, que se encheu de satisfação por escapar de um crime que lhe podia custar a vida, e falou de si para si:

*"Nzambi iami ia-ngi-manena!"*²⁷⁷ Vejam só o azar, se a Saki me falasse que era eu!... A Saki é mesmo amiga de verdade, é parente como no mundo não tem mais... Mas, também, para a Saki contar o nome do Bonga, parece que o Bonga também foi lá! Mas a rapariga parece que estava virgem. Não sei como vou fazer para chamar Saki e falar com ela... Bem, *mufulukuku ubite hanji nhi kuzele*²⁷⁸.

Na mesma noite, que foi longa para muitos, Bonga foi instado pelos seus parentes e na presença do pai furioso.

– Foi você mesmo ou quê? Já costume dizer, rapaz, não gosto pessoa que ponha dedo no meu olho. Gosto tudo ir direito. Se você queria mulher, fala; agora ir fazer pouca-vergonha que faz sujar a gente, porquê? Foi você ou não foi? Porque eu não quero ver pessoa vir meter dedo dele na cara – perguntou o pai, que abanava nervosamente um *kixingu*²⁷⁹ que não conseguia acender o cachimbo.

– Papá, é esperar ainda, porque “primeiramente” vou falar com Saki.

– “Ora, chatiç’ome!” “primeiramente” é falar ainda com Saki para dizer mais como, se a gente já está dizer é de você mesmo!? – disse um dos irmãos mais velhos de Bonga.

– *Zuela, mon’ami, etu o milonga tu-i-bak’éé, nguetu mabalabala. Enge eie muene, uamb’eme. Nguetu ita*²⁸⁰ – pedia e aconselhava a mãe.

²⁷⁷ *"Nzambi iami ia-ngi-manena!"* – O meu Deus está junto de mim! (N.A.).

²⁷⁸ *mufulukuku ubite hanji nhi kuzele* – passe o nevoeiro e apareça a visibilidade (N.A.).

²⁷⁹ *kixingu* – tronco seco de madeira fofa e leve; acha (N.A.).

²⁸⁰ *Zuela mon’ami...* – Fala a verdade, meu filho, responsabilizamo-nos, não queremos complicações. Se fores tu mesmo, dizes: "fui eu"; não queremos sarilho (N.A.).



Ndum ni mu Mbanza²⁸¹

Como ficara combinado com Sange, a mãe Mbamba, um pouco antes de amanhecer, dirigiu-se para a casa da amiga da filha.

Sange estava a desenrolar a meada. Mas, quando chegou ao ponto de que o autor do acto era Kahitu, a velha Mbamba saiu a correr como louca, não deixando Sange entrar em pormenores. Posta em casa, foi directo ao quarto da filha e começou a buibular²⁸²:

– *Kahitu? Kuambe? Kidi enge dimi? Saki, Kahitu? Kuambe?! Kidi enge dimi? Saki?...²⁸³* – Mbamba espumava e as perguntas seguiam-se umas atrás das outras. – *Saki, Kahitu? Kuambe? Zuela! Ngi-di-nhenga, ngi-di-nhenga, zuela, kidi enge dimi?²⁸⁴* – berrava a xinguiladora²⁸⁵ de *kilundu*²⁸⁶ de *Kasamba*²⁸⁷ e de *Mutakalombo*²⁸⁸ e que neste momento tinha sido actuada por um dos espíritos, e começou a agitar-se diabolicamente no quarto da filha, dando urros que despertavam atenção do mundo.

Sange abandonou a casa, veio a correr até ao quarto da amiga, temendo que a mãe sufocasse a filha.

Baku já tinha ido “deitar” o pisa²⁸⁹ na Mbanza do Soba, contra o velho Mukita e seu filho Kahitu.

Com a confissão do escândalo invulgar – um paralítico como Kahitu engravidar a simpática e querida Saki – houve uma manhã agitada.

²⁸¹ *Ndum ni mu Mbanza* – Até na Mbanza (Tribunal ou Palácio do Soba) (N.A.).

²⁸² *buibular* – urrar, rugir (N.A.).

²⁸³ *Kahitu? Kuambe?* – *Kahitu? Verdade ou mentira? Saki, Kahitu? É verdade ou mentira?! Saki?...* (N.A.).

²⁸⁴ *Saki, Kahitu?...* – *Saki, é o Kahitu? Verdade? Fala! Enforco-me, enforco-me, fala. É verdade ou mentira?* (N.A.).

²⁸⁵ *xinguiladora* – médium; pessoa que invoca ou incorpora um espírito (N.A.).

²⁸⁶ *kilundu* – espírito; divindade não especificada (N.A.).

²⁸⁷ *Kasamba* – divindade protectora; o xinguilador desse espírito protege os sapos e rãs (Ngana Kapietele) (N.A.).

²⁸⁸ *Mutakalombo* v. divindade que protege e castiga, sobretudo os caçadores. Um dos deuses da justiça mais invocados (N.A.).

²⁸⁹ *pisá* – queixa apresentada ao Soba ou ao quimbar (cabo civil) (N.A.).

Todos aqueles que se dirigiam às lavras e a outras ocupações fincaram pé. Voltaram para assistir ao julgamento sumário que ia ter lugar nessa manhã, como prometera o Soba.

A gente da sanzala estava dividida nas suas opiniões e comentários. Havia a que condenava e achincalhava Kahitu e sugeria que o maroto fosse arrastado fora da sanzala. Pois não se sabia se se estava diante de um simples paralítico, para tamanha façanha, ou de um camuflado feiticeiro perigoso que acabaria por seduzir todas as filhas, através de *mbanze*²⁹⁰.

Outra gente desconsiderava a soberba Saki de quem, para muitos, não se esperava outra coisa ou até pior, como a morte causada por feitiço de um dos seus muitos pretendentes, rejeitados.

Linda manhã, de um sol suave derramado na relva viçosa que delimitava a comprida sanzala. Na relva rasteira despontavam *jiseia-ja-hánga*²⁹¹, que davam o aspecto de um campo plantado de cebolas. O chão e o ambiente ainda cheiravam a frescura de umas chuvas caídas há dias. Muito longe, lá pelos lados do Madimu e de Zenca do Golungo, o céu estava carregado de nuvens brancas, desenhando cogumelos e cadeias de montanhas sobrepostas – bom prenúncio de uma chuvada, dentro de dias.

Ali e acolá, nos pequenos declives e subidas, viam-se rebanhos de ovelhas malhadas e de cabritos pintalgados, que pastavam, berravam. Uma linda manhã, um bonito panorama, pena é que essa beleza contrastasse com o acontecimento que abalara a sanzala inteira!

O povo para o julgamento já se fazia em direcção à Mbanza. Passava, de passo pesado, na sanzala de *misonga*²⁹². O barulho das suas vozes comprimidas era velado pela sinfonia das cigarras agachadas nas *mulembas*²⁹³ e nas *milozas*²⁹⁴ cheias de flores rubras. O cantar da cigarra

290 *mbanze* – feitiço para atrair mulheres, para fins amorosos; amavio (N.A.).

291 *jiseia-ja-hánga* – plantas com bulbos parecidos com os das cebolas (N.A.).

292 *misonga* – plantas da família das acácias que se plantam próximo das casas para o seu cheiro afugentar as cobras (N.A.).

293 *mulembas* – árvores de copa volumosa (*Ficus welwitschii* Warb) (N.E.).

294 *iniloza* – acácias rubras (N.A.).

soava a uma música fúnebre.

Na multidão viam-se os makota, andando juntos com a assistência curiosa e as testemunhas. À frente do povo estavam os parentes e amigos do Baku e da mulher. No meio ia a Saki acompanhada da Sange e demais amigas. Estava atraente, embora mostrasse um aspecto pálido. Levava a cabeça coberta por "pano-de-cima". No fim da "procissão" seguia a família da falecida Mbombo, mãe de Kahitu, bem como os parentes e amigos do velho Mukita.

Este já estava sentado na sala de sessões, ladeado pelos seus filhos mais velhos que Kahitu, o qual ainda se encontrava ausente.

O Soba tinha ocupado o seu lugar. Alguns makota fizeram o mesmo. Os homens da Justiça fumavam e conversavam assuntos relacionados com lavras, sementeiras e chuvas, enquanto esperavam pelos outros *makota* e pelo réu.

A sala de sessões, que funcionava debaixo de um embondeiro frondoso e de diâmetro descomunal, estava repleta de gente de todas as idades. Dos seus muitos ramos, desciam *mixinga*²⁹⁵ que sustentavam bolas de *jimbungulula*²⁹⁶, muitas delas já rebentadas, mostrando as suas entranhas cheias de pétalas bonitas e de estames e filamentos complicados, às quais *jimbungulula* davam o aspecto de uns candelabros, de uns balões de enfeites, de uns globos de lâmpadas eléctricas.

Um sem-número de cigarras lançavam cantares que, para alguns circunstantes, soavam como música, para outros, sereias estridentes que lhes ofendiam os ouvidos, e, na assistência, ainda havia uns, atemorizados, que cochichavam, dizendo: o Kituta de Kasadi veio defender Kahitu – porque em tempo nenhum se juntaram tantas cigarras numa árvore e numa manhã como aquela!

As folhas do embondeiro e as *jimbungulula* abertas – que bonitos quebra-luzes, que ricos reflectores com rendilhado branco apresentavam! – oscilavam levemente, ao sopro suave de um vento agradável.

²⁹⁵ *mixinga* – pedúnculo (no caso de *jimbungulula*) (N.A.).

²⁹⁶ *jimbungulula* – frutos do embondeiro (*baobá*), de onde se formam as *makua* (N.A.).

Neste Tribunal tão bem ornamentado pela Natureza, julga-se o primeiro caso dessa espécie; em que um paralítico de nascença – e que paralítico! – engravida uma das raparigas mais requestadas nos últimos tempos.

A assistência, sentada e de pé, tinha formado um círculo. Vendo-se no centro os maiores e os principais da “dimanda”. Havia ainda muita gente sentada nas grossas raízes entroncadas do embondeiro, as quais se distribuía pela copa como jibóias monstras.

Kahitu, a noite passada, não pregara olho só de pensar como enfrentar o julgamento, que, geralmente, é público.

Consideram crime grave a um caso tão vulgar só porque sou paralítico! Assisti tantos casos desta natureza durante a minha vida e nunca houve tanto barulho, alarme! E por cúmulo queixam-me para ir diante de um soba que me detesta e de uma cambada de makota que não percebe nada de justiça. Tipos estes que só vêem o meu valor quando necessitam de lhes ler e escrever cartas. Cambada de makota que há anos denunciei vergonhosamente em pleno Tribunal, quando quiseram tomar a mulher do Kumbi para ser entregue a um dos velhos, seu amigo. Na altura fora eu quem escrevera a carta ao Chefe do Posto e servira de intérprete quando o Soba e a camarilha mancomunavam com o cipaio pago para prender e desterrar para S. Tomé o Kumbi, acusando-o de um inventado crime grave. É a este Tribunal de velhacos que me irei sentar para ser ouvido? Qual é o crime? Tanto fiz para esta gente, muitos rapazes e raparigas ajudei a crescer, muitos ensinei a ler e a escrever, enfim, fiz quase tudo e, no fim, como agradecimento: devo ser julgado num Tribunal composto por feiticeiros, gatunos, velhacos, interesseiros, ingratos. Não, não vou, ainda que eu tenha de ser arrastado. Se me deixassem ser julgado por um Chefe de Posto, talvez aceitasse. Mas não tenho pernas para me esquivar e ir até lá longe pedir justiça. Bolas, já suportei demais. Se de fato sou um dos enviados do Kituta de Kasadi, como dizia a minha mãe, porra, alguma vez na vida esta Kituta me ajudará. Lembro-me quando novo e frequentava

a Igreja e na cena de textos bíblicos que se referiam ao paralisado eu gritava: "Jesus, filho de David, tenha misericórdia de mim!". Houve momentos que sentia a impressão de que os pés estavam a querer mexer-se. Mas fiquei desiludido, não obstante a fé, a fé que o mano Pedra, fanático, recomendava. Textos de um passado e de um povo que a história registou. Se tu és Kituta mesmo, Kituta de Kasadi, da água que bebo e tomo banho, ao menos que tenha pena de mim...

Velha Mbamba, em vez de se dirigir ao Tribunal, lembrou-se de passar pela casa de Kahitu.

– Vim ter contigo para saber como é que me pregaste esta partida...

– Partida de quê? – titubeou Kahitu.

– Vim manifestar-te a indignação que sinto pela maior desgraça que causaste à minha filha. Nem posso compreender como é que a Saki aceitou pôr-se debaixo destes palitos (a velha Mbamba levantava uma perna inerte de Kahitu). Pois, Kahitu preferia que a minha filha morresse do que vexar a família inteira. Ainda se tu fosses homem, tolerava-se!

– Não fala assim – dizia Kahitu num tom de humilhação.

Tinha a cara virada para o chão.

– Não falo assim, porquê? Valia mais que ela fosse engravidada por um cão! Mas tu precisas de mulher para quê, inútil e inválido como tu, uma mulher para dar-lhe o quê? E onde é que se viu um kikata como tu ter mulher?

– Não fala assim – Kahitu, sempre com a cara voltada para baixo, tinha uma varinha na mão com que separava, inadvertidamente, umas pedrinhas. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

– Vejam a minha desgraça! (Mbamba, de mãos abertas, dirigia a atenção ao povo que ainda continuava a passar para o Tribunal.) Vejam a minha desgraça, ter um genro como tu! Não podes trabalhar para ti, nem para a mulher e nem para o filho que vem. Arranjaste aí a tua artimanha e seduziste a minha filha com feitiço, que recebeste no

Kimbiji, teu amigo, seu cão, desgraçado! Devias morrer no dia em que a tua mãe te teve. Ou, quando viram que estavas mirrado das pernas, deveriam atirar-te no Kasadi, donde os teus pais te buscaram...

– Não fala assim...

– Vai à merda, Kahitu! – vociferava Mbamba transtornada, e dava indícios de xingular novamente. – Vai à merda, Kahitu, *uevu?*²⁹⁷ Tanta paciência, tantos sofrimentos para criar e educar uma filha, e, no fim, o pagamento é um presente destes: um genro para-lítico que se rasteja e gatinha! À noite andas metido com as nossas filhas, como “mestre” de porcaria. Abusaste a bondade das nossas filhas que te iam distrair. Pensávamos que eras uma pessoa; finalmente, uma hiena que anda por aí... Um bicho com forma de gente...

– Não fala assim...

– *Kadié tuji*²⁹⁸, cala-te! Se me sobe o *Hitu*²⁹⁹, racho-te! Porque és um bicho do mato – berrava a mulher, que parecia estar fora de si.

Algumas pessoas que iam ao Tribunal pararam para ouvir a pregação da Mbamba. Mas ficaram tão penalizadas de Kahitu que tiveram de intervir, pedindo a Mbamba para deixar o moço. O caso já estava entregue ao Soba. Aguardemos. Já disseste o suficiente. O aglomerado foi desfeito com a chegada de um homem que disse:

– Kahitu, vamos na Mbanza!... Depressa, o Soba e makota tudo está na espera. – Era o “oficial de diligências” do Soba. O Tribunal estava constituído, só faltava o réu.

Mbamba abandonou o rapaz, mas pelo caminho ia lamentando e resmungando em voz alta. Kahitu pediu ao “oficial de diligências” para ir ao quarto mudar o calção.

E entrou no quarto. Debaixo da cama havia uma latinha que continha um medicamento para matar gafanhotos – era na época da praga dos gafanhotos. Pegou na latinha e emborcou o seu conteúdo.

²⁹⁷ *uevu?* – *ouviste?* (N.E.).

²⁹⁸ *Kadié tuji* – *Vai à merda* (N.A.).

²⁹⁹ *Hitu* – *divindade a que se atribui muitos males; espírito teimoso, melindroso* (N.A.).

O portador do Soba esperava, impaciente, cá fora. Mas ouviu algo que no quarto fazia estrondo e se debatia. Resolveu entrar para ver o que passava, e levar à força o réu, se fosse preciso. E deparou-se-lhe um quadro triste:

Kahitu contorcia-se de dores. Puxava inconscientemente a roupa de que estava vestido. E arrastava a que estava na cama. Dava *tubongamena*³⁰⁰, *tunjembe*³⁰¹, como um chimpanzé do circo, e a boca espumava, grunhia como um macaquito molhado. Tinha os olhos saídos. O quarto estava numa desordem.

O quarto!... Este cartório, escritório e antiga “sala de aulas”!! O *kambengela*³⁰² do Soba veio a correr para fora e deu o alarme de socorro! Entrou de novo para ajudar o escrevente, o ferreiro, o “mestre” de *miekieike*, e o “professor” da “escola materno-social”, em agonia.

Mukita e outros velhos fumavam soberbamente nos seus cachimbos de *ukumbu*³⁰³. Mas o público, na sala de audiências, levantou-se, despertado por umas mulheres que se dirigiam ao Tribunal, com choros, e abanando lenços e panos – sinal de grave acontecimento:

– *Kahitu uafuêêê, Kahitu uafuêêê!*³⁰⁴ – eram os gritos que se percebiam daquelas que vinham a chorar.

A multidão, makota e o próprio Soba, todos correram ao encontro das mulheres, e dirigiam-se à casa do velho Mukita.

Ainda Kahitu se debatia na agonia! Fez-se esforço para salvá-lo com vomitórios e outros métodos aconselháveis. Tudo feito. Mas nesse mesmo dia à tarde *kiabu ku dilenu Kahitu!*...³⁰⁵

A sanzala ficou consternada. Ouviam-se choros copiosos por todos os lados. Os garotos tinham perdido o companheiro de gozo, o professor e mestre, a figura característica de algumas gerações; os velhos e velhas

300 *tubongamena* – cambalhotas (N.A.).

301 *tunjembe* – cabriolas (N.A.).

302 *kambengela* – oficial de diligência; tb. garoto porta-recados (N.A.).

303 *ukumbu* – prestígio; tb. vaidade, personalidade (N.A.).

304 *Kahitu uafuêêê!*... – *Kahitu morreu, Kahitu morreu!* (N.A.).

305 *kiabu ku dilenu Kahitu!*... – *Acabou-se. Chorai o Kahitu!*... (N.A.).

jamais terão um escrevente ou leitor de cartas que soubesse traduzir o seu pensamento; os rapazes e raparigas da geração de Kahitu e da Sange, num coro de lamentação poética traduzindo poemas fúnebres, iam declamando-os pela sanzala fora através de gritos-de-choro pesados.

Kahitu seria enterrado nesse mesmo dia. Ao meio da tarde, o céu cobria-se de nuvens que passeavam sem direcção ao sabor de um vento suave. O sol escondia-se na altura que o corpo de Kahitu era depositado no caixão.

– Fazem depressa, para irmos no enterro, está a ficar escuro e é capaz de chover à noite – observou um velho kimbanda.

O caixão, do quarto, foi levado ao centro do quintal, onde um mundo o esperava. Choros.

De repente um vento forte sopra com insistência, o céu torna-se pesado de nuvens carregadas de aguaceiro. A multidão espalha-se à procura de abrigo.

– Tirem o caixão, tirem o caixão para dentro – vozes que gritam.

As árvores são sacudidas impiedosamente, os cabritos e ovelhas, do pasto, correm entre berros para os currais. Algumas casas de colmo cobertas a capim são destapadas e o capim levado em rebuliço nas alturas. Então, desaba um aguaceiro forte acompanhado de vento e trovoadas aterradoras,

– *Nvuleêê, nvuleêê!!!!...*³⁰⁶ – gritos do povo.

– Vamos assim mesmo aproveitar enterrar o corpo.

– Com esta chuva e trovoadas, como vamos enterrar? É melhor esperar porque tudo vai passar, depois vamos enterrar à noite, Chegam os coveiros do cemitério molhados até aos dentes e dizem que não é possível enterrar-se hoje porque a cova havia ruído.

... Não acabaram o relato quando um clarão acende, cega, escurece e ouve-se uma grande explosão:

Brrrruum...

³⁰⁶ *Nvuleêê!* – *Olha a chuva!* (N.E.).

Pânico geral!

As cabanas, muitas delas já caídas, ameaçavam incêndio. A noite ia alta e o tornado não esperançava parar aí. Pelo contrário, as trovoadas e raios continuavam a atemorizar o povo já enco-lhido nos cantos das casas. As descargas eléctricas eram tantas que as mães de cujos pequenos gozaram Kahitu iam de joelhos de quando em quando apalpar o lado do coração dos filhos, e por vezes levantavam-nos apertando-os contra si num abraço de temor e desconfiança. Lágrimas caíam. As baixas transbordavam de água de forma tal que nunca foi vista na sanzala. O pomar da nascente de Kasadi estava quase submerso. Na sua tumultuosa passagem, as águas diluviais, borbulhando, cantavam música mágica. Era madrugada e os galos não anunciaram o nascer de mais um dia. Quem atrevia vir cá fora? Ninguém. Os raios desenhavam figuras sinistras na noite profundamente escura. A terra cheirava a pólvora. Troncos de embandeiras desabavam, aumentando os estrondos ensurdecedores das trovoadas divinais. De quando em vez ouvia-se um choro aqui e acolá que não se sabia se era por Kahitu ou por causa de mais uma casa, curral, cozinha ruída, soterrando valores e haveres. Seria Kahitu ou a vingança de Kahitu? – cochichavam aqueles que ainda tinham coragem de o fazer. Velho Baku e a mulher, acorados com os filhos debaixo de uma tarimba porque o tecto da casa fora descoberto no princípio do tornado, nem mugiam nem tugiam. O vizinho de Baku, um velho corajoso kimbanda, conseguira chegar às casas de alguns mágicos, convidando-os para nessa madrugada fazerem uma sessão de magia que fizesse atrair os raios que atormentavam a população da sanzala. Práticas antigas que deram efeitos no passado.

A chuva caía, caía copiosamente, acompanhada ora de rebentamentos demoníacos, ora de ventos implacáveis. Estava a nascer o Sol. Exercícios de encantamentos, preces e cantos. Espalharam--se grãos de milho no chão, melhor dizer na água. De repente descem os raios em forma de galos de penas vermelhas. Bicom sofregamente o milho. As torneiras do céu continuavam abertas, apenas as descargas eléctricas diminuíram.

Mas alguém, não preparado, de uma casa abre à socapa a janela para espreitar o que se passava cá fora. Um dos galos desconfia, faz menção de voo, abre as asas, um clarão, e voa mesmo: nviêmm: Buumm, tratàtâtàtâ ... – O inferno, fogo e enxofre, o fim do mundo! O maior estrondo do tempo que ensurdece, reboa, reboa; fulminou casas, passou pelo quarto de Saki, que é atirada a distância da cama, jazendo no chão com uma abundante hemorragia vaginal. De manhã uma inundação completa ameaçava a sanzala, já que as baixas não suportavam o volume das águas caudalosas.

Com mais três pessoas fulminadas pelas faíscas, só no terceiro dia foi a enterrar Kahitu e num buraco cheio de água, sofrendo o povo anos os efeitos da chuva que lhes tinha levado as sementeiras, casas, animais domésticos e familiares.





Kahitu



Quer tivesses nascido do ventre de uma mulher, quer concebido pela minha imaginação e parido pela minha cabeça, presto--te homenagem, ao colocar no teu túmulo uma lápide, com esta inscrição:

KAHITU

Kiximbi kia zaléle

Kuuaba m'kuiba

Anga adia

Au' a-mu-dile ue

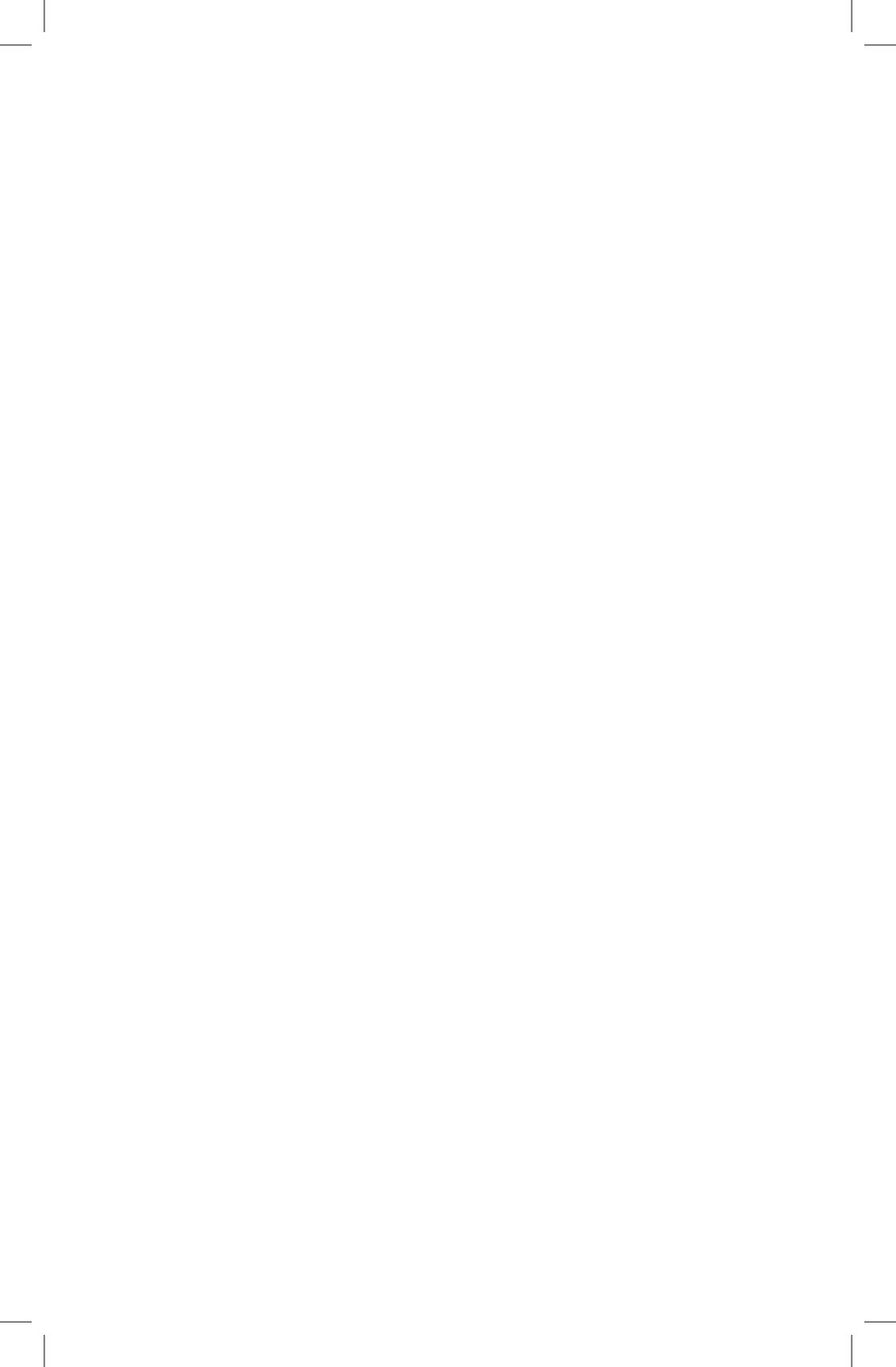
(Um privilegiado que dera um banquete

Ao Bem e ao Mal

Comeram.

E, no fim, “comeram-no” também.)

Tarrafal (Cabo Verde), 1968



BIBLIOGRAFIA DE *Uanhenga Xitu*



Agostinho André Mendes de Carvalho é o nome de Uanhenga Xitu. Nasceu em Calomboloca, Icolo e Bengo, a 29 de Agosto de 1924. Fez os seus estudos primários e secundários em Luanda. Fez o curso de enfermagem em Luanda, profissão que exerceu durante muitos anos deslocando-se por todo o país, que conhece bem. Fez

estudos em Ciências Políticas na Alemanha (Ex-RDA).

Em 1959 foi preso, tendo feito parte do chamado “Processo dos 50” e enviado para o Tarrafal onde permaneceu de 1962 a 1970.

Após a independência foi Membro do Conselho da Revolução, Comissário (Governador) da Província de Luanda, Ministro da Saúde de Angola, Embaixador de Angola na República da Polónia, Actualmente é Deputado à Assembleia Nacional pela Bancada do MPLA, tendo sido membro do Comité Central do MPLA até 1998. É membro da União dos Escritores Angolanos.

Sobre as personagens que recria nas suas obras, Uanhenga Xitu diz: “As personagens do meu mundo ficcional, a princípio apenas imaginadas, vão-se autocriando, ganham rosto próprio e, mesmo quando lhes dou mais atenção, tornam-se tão autónomas no interior da minha narrativa, e nem sempre o destino que lhes traçara acabará por se cumprir. Nunca soube, antecipadamente, o fim que cada um teria. O Kahitu, que era tão dócil na redacção das suas cartas, não conseguira convencer... Nunca o tive como modelo acabado.”

Foi na cadeia que começou a escrever os seus contos, tendo para

isso sido aconselhado por alguns dos seus colegas e amigos de prisão como António Cardoso e António Jacinto.

Suas obras publicadas são: *O Meu Discurso* (1974); *“Mestre” Tamoda* (1974); *Bola com Feitiço* (1974); *Manana* (1974); *Vozes na Sanzala (Kahitu)* (1976); *Os Sobreviventes da Máquina Colonial Depõem* (1980); *Os Discursos do “Mestre” Tamoda* (1984); *O Ministro* (1989); *Cultos Especiais* (1997), *Mungo (Os Sobreviventes da Máquina Colonial Depõem...)* (reedição, 2002).



